

JANICE WESTPHAL ROMAN NAPPI

**A VOZ E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
– um encontro possível**

Florianópolis - SC
2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA**

**A VOZ E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
– um encontro possível**

Janice Westphal Roman Nappi

*Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da
Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Título de Mestre em Educação Científica e
Tecnológica.*

**Orientador: Walter Antonio Bazzo
Co – orientadora: Vivian Leyser**

2006

Dedicatória

Ao meu marido, voz coerente e sábia que me incentivou com sua atenção, paciência, disponibilidade e carinho.

A todos aqueles que acreditaram em meu projeto e beneficiaram-se das discussões sobre a voz e seu papel na educação, de modo especial, na Educação Científica e Tecnológica.

Agradecimentos

***“Por tudo o que fizeste
Por tudo que vais fazer
Por tuas promessas e tudo que és
Quero te agradecer com todo meu ser”***

Agradecer... ao Programa de Pós – graduação em Educação Científica e Tecnológica, pela oportunidade de aprimorar conhecimentos, foram muitas vozes significativas e construtivas nesse percurso de dois anos.

Pela voz entusiasmada e firme de Walter Bazzo que proporcionou não apenas a orientação deste trabalho, mas sim, a partilha de idéias.

Pela voz suave e determinada de Vivian Leyser, que da mesma forma compartilhou conhecimentos e enriqueceu as situações de orientação.

Pela voz grave e provocativa do “Tio Pinho”, que cativou e oportunizou importantes momentos de reflexão.

Pela voz ponderada e serena de Suzani Cassiani de Souza, que com suas considerações detalhadas trouxe equilíbrio e qualidade a esta pesquisa.

Pela voz curiosa e “sábida” da fonoaudióloga Emilse A. Merlim Servilha, que gentilmente aceitou o convite para participar da banca examinadora deste trabalho.

Pelas vozes que puderam ser ouvidas daqueles professores que cederam espaço nas suas rotinas para participarem dessa pesquisa incondicionalmente.

Pela voz acolhedora de Adriana Fidelix Ludwig e Eldia Mesquita Gomes, que na medida do possível puderam viabilizar minha frequência no mestrado, negociando horários com flexibilidade e tolerância.

Pelas inúmeras vozes amigas que perceberam na minha própria voz as alegrias, angústias e cansaço, nesse período. Agradeço pela sua compreensão, pela voz de conforto e apoio, e pela chamada de alerta também!

Também pelas vozes questionadoras, que me impulsionaram para buscar respostas e justificativas viáveis e coerentes àquilo que me propus pesquisar.

E, sobretudo as vozes afetivas dos familiares, as quais reconheço ao redor sempre acompanhando minha trajetória pessoal e profissional.

DESAFIO!

É com essa palavra que quero iniciar nossa conversa.

Diante da possibilidade de adquirir novos conhecimentos e aprimorar minha formação universitária, oportunizada pelo ingresso na turma de 2004 do Mestrado em Educação Científica e Tecnológica, estava posto o desafio...

Escriver, ler, produzir conhecimentos, elaborar aproximações, defender pontos de vista, discutir possibilidades, conhecer outras áreas de formação, falar sobre o ensino ontem, hoje, amanhã...

Socializar saberes, aprimorar conceitos, enriquecer argumentos... novos espaços a conquistar, é a paixão por estudar, e a oportunidade de trabalhar sobre uma idéia inusitada...

A percepção do professor sobre a voz, no contexto da Educação Científica e Tecnológica, eis a minha curiosidade! Na visão desse profissional, o papel dela seria relevante como instrumento de trabalho? No relacionamento com o aluno ao trabalhar com conhecimento, ao buscar a disciplina, ao estabelecer elos de afetividade?... você já havia pensado sobre essas possibilidades?!

Foi com essa intenção que iniciei essa investigação...começando com leituras e interpretações fonoaudiológicas até encontrar-me com as respostas dos professores entrevistados...

Imprescindível reconhecer... o conhecimento disseminado que chega até o aluno, passa necessariamente pela voz do professor!

Observando e lendo essa dissertação, sobre o que pensam os professores a respeito da voz - esse instrumento muitas vezes esquecido na prática docente, é, sobretudo, um convite à reflexão, à auto-avaliação, uma oportunidade para mudança...

Resumo

Talvez o professor seja um dos únicos profissionais da voz que ainda não dirigiu seu olhar para sua importância, considerando-a não só do ponto de vista de uma “doença” instalada (rouquidão), mas principalmente como uma de suas possíveis aliadas no processo ensino-aprendizagem.

Neste sentido, o presente trabalho visa comentar novos aspectos e caminhos que possam mobilizar tanto os profissionais da própria fonoaudiologia (terapeutas), como da educação (professores em geral), quanto a esse instrumento de interação social/educacional/profissional a ser mantido, e também aprimorado.

Estabelecer essa discussão justifica-se pela importância de se refletir sobre suas possibilidades e limitações. Na voz, estaria a possibilidade de: ficar comprometida a estrutura de uma aula (quando, por exemplo, a voz faltar ou falhar); modificar a forma de um professor ministrar sua aula (pelo uso de entonações e pausas, por exemplo); evidenciar uma relação com Ciência e Tecnologia (reflexão sobre sua função no ensino); e ainda, associar esta às questões de ensino-aprendizagem (construção de conhecimento nas interações pedagógicas).

No presente trabalho, foi utilizado para coleta de dados: um questionário e entrevistas semi-estruturadas. Foram ouvidos representantes desses profissionais da voz - professores universitários dos Cursos de Graduação em Física, Química, Biologia e Matemática, com a finalidade de conhecer suas percepções a respeito das questões vocais, como um meio de identificar caminhos viáveis para inserir discussões nesse sentido, nos espaços educacionais.

Este estudo permitiu evidenciar que o ato de falar sobre voz leva os professores à auto-avaliação, despertando-os para a consciência de que ela é mais um instrumento de trabalho a ser lapidado em prol do sucesso na aprendizagem. Também foi possível constatar que os desvios no padrão vocal são reais, causam desvantagem para o professor e interferem no seu trabalho com o conhecimento.

Com relação a esse último aspecto, ficam estabelecidos os primeiros indícios e aproximações sobre a relação múltipla entre voz-professor-conhecimento, propondo-se esboços iniciais de uma conexão entre comportamentos vocais e características

compatíveis com a construção de conhecimento, a partir da literatura e de alguns princípios construtivistas.

O presente trabalho apresenta discussões importantes para a Fonoaudiologia e para a Educação Científica e Tecnológica, contendo dados teóricos e depoimentos que indicam a necessidade de serem complementados com novas pesquisas. Afinal, parece inimaginável dar aula sem a voz...

Palavras chave: voz, construção do conhecimento, formação de professores

Abstract

Among voice professionals, it is possible that only teachers are the ones that have not so far realized the importance of their own voice, by regarding it not only from the medical point of view (hoarseness) but also as a tool for teaching-learning processes.

The present investigation looks at new aspects and ways that may motivate both phonoaudiology (therapists) and education (teachers) professionals to appreciate, maintain and improve voice as a tool for social/educational/professional interactions,

This study is justified by the importance of raising discussions about voice's limits and possibilities. It is argued that the use of one's voice may compromise a class (for example, when voice fails); may modify the way a teacher works in class; may illuminate science-technology relationships and relate them to teaching-learning processes.

A questionnaire and semi-structures interviews were used to collect data among University teachers working in undergraduate courses of Physics, Chemistry, Biology and Mathematics. The questions were aimed at identifying teachers' views and perceptions about voice use and its problems, as well as indicating different ways of bringing these discussions into educational areas.

It was possible to identify evidences of teachers' self-evaluation processes taking place while talking about their voices. Voice is seen as an additional work tool that requires maintenance and improvement, in order to be a successful aid for teaching-learning processes. It was also possible to recognize that deviances in vocal patterns can cause real disadvantages in teachers' work with knowledge.

This study allows to suggest, preliminarily, multiple connections among voice, teachers and knowlegde. Based on references and constructivism principles, it is also possible to outline connections between vocal behaviours and some features related to knowledge construction.

This study presents importants discussions both for the field of Phonoaudiology and Science and Technology Education, by presenting theoretical and empirical data

that should be further developed by additional research. After all, it seems truly impossible to give a class without one's voice...

Key words: voice; knowledge construction; teachers' education

Lista de Ilustrações

Quadro 00	<i>Co-relação entre indícios de um ensino construtivista e prováveis comportamentos vocais em sala de aula</i>	55
Quadro 01	<i>Dados de identificação dos entrevistados</i>	84
Quadro 02	<i>Percepções subjetivas dos entrevistados sobre sua voz</i>	85
Quadro 03	<i>Hábitos de vida diária dos entrevistados</i>	87
Quadro 04	<i>Auto-avaliação dos entrevistados sobre seu comportamento vocal</i>	88
Quadro 05	<i>Informações adicionais sobre a voz fornecidas pelos entrevistados</i>	89
Quadro 06	<i>Informações sobre a história de vida profissional</i>	92
Quadro 07	<i>Entendimento sobre o trabalho com o conhecimento</i>	100
Quadro 08	<i>Percepções sobre a voz [1] - funções da voz no processo ensino aprendizagem</i>	109
Quadro 09	<i>Percepções sobre a voz [2] - aproximações entre voz, professores e conhecimento</i>	117
Quadro 10	<i>Percepções sobre a voz [3] - relato de exemplos relacionados à voz</i>	121
Quadro 11	<i>Percepções sobre a voz [4] - é possível dar aula sem a voz?</i>	123
Quadro 12	<i>Percepções sobre a voz [5] - reflexões e sugestões sobre voz</i>	125

Sumário

A proposta	01
Apresentação	09
CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA: A VOZ EM AÇÃO, UMA OPÇÃO	12
1.1 Um passado num presente: mudanças ou repetições?	
1.2 Acompanhando a humanidade, transformando pela educação	
1.3 Ciência para todos, acesso às tecnologias, à educação...	
1.4 Tecnologia à serviço da educação: recursos para sala de aula	
CAPÍTULO 2 – UM NOVO LUGAR PARA A VOZ	36
2.1 Delimitando o lugar da voz pelas interações sociais	
2.2 A voz e as interações pedagógicas	
2.3 O que revelam algumas pesquisas	
2.4 Compreendendo as funções perceptíveis na voz	
CAPÍTULO 3 – DAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROFESSOR	58
3.1 Fonoaudiologicamente falando de voz	
3.2 Saindo do senso comum (orientação vocal)	
3.2.1 Fonação	
3.2.2 Saúde Vocal	
3.3 A voz tem sempre algo a dizer... (psicodinâmica vocal)	
CAPÍTULO 4 - CONSTRUINDO CONHECIMENTOS NA RELAÇÃO VOZ - EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA	74
4.1 O caminho para desvendar, na voz, uma opção para construção	
4.2 Sobre as escutas propostas	
4.2.1 Uma escuta diferenciada em teste	
4.2.2 Efetivamente na trilha das escutas	
CAPÍTULO 5 – ESCUTANDO SOBRE VOZ: COM A VEZ OS PROFESSORES	83
5.1 Sobre a escuta direcionada	
5.2 Sobre a escuta interativa	91
5.2.1 Informações sobre a história de vida profissional	
5.2.2 Entendimento sobre o trabalho com o conhecimento	
5.2.3 Percepções do professor sobre a voz	
CAPÍTULO 6 - A VOZ PRECISA TER SUA VEZ...	129
Referências	133
Anexos	140
A 1. Instrumentos de coleta de dados	
A 2. Termo de consentimento informado	
A 3. Transcrições	
A 4. Material fornecido por escrito	

A PROPOSTA

Início nossa conversa, apresentando-me como filha de professora, ex-aluna do magistério, fonoaudióloga, docente da educação continuada, aspirante à professora da formação inicial, atualmente estudante de Pedagogia. Perceba que *ser professor* faz parte da minha história pessoal e também profissional, caracterizando uma trajetória em evolução, na qual a realização desse estudo – uma dissertação de mestrado - é mais um degrau para alcançar a meta de efetivamente tornar-me um desses profissionais, um professor universitário - mestre de fato.

Entre os quesitos mencionados, é importante salientar o fato de atuar pelo Estado, como docente da educação continuada - divulgando a ciência fonoaudiologia dentro da área educacional, junto a professores da educação infantil e das séries iniciais¹ - uma vez que no exercício dessa atividade está a origem do tema dessa pesquisa.

Dentro da proposta de conteúdos a serem trabalhados nesses encontros, em muitas situações pude perceber entre os professores, a necessidade de conversar, mesmo que brevemente, sobre sua voz! Comumente faziam questionamentos buscando entender seu funcionamento, como cuidar, o que fazer quando ela faltar, a quem recorrer, como manter, como ela é importante na hora de contar histórias, chamar a atenção do aluno, manter a ordem, se não pode gritar o que fazer,... e tantas outras abordagens.

Costumava perguntar-lhes se já tinham assistido alguma outra palestra sobre o assunto, a resposta era: - Não! Se na formação tinham tido alguma orientação, novamente: - Não! Se queriam um momento para falar um pouco sobre o assunto, respondiam: - Sim! Se sentiam dificuldades e falta de esclarecimentos, outra vez retrucavam que: – Sim!

¹ Credenciados nas redes municipais de ensino em cidades conveniadas a OMEP - Organização Mundial para Educação Pré-Escolar (SC), instituição que entre suas ações promove educação continuada a esses profissionais.

Em um desses momentos, quando foi disponibilizado tempo para um trabalho mais específico sobre voz, solicitei que os professores presentes, atuantes de 1ª à 4ª série colocassem por escrito qual o papel da voz em seu trabalho. Acompanhe alguns trechos:

“Para mim é tudo, sou falante demais e minha profissão exige que eu fale muito”;

“Ferramenta indispensável para que eu possa expor meu conteúdo e me comunicar com meus alunos e colegas”;

“(…) enquanto tiver voz todos escutam e aprendem um pouco. Sem a voz não tem como eu transmitir conhecimento. Porque eu não aprendi ainda outra maneira de me comunicar”;

E ainda,

“É o instrumento que mais utilizo na condução das atividades diárias e do desenvolvimento do conhecimento dos alunos. É através dela que me comunico e conduzo o meu trabalho e ajuda a manipular os outros meios didáticos”.

Nas suas respostas, encontrei evidências importantes e a confirmação da relevância de pesquisar mais sobre a questão professor/voz, ouvindo o ponto de vista do professor, sobre o assunto.

Pensando nas possibilidades existentes nessa relação, as idéias iniciais para essa pesquisa circulavam a partir da percepção de que a voz do professor não é simplesmente um problema a ser resolvido entre terapeuta e paciente num consultório, mas sim, um “instrumento de trabalho” a ser reconhecido como tal, pelo fato de que pode:

1. comprometer a estrutura da aula - quando a voz falha ou não é produzida em razão de problemas de saúde, por exemplo, vai comprometer o desenvolvimento habitual da aula a ser ministrada (impedir de dar aula); se o professor falar muito baixo ou muito alto, ou possuir uma alteração vocal, isso pode interferir na “comunicação” com seus ouvintes de maneira negativa;
2. modificar o jeito de dar uma aula - ao tomar consciência sobre alguns dos papéis que a voz pode assumir no decorrer de sua aula, em relação aos seus

ouvintes, o professor poderia rever sua prática vocal utilizando-a (ainda mais) a seu favor;

3. evidenciar uma relação com a Ciência e Tecnologia - diante da gama de recursos científico - tecnológicos disponíveis nos meios educacionais, a voz é um recurso automatizado pela prática docente e pouco valorizado, considerando sua utilização plena durante uma aula dada; a voz também deve ser ponto de partida para analisar ciência e tecnologia, como amigas ou inimigas, por exemplo (será comentado posteriormente essa relação);
4. associar-se com as questões do processo ensino-aprendizagem - a produção vocal do professor durante as aulas, na interação com seus ouvintes, pode, de certa forma, favorecer ou mesmo prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, passando por questões ligadas à afetividade, confiança, segurança, autoritarismo, atenção/dispersão, entre outras, perceptíveis na voz humana.

Nesse sentido, a intenção configurou-se em descobrir o que o professor pensava sobre a voz, se a considerava como instrumento de trabalho relevante, se ele sabia alguma coisa sobre o assunto para si próprio ou relacionado ao processo ensino – aprendizagem, se esses apontamentos eram reais para ele.

Haviam os dados coletados a partir das manifestações dos professores das séries iniciais, de um dos grupos com quem trabalhei. Mas, o que pensariam os professores de outros níveis de escolaridade? E o que haveria entre os demais professores, além daqueles egressos da Pedagogia? Eles teriam na voz um instrumento de trabalho consciente em sua prática?

Logo pensei sobre algumas das áreas que compõem o Programa de Pós – graduação (PPGECT) do qual faço parte: Física, Matemática, Biologia, e Química. Buscando o olhar da Licenciatura, que prepara novos professores para o trabalho com essas ciências, o que eles teriam a dizer sobre a relação professor/voz.

Além do fato de pesquisar a opinião dos professores da Licenciatura das áreas abrangentes pelo Programa, novas justificativas foram configurando o alicerce necessário para prosseguir:

- A possibilidade de configurar-se como um trabalho inovador, especialmente para este Programa, procurando mostrar a voz sob um outro prisma, que não voltado à saúde, mas sim às questões de ensino-aprendizagem, as interações sociais e em sujeitos considerados sadios;

- Uma forma de oportunizar a popularização da ciência, considerando que haverá divulgação de conhecimentos fonoaudiológicos, aos quais somente aquele professor que eventualmente fosse ao consultório teria acesso;

- Acreditar que, de fato, a tecnologia pode ser amiga ou inimiga: ar condicionado, pó do quadro de giz, ruído do ventilador ou do retroprojetor, microfone, são invenções do homem que trazem benefícios, mas que, em relação ao ambiente escolar, também podem acarretar prejuízos, no caso da voz;

- E ainda por entender que há coerência e compatibilidade de minha proposta com o objetivo maior deste Programa, com relações às questões do processo ensino-aprendizagem: a voz pode ser mais um caminho para falar da construção de conhecimentos, possibilitar novos aprendizados; pode oferecer subsídios que indiquem a concepção de ciência que permeia à prática do professor, entre outras variáveis ligadas à educação.

Ao meu ver, no trabalho em sala de aula, a voz é integrada à rotina naturalmente, e com alta demanda, viabilizando: a comunicação, a interação entre sujeitos, a afetividade, o manejo com os alunos quanto à disciplina, a ênfase de certos conteúdos, a alternância de turnos de fala, ou seja, faz-se presente e é determinante no processo ensino-aprendizagem.

A presença e participação da voz no espaço de sala de aula são capazes de mobilizar os educandos para a importância do social, de envolvê-los e motivá-los para pesquisar, além de contribuir com a formação do professor. Pela voz também é possível aperfeiçoar as aulas, os conteúdos, trabalhar de maneira distinta o conhecimento científico e, sobretudo, avançar na discussão sobre a construção de conhecimentos.

Neste sentido, Servilha (2000) ressaltou as diferentes estratégias utilizadas pelo professor e seus alunos para envolverem-se na relação dialógica, uma vez que na relação ensino-aprendizagem as vozes dos interlocutores se mesclam, confrontam,

asseguram, refutam, concordam, discordam, complementando-se no processo de construção do conhecimento.

A autora aponta para um novo olhar sobre a voz (do professor), presente nas interações sociais e juntamente com Dragone (2000), Chun (2000), Chieppe (2004) ampliam-se às discussões sobre o tema, estabelecendo como que uma “nova linha de pesquisa”.

Partindo dessas questões recentes e atuais, propus-me o desafio de escutar², para conhecer a voz do ponto de vista do professor: suas percepções e a importância dada ao seu uso na prática docente, buscando enfatizar esse instrumento como mais um a ser explorado, apontando inclusive para sua contribuição na construção de conhecimentos.

Considero importante aqui, esclarecer alguns aspectos relevantes. Um deles é quanto ao emprego do termo instrumento, que no decorrer desse trabalho, será utilizado associado à voz, com base em fundamentos vygotskianos, compreendendo-se o homem como um ser sócio-histórico, que se constrói através de suas relações com o mundo natural e social, segundo Oliveira (2000, p.29)

O instrumento é um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza (...). O instrumento é feito ou buscado especialmente para um certo objetivo. Ele carrega consigo, portanto, a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. É, pois um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo.

Ainda de acordo com a autora, diferente dos animais, o homem preserva sua “criação” (adaptação), tem clareza sobre as finalidades do instrumento produzido, preservando-o como uma conquista a ser transmitida, aos demais membros de seu grupo social.

Então, coloco a voz como um instrumento, primeiramente porque ao meu ver, constitui-se como um elemento que está entre o professor (trabalhador) e os conhecimentos de seu domínio (objeto de seu trabalho), e ainda pelo fato de que foi estabelecido, desenvolvido e aperfeiçoado entre as gerações, caracterizando-se como

² É necessário distinguir que a expressão escutar a voz do professor, empregada nesta dissertação, não implica especificamente objetivos fonoaudiológicos de avaliação, tratamento ou diagnóstico, mas sim, o sentido de escutar a opinião, a visão deste sobre o assunto em pauta, a voz.

fruto de uma “construção” coletiva, objeto social e mediador das interações do sujeito com o mundo.

Sendo assim, concordo com Perrota, Martz e Mansini (1995) quando descrevem a adaptação e evolução do homem ao longo dos anos, na transformação dos sons emitidos em palavras significativas. As mudanças corresponderam às suas necessidades, desde os primórdios, para mediar suas relações sociais.(ver mais no capítulo 2)

Outro ponto importante a ser comentado é também relacionado a Lev Vygotsky. Na versão em português da análise de suas idéias, feita por Marta Kohl de Oliveira (2000, p.21), encontra-se:

[...]. Ele era um orador brilhante que encantava a platéia que o ouvia. Entre seus alunos e colegas havia muita admiração por suas idéias, [...]. As palavras de um aluno de Vygotsky também evidenciam essa admiração: [...]. o próprio som de sua suave voz de barítono, flexível e rica em entonações, produzia uma espécie de encanto estético. A gente queria muito entrar no efeito hipnotizador da exposição dele e era difícil abster-se do sentimento involuntário de frustração quando ele acabava.

Ele é um exemplo muito especial dentro do que se propõe confirmar com essa pesquisa: a voz oferece um diferencial ao exercício docente. Obviamente, não poderemos saber se Vygotsky teve algum preparo ou se era possuidor dessa oratória espontaneamente, mas percebe-se no que disse seu aluno, que esse seu jeito fez diferença para cativar seus ouvintes.

Com base no que foi exposto até aqui, sigo buscando conhecer a opinião dos próprios professores, no intuito de identificar semelhanças e diferenças com relação às suas idéias e à minha hipótese, de fundamento fonoaudiológico-educacional (técnico-científico). Pretendo escutar pela voz do professor, como ele percebe o uso deste instrumento, e sua influência nas situações escolares.

É necessário distinguir, que a expressão ‘escutar a voz do professor’, empregada nesta dissertação, não implica especificamente objetivos fonoaudiológicos de avaliação, tratamento ou diagnóstico. É na verdade, escutar a opinião, a visão deste sobre o assunto em pauta, a voz. (ver capítulo 4).

Dessa maneira, minha hipótese inicial é a que os professores – formadores, de Biologia, Física, Matemática e Química (que formam futuros professores), ao conversarem sobre o uso da voz, na perspectiva de seu trabalho com o conhecimento

(no contexto da sala de aula), evidenciem suas percepções sobre a voz e as funções que ela exerce no processo ensino-aprendizagem. Eventualmente auto-avaliando sua atuação didática e/ou sua produção vocal, caminhando rumo à conscientização da importância, necessidade de manutenção e aprimoramento desse recurso didático natural (a voz), pelo viés da educação.

A partir disso, meu **problema** de pesquisa pode ser enunciado da seguinte forma:

Quais são as percepções do professor quanto ao uso da voz e suas funções, ao trabalhar com o conhecimento em sala de aula?

E o **objetivo geral** será então, através da escuta dos professores, conhecer suas percepções sobre a voz e suas funções, ao trabalharem com o conhecimento em sala de aula, estabelecendo-se os seguintes **objetivos específicos**:

1. Elaborar uma aproximação teórica consistente sobre a voz como instrumento de trabalho educacional, utilizando como apoio os depoimentos dos professores;
2. Verificar, se para os professores entrevistados, docentes de distintas áreas do conhecimento, a voz, assume de fato, funções relevantes para o ensino; e quais são estas.

Acredito que na troca de informações com professores de distintas áreas de conhecimento, emergirão aspectos e dimensões importantes para se prosseguir com a proposta de inserção da voz no contexto educacional, e futuramente como pauta indispensável nos currículos que conduzem alunos à docência.

Preocupar-se com a comunicação, socialização, interação e aprendizagem compete não só à escola, na figura principal do professor, mas também a outros profissionais, como os fonoaudiólogos, os quais, assumindo postura crítica, reflexiva, inquieta e curiosa, podem atuar também como educadores, atingindo com seus trabalhos, direcionados à educação, metas amplas e em longo prazo.

Ao finalizar esse trabalho, espero poder contribuir com o professor, agente ativo do processo ensino-aprendizagem, no sentido de que ele possa usar sua voz (instrumento de trabalho) de forma mais consciente e coerente percebendo-se em sua ação, e refletindo também sobre sua forma de trabalhar com o conhecimento científico.

Como fonoaudióloga, concordo com Dragone (2001) quando sugere novos caminhos para estudar a voz do professor, enfatizando que este assunto deve ser abordado vislumbrando-se um processo dinâmico, produzido e transformado a todo o momento na sala de aula. Na posição de pesquisadora, espelho-me em suas palavras quando afirma ser “[...] também função do pesquisador descobrir o conhecimento intuitivo dos professores sobre seu próprio comportamento vocal construído na prática profissional”.(Ibid, p. 50)

No decorrer desta dissertação, procuro traçar novos caminhos que permitam uma mobilização mais eficaz dos profissionais da voz, neste sentido, seja como “usuários” de modo geral desse instrumento de trabalho, ou mesmo como “cuidadores” desse patrimônio sócio-histórico-cultural, afinal para ambos,

A boa impressão causada por quem fala de forma agradável e correta, sem gritar ou murmurar, sem atropelar palavras ou arrastar monotonamente a conversação, sem dramatizar exageradamente o que diz, mas dando um colorido vivo ao que narra, é fator de êxito em quase todas as profissões e na vida social”.(CARVALHO, 1986, p. 35,36).

APRESENTAÇÃO

Por assumir individualmente tentativas de atuar a partir da proposta construtivista, por compartilhar com outros educadores o desejo coletivo de efetivar mudanças concretas e viáveis no que compete ao processo ensino-aprendizagem, por ser fonoaudióloga, entre outras razões, também pelo fato de fazer parte de um Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, torna-se essencial que esse trabalho traga à tona discussões atuais referentes a essas questões.

Diante da diversidade de assuntos e temas que poderiam ser abordados ao refletir sobre a Educação Científica e Tecnológica, lancei-me ao desafio de avançar no campo de investigação relativo à construção do conhecimento, com olhar “novo”, dirigido não só para as interações entre professor e aluno, mas especialmente para uma perspectiva fonoaudiológica, vamos falar da Voz!

Ela que é um instrumento de trabalho essencial na atuação docente seja pela utilização unilateral da exposição oral ou pela exposição dialogada durante as aulas. Comunicação. Interação. Aprendizado e desenvolvimento. Construção de conhecimentos. Aproveitamento e valorização da bagagem sócio-cultural-intelectual, de cada sujeito. Equilíbrio do professor quanto ao saber dosar momentos de falar e de ouvir, abrindo esta possibilidade também aos alunos, oportunizando a socialização de saberes e troca de conhecimentos.

É importante ressaltar que, quando um professor está disposto a construir o conhecimento, não basta simplesmente falar e deixar falar, ser ouvido e ouvir. É fundamental que seu falar conquiste, cativete, autorize, crie suspense/contradição, gere incerteza e dúvida, traga reflexão, quando necessário esclarecimento, que também possibilite associações e ofereça novas conexões para o aluno. É imprescindível que seu ouvir seja atento, aberto, assimilador, questionador, tradutor, captador (de entrelinhas), humilde, ético, interessado e responsável, caso contrário, suas “boas intenções” ficarão ameaçadas.

Se na verdade o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobre tudo, como se fôssemos os

portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com* ele, mesmo que em certas condições, precise falar a ele. [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele. (FREIRE, 1996, p.127-128) (grifos do autor)

Na voz em ação do professor (e também nos silêncios deste, enquanto supostamente ouve seu educando), há peças essenciais que ajudam a revelar as possíveis intenções e opções quanto à sua atuação docente. São estes os aspectos que compõem o eixo principal do primeiro capítulo que denominei Educação Científica e Tecnológica: A VOZ EM AÇÃO, UMA OPÇÃO. Com base na literatura consultada, procurei estabelecer indícios primários sobre a expectativa da aproximação entre a Educação Científica e Tecnológica, e a voz.

A partir disso, direcionando um pouco mais o olhar sobre a voz do professor, o segundo capítulo, intitulado UM NOVO LUGAR PARA A VOZ, foi organizado com o objetivo de expor e comentar aspectos relevantes à compreensão da voz, quanto ao seu aspecto social, entornos e funções. A problemática do presente estudo segue delimitando conceitos, explorando definições, enfatizando noções, relevando questões, na seguinte perspectiva:

[...] a palavra é som e sentido, mas, também e principalmente, ela é o âmbito de tudo o que se configura entre um e outro, ela é a própria linguagem. [...] nós que cotidianamente transitamos entre sons e significados, nós que somos também sons e significados. Nosso som mais próprio – a voz – transfigura-se em linguagem não por mero acaso do som, mas pelo propósito bastante humano da expressão, da troca e atribuição de significados à vida que se vive. O som da voz enquanto linguagem é uma possibilidade caracteristicamente humana, mas não é um dado simplesmente natural, - é, sim, a história sempre inacabada de uma elaboração e uma conquista. (PERROTA, MARTZ e MASINI, 1995, p. 14).

Mas, e para o professor, qual será sua visão sobre a voz? Será que percebe a voz como instrumento importante para seu trabalho com o conhecimento? Haverá uma super valorização desse tema por parte dos profissionais que “cuidam” da saúde vocal?

Continuando em busca das respostas, o capítulo três, que designei como DAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROFESSOR, traz informações importantes para sua ação

quando a voz entra em ação. São possibilidades de acolher a voz em sua prática diária, valorizando-a no processo de ensino – aprendizagem.

Na seqüência, estruturando o quarto capítulo, que intitulei como CONSTRUINDO CONHECIMENTOS NA RELAÇÃO VOZ – Educação Científica e Tecnológica, descrevo a direção metodológica edificada a partir da intenção de aproximar voz e ensino, num lugar diferenciado, em “escutas interativas”³.

ESCUTANDO SOBRE VOZ: COM A VEZ OS PROFESSORES, é o conteúdo do capítulo cinco, que foi desenvolvido a partir das contribuições escritas e verbais dos professores que compuseram a amostra deste estudo, através da escuta direcionada e também da interativa. Foram analisados e comentados trechos das entrevistas, em confronto à hipótese inicialmente construída, bem como aos objetivos pretendidos nessa dissertação. Foi ouvindo e transcrevendo, lendo e relendo as vozes que trouxeram opiniões e reflexões sobre a voz e o ensino, num contexto subsequente ao encontro interpessoal, que obtive algumas respostas significativas.

A cada nova escuta, uma pausa para nova reflexão. Silenciei para ouvir o outro (também a mim mesma) num diálogo interno e ao mesmo tempo com as aproximações iniciais construídas durante a elaboração desta dissertação. Novas construções e desconstruções foram postas em movimento e, então, chegamos aos apontamentos e considerações “inacabadas”, pois talvez isso não seja indicativo do fim, mas apenas o início. Afinal, A VOZ PRECISA TER SUA VEZ... você não acha!?

³ Termo designado para referir-me as entrevistas, que comentarei no capítulo 4, com relação às questões metodológicas.

Capítulo 1

Educação Científica e Tecnológica: a voz em ação, uma opção

1.1 Um passado num presente: mudanças ou repetições?

Antes de sermos professores, em qualquer nível educacional ou área de ensino, primeiro passamos pela posição de alunos. Em nossa formação, pelo menos até concluir o Ensino Médio, passamos pelas várias séries escolares e seguramente arquivamos na memória momentos bons e ruins desse período. Muitos fatores determinaram essas nossas lembranças: a instituição escolar que freqüentávamos, as atividades que fazíamos em sala de aula, os amigos que tínhamos, os lanches compartilhados, o recreio divertido, as aulas de artes, educação física, e música (geralmente as preferidas), os passeios extraclasse, as tarefas para casa, nosso material, os conteúdos memorizados, as provas, nosso boletim... e certamente nossos professores!

Para cada um de nós, algo (um objeto, um livro, um conteúdo, uma situação) ou alguém (um amigo, um vizinho, um professor), traz à tona esse livro de vida, que em suas páginas, para muitos, já tão amareladas, mantêm os registros dessa história pessoal e intransferível.

Talvez a parte comum para alguns de nós tenha sido a configuração do ambiente escolar: as carteiras enfileiradas e direcionadas, rigorosamente, para o professor, o quadro negro para que pudéssemos copiar as informações julgadas necessárias, os nossos materiais e cadernos que em algum momento passariam pela análise criteriosa do mestre, o uniforme que nos deixava um pouco mais iguais, formar fila e tomar distância, entre outros aspectos. Nesse lugar, havia muitos alunos, um “formador” e a circulação de conhecimentos.

De certa forma, tínhamos o poder de fazer nossos próprios julgamentos. Tomávamos como base experiências anteriores, sentimentos, saberes já adquiridos, e assim, estabelecíamos nossos critérios para eleger a aula mais chata, o professor mais querido, o conteúdo mais interessante, e também o nosso melhor amigo.

Alcançando a média prevista durante todo o processo educacional, após a conclusão do Ensino Médio, surge um novo desafio: a escolha profissional, etapa em que nossos talentos de estudante, bem como o local onde estudamos, os professores que nos prepararam são “postos à prova”. Tendo elegido o curso de graduação a ser realizado e após a aprovação em todos os quesitos necessários, ingressamos na Universidade, galgando mais um degrau rumo à profissionalização.

Existem opções variadas: cursos que direcionam a formação acadêmica para habilitar profissionais de acordo com a profissão eleita, sem enfatizar a preparação para ministrar aulas posteriormente, como é o caso da Medicina, Engenharias, Odontologia, Nutrição, Fonoaudiologia, Administração, Enfermagem e outras áreas do conhecimento.

Ou cursos de graduação que têm como meta a formação de novos profissionais para atuarem, diretamente no ensino, preparando futuros professores que poderão lecionar na Educação Infantil e Ensino Fundamental (1ª a 4ª série), como é o caso da Pedagogia, ou mesmo, atuar de 5ª a 8ª série e/ou no Ensino Médio, como no caso das Licenciaturas em Biologia, Química, Física e Matemática entre outras.

De acordo com a graduação eleita, serão mais alguns anos de empenho e estudo até a conclusão do Ensino Superior, para então, após a formatura (ou mesmo antes dela), chegarmos ao momento da inserção no mercado de trabalho. Para muitos, a sala de aula ficará apenas na lembrança, ou passará a ter novos formatos num curso de pós-graduação. Para outros, cuja escolha conduziu à profissão de professor, haverá uma inversão de papéis, onde deixarão de serem alunos para assumirem as responsabilidades e o compromisso de ser professor/formador.

Ao decidir por preparar-se para a docência, há a chance de assumir ou não, um lugar semelhante ao de seus professores, sendo possível revisar a história pessoal e definir (conscientemente ou não) o jeito de lecionar que será adotado, com suas nuances como, por exemplo, refletir sobre qual vai ser a forma de trabalhar os conhecimentos na sala de aula.

São inúmeras as formas de assumir esse lugar: ser um professor acessível que encanta e é amigo, como aquele que falava com entusiasmo e despertava nossa curiosidade, que fazia suspense para revelar os conhecimentos, conduzindo nossa atenção sem que percebêssemos o tempo passar, motivando-nos para o cumprimento de nossas obrigações e deveres. Aquele que, percebendo nossas dificuldades, erros e

obstáculos para a aprendizagem, mantinha sempre uma voz suave e vibrante, incentivando-nos a prosseguir e melhorar. E que mesmo quando nos comportávamos mal, pontuava firmemente nossas falhas, levando-nos a refletir sobre questões que deveríamos corrigir ou aprimorar.

Ou ser um professor, que sem se importar se de fato aprendemos ou entendemos o que quis nos ensinar (afinal, os problemas não estavam com ele) seguia adiante e continuava a cumprir rigorosamente o conteúdo previsto. Para ele, o mais importante eram as notas que obtínhamos nas provas, onde deveríamos escrever literalmente o que havia sido dito durante a aula ou sublinhado no livro; desses resultados sempre vinham rótulos e comparações: o melhor da sala, os menos inteligentes...

Era muito difícil ver um sorriso nos seus lábios. Sua voz era ríspida, em certos momentos quase assustadora, seu olhar nos emudecia, apenas alguns de nós arriscavam interromper para perguntar algo e cada vez mais o silêncio ia aumentando. Essas aulas eram infinitamente compridas, pareciam ter o dobro de minutos, e muitas vezes isso tudo fazia aumentar o desgosto pela matéria a ser estudada, interferindo em nosso desempenho escolar.

Confirmando essas impressões, Coelho (1997, p.08-09) com base em sua experiência no trabalho com diferentes cursos universitários, afirma ter conhecido diferentes tipos de professores,

[...] o inflexível e o de difícil relacionamento social; o insatisfeito, aquele que se dizia merecer maior salário [...] o “insaciável” ou “perfeccionista”, aquele que raras vezes se satisfazia com a primeira apresentação de um trabalho dos alunos, minimizando constantemente qualquer participação dos estudantes, [...] o “Pilatos”, o que estava sempre a lavar as mãos pelos insucessos dos alunos[...] o amigo, o que encontrava sempre uma forma personalizada de respeitar a individualidade de cada aluno, valorizando-o em suas qualidades e com ele se envolvendo educacionalmente (foram poucos); [...] o “mestre” era aquele professor que recebia este título dos estudantes, por merecimento. Estudioso, este demonstrava a sua capacidade nos seus discursos e em suas ações, valorizava a aquisição do desenvolvimento global e incentivava seus alunos a participarem do saber de forma construtiva. Entre todos esses tipos, ainda seria possível identificar outros, que, à sua maneira, vivenciaram e vivenciam, ainda, o seu papel de docente, evidenciando sua maneira própria de abordar as práticas pedagógicas.

Haverá sempre possibilidades e particularidades no ser professor, afinal, não se pode negar que a prática pedagógica exercida é um somatório de fatores que se

constituem durante a vida, pessoal, escolar e profissional de cada um. A convivência familiar, as experiências sociais e escolares (até a conclusão do Ensino Médio), a formação na graduação, os cursos de atualização, a educação continuada entre outros, contribuem de uma forma ou de outra, para formar o jeito de ser de um determinado professor.

Nos juízos de valor que fazemos, deveriam ser incluídos questionamentos do tipo: de onde vem esse professor? Qual terá sido sua formação familiar, sua história profissional? E os seus valores? De onde vieram suas experiências, seus conhecimentos pessoais, sociais, técnico-científicos? Quais suas crenças, sua metodologia, sua área de atuação preferida, suas indagações e angústias em relação ao ensino? Onde ele estudou, quem foram seus professores? E na graduação, como foi preparado, para hoje participar na formação de pessoas para a vida em sociedade, tanto para o trabalho, como para a ação docente? De que maneira vivencia essa responsabilidade assumida como professor?

Todas essas perguntas, e possivelmente outras, remetem a respostas essenciais, para se compreender o jeito particular de ser professor exercido por cada um, e sua condição de trabalhar com conhecimentos (com aqueles prontos, de maneira acrítica e atemporal ou o oposto).

Hoje, um aluno regularmente matriculado em uma graduação de Pedagogia ou de alguma Licenciatura, ao cumprir todo o currículo previsto (às vezes até antes disso) irá lecionar em escolas, disseminando seu aprendizado no sentido de ajudar a formar outros sujeitos. Mas, terá sido ele preparado adequadamente para assumir tamanha responsabilidade? Quais terão sido as prioridades adotadas pelo curso de graduação/universidade? Entre outras questões, será que este aluno (futuro professor agora) está sendo capacitado para despertar em seus futuros alunos, a consciência da responsabilidade social a partir da relação ciência–tecnologia? Terá sido levado a refletir sobre essas possibilidades?

Nos dois casos, ao ser professor de futuros professores, esse indivíduo é de certa forma um “modelo” para seu aluno, influenciando-o na sua posterior atuação como tal. Vasconcellos (1995) aponta para três comportamentos distintos em relação ao que se percebe entre os professores diante do contexto educacional vigente, que seguramente são “repassados”, de maneira consciente ou não aos alunos:

O “professor vítima” – quando se fala em mudar, argumenta com mil desculpas “não temos condições”, “não somos pagos pra isso”, “não estamos preparados”, “não temos tempo pra nada”. O autor ressalta que há limitações de fato, porém diz que essas devem ser transformadas em pautas de luta e superação.

Há também a turma do “deixa disso”, cujas desculpas mais freqüentes são, “sempre foi assim”, “não adianta nem tentar”, “é muito difícil”, “os pais não aceitariam”, “não adianta só a gente fazer”.

E ainda, a vertente do: “nós já fazemos” - segundo o autor, apenas aparentemente mais progressista. Esses, ao se depararem com uma idéia de transformação da realidade, avaliam-se de maneira muito otimista em relação a sua prática, “não tem nenhuma novidade”, “isso eu já fazia”, “já caminhamos nessa linha”, “nossa, até que temos poucos problemas aqui”. Além disso, o mesmo autor ainda comenta,

São famosas as conversas de sala de professor, onde todo mundo reclama, e quem consegue narrar um fato mais escabroso, consegue mais atenção [...] e tudo continua como dantes, nada se faz a não ser narrar as lamúrias no dia seguinte, na semana seguinte, no mês seguinte, no bimestre seguinte, no semestre seguinte, no ano seguinte, e no outro ano, e no outro, e no outro, e no outro...até quando??

[...] é mais do que chegada à hora do professor se assumir como agente histórico de transformação, comprometendo-se com a alteração tanto objetiva quanto subjetiva de seu trabalho “. (Ibid, p.12).

Se de fato queremos mudanças significativas, não será suficiente adotar a posição de vítima, ou passar todo o tempo encontrando justificativas para evitar reestruturações, ou ainda dizer que já esta fazendo tudo aquilo que chamam de “novidade”, enganando na verdade, a si próprio. É imprescindível envolver-se no processo de ensino aprendizagem como agente histórico de transformação da realidade. Assumindo compromissos, ampliando leituras e discussões com colegas e alunos, modificando condutas, refletindo sobre sua prática e sobre sua visão enquanto ainda era aluno, alterando gradativamente o jeito de ser professor e de dar sua aula.

Nesse sentido, Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002, p.118) comentam que, diante da situação de docência, muitos estabelecem um grande distanciamento do período em que foram alunos. “A gente esquece que já teve 12, 13, 14 anos...ou quando nos lembramos, é para dizer quanto éramos diferentes de nossos alunos [...]”.

Os autores ainda lançam outras questões interessantes para uma auto-avaliação, enquanto professores: será que houve esquecimento em relação às outras experiências pessoais vividas?

Deveria ser fácil essa transposição para a compreensão dos processos relativos aos alunos, já tendo passado por quase todas as situações comuns ao processo ensino-aprendizagem. Porém, a maioria dos professores, ao exercer a docência, esquece da ansiedade que sentia em relação ao aprendizado, ao desempenho escolar, a expectativa dos pais; do medo de ser rejeitado, se comentasse alguma coisa inadequada; da indignação frente ao “sufoco” para cumprir como os deveres de aluno (memorizações, provas orais...); do quanto era mais interessante trocar informações sobre a vida com os colegas, e outros aspectos comuns à experiência discente.

Mas, e se fôssemos parar agora e analisar: do que estudamos, memorizamos, decoramos, aprendemos com macetes, sublinhamos nos livros, tudo aquilo à que fomos praticamente obrigados a assimilar, o que lembramos? O que ainda utilizamos? O que de fato aprendemos? O que aproveitamos enquanto professores?

[...] Quanta coisa ainda hoje repetimos como papagaios, até que alguém nos faz uma pergunta inesperada e descobrimos que, de fato, não sabemos o que estamos dizendo. Às vezes, a curiosidade despertada faz com que voltemos aos velhos livros ou busquemos novos, ou simplesmente fiquemos a matutar, fazer esquemas, pensar sobre a pergunta até conseguirmos resolvê-la ou decidirmos abandoná-la de vez. (Ibid, p.119).

De fato, um aluno questionador, mais crítico (ou uma turma de alunos), pode mobilizar, inspirar e/ou motivar novas leituras, e importantes retomadas em relação aos conhecimentos trabalhados pelo professor, muitas vezes até cristalizados. Nessa perspectiva a alienação de meros repetidores de conteúdos, deve ser superada, e não mantida a cada dia. Não se pode construir o ser professor apenas esperando por esses aluno ou turmas.

As recordações necessitam manterem-se vivas para evitar acomodações, devem ser substituídas por ações transformadoras, ainda que individuais. Não é simplesmente buscar novas estratégias de atuação, é fazer escolhas e assumir riscos, deixando de ser “politicamente neutro”, adotando uma posição definida em direção à mudança, querendo e sobretudo, acreditando que ela seja possível.

Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002, p.120/121) conduzem a outras reflexões, afinal,

Qual de nós ainda não sonhou em fazer diferença na vida dos alunos, como os professores dos filmes e da literatura? Quem não se viu nenhuma vez como o professor que vence todas as dificuldades e resistências e termina sendo amado até pelos alunos mais rebeldes? Ou como o professor que é lembrado, no futuro, como o que deu a oportunidade para determinado sujeito mudar de vida ou lhe ensinou aquilo que ele, de fato, precisou para se estabelecer na vida? [...] No fundo, se olharmos bem, o que nos mantém nessa profissão é o que acontece com os alunos. [...]. É muito comum estarmos tão centrados nas exigências de nossa matéria, da escola, de nosso próprio processo de compreensão, que esquecemos os alunos.

Pensando na relação professor-aluno-conhecimento, a estratégia é o professor gerar reflexão, conflitos, problemas a respeito do objeto de estudo, levando seu aluno a trabalhar no sentido de ultrapassar contradições e insatisfações geradas. O aprendizado se torna real quando ocorre mudança, refinamento, ampliação do conhecimento já adquirido pelo aluno, que precisa perceber que faltam objetos, informações e/ou outros conhecimentos, pela “simples” presença da dúvida. Fornecer pistas ou encaminhar o aluno a investigações fará com que também apreenda novas informações e reformule seu próprio conhecimento.

É esse o comportamento a ser apreendido e “reproduzido” pelo aluno, futuro professor, se a intenção é formar alunos-cidadãos, que assumam maior responsabilidade pessoal, ampliem sua consciência sobre as coisas do mundo e da vida, decidam e tomem atitudes concretas, tanto individuais como coletivamente, diante de determinados fatos, situações e acontecimentos sociais e históricos.

A participação dos indivíduos seja como professores ou ainda como alunos, nas decisões da sociedade, está hoje fortemente condicionada à sua possibilidade de entender com maior profundidade os problemas e situações que os cercam, para que então, possam decidir sobre essas questões. Isso acontece, não somente pelas interações sociais e familiares, mas também a partir do processo ensino-aprendizagem, especialmente com temas que dizem respeito à Ciência e Tecnologia.

Na apresentação do livro “Ensino de Ciências: fundamentos e métodos” (Delizoicov, Angotti E Pernambuco, 2002), Antônio J. Severino e Selma G. Pimenta, comentam que,

Na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico configurando a sociedade virtual e os meios de informação, incidem fortemente na escola, aumentando os desafios para torná-la uma conquista democrática efetiva. [...]. O desafio é educar crianças e jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições para enfrentar o mundo contemporâneo. (In: DELIZOICOV, ANGOTTI E PERNAMBUCO, 2002, p.12)

Em nosso país, o progresso científico e tecnológico, além de favorecer uma minoria (já que a grande maioria permanece excluída na hora de desfrutar da modernização), perfaz um caminho dissociado da qualidade de vida, onde as pessoas parecem esquecer de refletir sobre si mesmas, quanto as suas necessidades, possibilidades e limitações. E a escola também tem parte nisso.

A sociedade capitalista contribui, com investimentos financeiros e, ao mesmo tempo, com seu consumismo desenfreado, para os inexoráveis avanços da Ciência e da Tecnologia. Muitas vezes, isso se dá sem a devida reflexão sobre as repercussões sociais destes, tanto no momento da produção (cientistas e tecnólogos) quanto do consumo (sociedade em geral, incluindo professores e alunos).

1.2 Acompanhando a humanidade, transformando pela educação.

O fascínio pela descoberta e domínio daquilo que é novo sempre permeou a história da humanidade. Foram muitas as invenções criadas pelo próprio homem para suprir suas necessidades na busca pela sobrevivência. Tivemos a descoberta do fogo, passamos por um intenso período agrícola, até a revolução industrial. Desde então, convivemos com inúmeras e variadas transformações sócio-econômico-culturais.

Do período de industrialização aos dias atuais, o desenvolvimento do conhecimento científico tem contribuído para colocar em novas bases a maneira de pensar e produzir inovações tecnológicas, bem como tem alterado o modo de vida e a forma de organização e comunicação dos diferentes grupos sociais.

Conforme Bazzo, Linsingen e Pereira (2003) havia um clima de otimismo frente às possibilidades da ciência-tecnologia no período pós Segunda Guerra Mundial. Porém, mesmo circulando esse sentimento promissor “o mundo foi testemunha de uma sucessão de desastres relacionados com a ciência e com a tecnologia, especialmente desde os finais da década de 1950”. (Ibid, 123).

Diante de acidentes nucleares, envenenamentos químicos, desastres ecológicos, entre outros prejuízos, ficou evidente um alerta à sociedade no sentido de rever sua relação como simples usuário dos “produtos” da ciência-tecnologia, no sentido de pelo menos supervisionar seus efeitos na natureza/sociedade, preocupando-se com o desenvolvimento científico–tecnológico alcançado pelo próprio homem.

[...] toda a descoberta é preparada de antemão para favorecer certos interesses sociais e algumas pessoas inevitavelmente recebem mais que outras. Eis o resultado da adesão ao capitalismo e a alienação da população em, muitas vezes, permitir que outros fizessem suas escolhas em relação ao rumo da sociedade em que todos nós vivemos hoje. (WINNER, 1987, p. 92)

Nesse sentido, duas questões são importantes. Uma delas é compreender a relação ciência-tecnologia como um processo social, em que participam aspectos éticos, morais, religiosos, profissionais, políticos, econômicos entre outros, vigentes na sociedade e que devem ser valorizados quanto ao rumo do progresso científico-tecnológico. E outra, referente à questão das desigualdades sociais, presente na vida em sociedade desde os primórdios, pela variabilidade de acesso tanto às idéias científicas como aos artefatos tecnológicos, ou pela adoção do sistema capitalista.

Essa questão é trazida à discussão por Bazzo, Linsingen e Pereira (2003) quando afirmam que a ciência e a tecnologia não assumem o papel de agentes niveladores. Pelo contrário, têm a tendência de acentuar a riqueza e reforçar a pobreza colaborando ainda mais para a manutenção da divisão de classes. Infelizmente há muitas invenções e inovações que apenas uma pequena parcela da sociedade têm o luxo de usufruir.

Co-existem então, duas necessidades atuais: uma que coloca a educação como uma possibilidade de mudança quanto à consciência do papel duplo da ciência–tecnologia na sociedade (amiga/inimiga), e outra que também tem conexão com a educação, quando se pretende reduzir, na medida do possível, à distância entre as classes sociais, especialmente através da acessibilidade aos conhecimentos, pelo exercício “pleno” do direito à escola.

Entender os avanços científicos e tecnológicos como estando a favor da humanidade é tão importante quanto ter a clareza de que algumas dessas conquistas

trazem prejuízos ao planeta, ao mundo, ao Brasil, ao nosso estado, município, bairro, casa e à própria vida pessoal, em todas suas possibilidades pessoais e profissionais.

A escola deve participar desse processo, pelos seus conteúdos e discussões propostas. Isso poderia favorecer, entre outras coisas, que as pessoas em geral pudessem ter uma aprendizagem contextualizada, atualizada, que faça sentido no dia-a-dia, permitindo assim mais facilmente, o êxito no quesito escolaridade, o acesso mais igualitário ao mercado de trabalho, e assim, quem sabe, suavemente amenizar a distância entre classes sociais (pois outras mudanças também precisarão acontecer nas demais áreas, não só na educação).

Muitas vezes, aguardar pela tomada de decisões de outros (conscientes ou não disso), manteve-nos passivos diante de tudo e todos. Por muito tempo nos acostumamos a esperar pelos homens de negócios, políticos e em especial por cientistas, conferindo a esses últimos um poder quase “sobre-humano” no sentido de serem considerados grandes intelectuais e no geral inatingíveis pelo restante da população – “pobres mortais”, alienação total!

Salientando que vivemos numa democracia, como cidadãos, faz-se necessário não só termos, mas também desenvolvermos no outro, a capacidade de enxergar situações, visualizar alternativas, expressar opiniões, formular argumentos concisos e, sobretudo assumir responsabilidade ao tomar posição, ou seja, decidir sobre algo ou alguma coisa conscientemente. Isso é possível também pela educação!

Há grandes problemas a serem solucionados, socialmente falando, e que foram criados pela própria humanidade ao longo dos anos, quanto à nutrição, moradia, saúde e educação. Em geral, a discussão permeia a questão da acessibilidade a estes, como um direito de todos! Na realidade, é possível entender que tudo (ou quase tudo) passa pela educação, quando pensamos em transformação: acessar informações, adquirir conhecimentos, buscar uma consciência crítica para superar a alienação e alcançar a formação enquanto sujeito/profissional. Só assim poderíamos, pelo menos, começar a “cobrar” os outros direitos.

Atualmente, quando nos referimos a alfabetizar pessoas, é preciso visualizar esse conceito de forma mais abrangente, incluindo uma alfabetização científica e

tecnológica. Isso passa pelo entendimento da relação ciência-tecnologia-sociedade e também passa pelas questões do ensino.

O professor é chamado a acompanhar, em velocidade real, todas as transformações da ciência e da tecnologia, não só na vida em sociedade, mas também pela sua responsabilidade no espaço de sala de aula. É inaceitável, diante da realidade vigente, mantermos a escola presa somente a espaços e tempos fechados num livro didático, em conteúdos curriculares, nas atividades de repetição e memorização, monótonos, monofônicos e monocromáticos.

É preciso mudar a mentalidade, a postura, rever concepções e conceitos da ação pedagógica. A mudança deve partir da formação inicial dos professores e estender-se para a formação permanente, ou no sentido inverso, propondo-se que a aprendizagem possa ser orientada pela ação-reflexão-ação⁴.

1.3 Ciência para todos, acesso às tecnologias, à educação

Reformulações constantemente são propostas quanto ao olhar sobre o papel do professor, que de acordo com Villani, Pacca e Freitas (2000) procura desde o período pós – ditadura militar, resgatar seu valor, sua dignidade, sua identidade. O professor é responsável direto pela formação de indivíduos. Não importa, rigorosamente, em qual nível educacional ele trabalhe. Sua participação é ativa e constante na construção dos profissionais que hoje compõem nossa sociedade. É também por isso que sua própria formação torna-se tão essencial para exercer a docência.

Os autores supracitados comentam ainda, que os cursos de curta duração (curso de magistério) para formação de professores, hoje extintos, foram essenciais em certos momentos da história, pelo seu papel educacional (preparar professores para que esses preparem os alunos) e pelo seu papel social (preparar leigos que conseguiriam emprego formando-se como professores, independente do valor da remuneração).

Porém, também ponderam sobre o surgimento do curso superior em educação, inicialmente a Pedagogia, que consideram um avanço no sentido de que os professores estariam sendo mais bem preparados para dar aula e um retrocesso: estabeleceu a

⁴ Termo que será comentado a seguir (no item 1.3).

divisão entre professores com e sem nível superior, mantendo-se a situação de classes distintas e distantes, reforçando àquelas já pré-estabelecidas socialmente.

Hoje em dia, o Ensino a distância também é uma opção que oferece prós e contras quanto à formação de professores.

Não se pode negar que a sociedade globalizada, o desenvolvimento científico e tecnológico, os problemas sociais, culturais, ambientais e políticos, conduzem a educação do nosso país. É inegável que houve mudança nos conteúdos, na metodologia, na relação professor-aluno-conhecimento com o passar dos anos.

Villani, Pacca e Freitas (2000, p.07) fazem referência à década de setenta como um período de transição entre formas distintas de exercer a função de professor, assumindo-se então, aspectos do construtivismo, “[...]. No caso das ciências, apareceram às pressões para ampliar o conteúdo ensinado, modificar a metodologia de ensino, introduzir uma nova concepção da profissão [...]”.

Esta postura de construção do conhecimento implica numa mudança de paradigma pedagógico, qual seja, ao invés de dar o raciocínio pronto, de fazer para/pelo aluno, o professor passa a ser mediador da relação educando -objeto do conhecimento – realidade, ajudando-o a construir a reflexão, pela organização de atividades, pela interação e problematização; os conceitos não devem ser dados prontos; podem ser construídos pelos alunos, propiciando que caminhem para a autonomia. (VASCONCELLOS, 1994, p.69).

Neste sentido, minha noção sobre os conceitos: construir conhecimentos, ser um professor construtivista, e/ ou exercer o construtivismo, está em concordância com o referido autor. Significa olhar para o ensino não mais como um simples receituário a ser seguido, e sim, como uma possibilidade mais dialética e interativa de propor situações de ensino-aprendizagem que tenham maior proximidade com as vivências e experiências da prática cotidiana.

Ensinar a pensar, levar a refletir, assumir postura crítica, problematizar e decidir, são alguns quesitos que devem integrar os objetivos do professor em sala de aula, quando esta nova postura profissional/educacional. Segundo Vasconcellos (Ibid, p.70), para o professor fazer sua parte, no processo ensino-aprendizagem, já não basta “[...] ser transmissor, ‘dador’ de aula, repetidor, ‘piloto’ de livro didático”. (grifos do autor).

Cabe ressaltar que uma mudança de paradigma nunca acontece repentinamente. É lenta, gradual, requer conhecimento profundo, reflexão e um “querer” interno, inerente ao professor que tiver como intenção a construção do conhecimento.

Além das questões relativas ao construtivismo, segundo Villani, Pacca e Freitas (2000) na década de 80, especialmente no Brasil, iniciaram-se movimentos relativos à preocupação social (desenvolvimento científico, tecnológico e educação ambiental) vinculada à educacional, incluindo investimentos na formação do professor das áreas de ciências, com a instauração da proposta da UNESCO (1999)⁵, passou-se a divulgar a noção de uma “ciência para todos”, voltada para o exercício da cidadania, o diálogo com o meio cultural e o trabalho crítico frente aos conhecimentos difundidos pelos meios sociais.

É a busca pela superação da noção de que o ensino de ciências deve ser predominantemente formador de cientistas, instituindo-se segundo Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002, p. 34) “[...] a meta de proporcionar o conhecimento científico e tecnológico à imensa maioria da população escolarizada [...]”.

[...] a ação docente buscará construir o entendimento de que o processo de produção do conhecimento que caracteriza a ciência e a tecnologia constitui uma atividade humana, sócio-historicamente determinada, submetida a pressões internas e externas, com processos e resultados ainda pouco acessíveis à maioria das pessoas escolarizadas, e por isso passíveis de uso e compreensão acríticos ou ingênuos; [...]. (Ibid, p. 34).

Diante dessa nova perspectiva, Villani, Pacca e Freitas (2000) apontam que a função do professor em relação ao aluno já têm passado por alterações : 1. *quanto aos conteúdos*, há uma preocupação em aproximá-los da realidade (dando significado concreto ao que o aluno aprende), bem como estudá-los a partir da História e Filosofia das Ciências; 2. *quanto às metodologias*, buscando alunos mais ativos no processo, influenciando a internalização de novos conceitos e teorias através de uma rede de conceitos previamente adquiridos pelo aprendiz; 3. *quanto às competências exigidas para o desenvolvimento profissional*, surge um novo paradigma: o do professor reflexivo e pesquisador de sua prática - aquele que reflete sobre sua ação e sobre seu próprio

⁵ Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, neste caso, referindo-se aqui a Declaração de Santo Domingo, e a proposta constituída durante a Conferência Mundial sobre Ciência, em 1999 (assunto que será comentado mais adiante).

aprendizado, enfrentando a multiplicidade de desafios da sala de aula, avaliando suas estratégias de ensino e reelaborando-as quando necessário e oportuno.

Quanto a esse último item, cabem algumas considerações quanto à proposta do professor reflexivo. Conforme Ghedin (2002), o professor deve despertar para um constante questionamento e autoquestionamento, como sendo um pressuposto para que haja essa reflexão sobre a prática, no trabalho com o conhecimento. O autor complementa, apontando para a necessidade da percepção de que teoria e prática são dois lados de um mesmo objeto e nunca estão dissociadas. Também argumenta sobre a divisão equivocada entre o saber do ensino (“transmitido” pelo professor) e da pesquisa (tarefa do pesquisador especializado).

[...]. Refletir sobre os conteúdos trabalhados, as maneiras como se trabalha, a postura frente aos educandos, frente ao sistema social, político, econômico, cultural é fundamental para se chegar à produção de um saber fundado na experiência. Deste modo, o conhecimento que o educador “transmite” aos educandos não é somente aquele produzido por especialistas deste ou daquele campo específico de conhecimento, mas ele próprio se torna um especialista do fazer (teórico-prático-teórico).

Fundar e fundamentar o saber docente na práxis (ação-reflexão-ação) é romper com o modelo “tecnicista mecânico” da tradicional divisão do trabalho e impor um novo paradigma epistemológico capaz de emancipar e “autonomizar” não só o educador, mas, olhando-se a si e à própria autonomia, possibilitar a autêntica emancipação dos educandos, não sendo mais um agente formador de mão-de-obra para o mercado, mas o arquiteto da nova sociedade, livre e consciente de seu projeto político. (GHEDIN, 2002, p.135)

Em contrapartida a essa possibilidade de ação, infelizmente evidencia-se, conforme Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002, p.41) a constatação de que a formação de professores, na sua maioria “[...] ainda está mais próxima dos anos 1970 do que de hoje”, indicando a necessidade real de mudança.

É nesse contexto que não só o Pedagogo, mas também os professores de Biologia, Química, Matemática, Física, e outras áreas, na medida em que desejam “convencer” o aluno a interessar-se e aprender os conhecimentos científicos pertinentes a cada disciplina, devem assumir novas posturas e objetivos frente ao processo ensino-aprendizagem.

No sentido dessas mudanças, enfatizo aqui que, nos quesitos atenção, envolvimento afetivo, problematização e motivação (alguns dos itens importantes para o

sucesso escolar), abordar aspectos sobre o uso da voz é relevante e pode oferecer contribuições importantes.

Os professores têm ao meu ver, dupla responsabilidade: eles próprios despertarem para a importância da nova forma de entender a relação ciência-tecnologia (e assim, gradualmente contagiar seus alunos); e, como segundo compromisso, assumirem, como professores, a formação de profissionais e, principalmente dos novos docentes.

Os cursos de formação de professores de Ciências constituem *locus* privilegiado para que essa disseminação se intensifique, à medida que, sistemática e criticamente, o novo conhecimento produzido pela área de ensino de Ciências passe a permear as ações docentes e se torne objeto de estudo discussão no currículo dos cursos.(DELIZOICOV, ANGOTTI E PERAMBUCO, 2002, p.41)

À medida que, de maneira privilegiada, um professor pertence ao grupo desses especialistas, faz-se necessário que ele avance e amplie seus conhecimentos e seu entendimento sobre o desenrolar dos acontecimentos das décadas anteriores até o contexto atual, compreendendo seu papel e responsabilidade em relação à sociedade como um todo. Se quisermos mudança, este é um ponto relevante.

Antônio J. Severino e Selma G. Pimenta, na apresentação do livro *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*, tecem entre outras considerações, que

[...] as transformações das práticas docentes só se efetivarão se o professor ampliar sua consciência sobre a própria prática, a de sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade. (In: DELIZOICOV, ANGOTTI E PERAMBUCO, 2002, p.13)

Tais idéias vão ao encontro daquilo que se busca através da Educação Científica e Tecnológica. Entre outros objetivos, estabelecer “pontes” entre experiências/vivências do cotidiano, e o conhecimento científico, através dos conteúdos curriculares. Procura-se pelo fim da alienação, da dominação, do entendimento tradicional dos papéis da ciência e da tecnologia na vida humana e escolar.

Nesse sentido, o que o professor pensa sobre o conhecimento que trabalha em sala de aula? Qual a proposta de sua aula de biologia, física, química ou matemática? Decide sozinho? Discute com os alunos sobre o que lhes é útil ou não aprender, estudar? Conhece e argumenta a respeito dos assuntos em pauta na mídia? Pondera

sobre as novas descobertas, contribuindo para expandir horizontes, gerar nova visão de mundo, formar cidadãos diferentes, preparar para a vida? Apenas segue o programa curricular?

Conforme Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002), essas reflexões e questionamentos são importantes quando se trata das Ciências Naturais, pela sua interface com outras áreas do conhecimento, por ser um conteúdo cultural importante para viver, compreender e atuar no mundo, especialmente por sua produção histórica.

Para os autores, é fundamental a superação do senso comum pedagógico, no qual professores dessa área, ou de alguma das ciências, precisa dominar teorias científicas e seus vínculos com as tecnologias, através de atividades que caracterizam a ciência como algo acabado e inquestionável. Neste sentido,

[...] é inconcebível que tanto a comunidade científica quanto à de professores que atuam nas escolas que trabalham e/ou produzem ciência e tecnologia, e que constroem os conhecimentos com as gerações futuras, não especulem e não discutam as repercussões sociais de suas ações.(BAZZO, 2002, p. 05)

E também, é importante o resgate da Declaração de Santo Domingo⁶ (UNESCO, 1999), quanto ao que se pretende para o século XXI, em relação à democratização da ciência. Que ela seja para todos, e não somente para os cientistas, como já foi descrito.

A renovação do ensino da ciência e da tecnologia, por vias formais ou informais, deve ter como objetivo, também, a promoção da compreensão pública da ciência e da tecnologia como parte da cultura. A formação inicial e permanente dos docentes de ciência e tecnologia terá de vincular-se crescentemente aos ambientes de produção de conhecimento nas suas respectivas disciplinas, pois a sua tarefa essencial consiste em ensinar uma ciência dinâmica (viva, em constante transformação e culturalmente relevante). (Ibid, p.07)

Este documento prevê o alcance de três metas; 1. ampliar o conjunto de seres humanos beneficiados pelos avanços da ciência e da tecnologia, em especial quanto aos problemas da população de baixa renda; 2. facilitar o acesso à ciência, pois esta é

⁶ “Atualmente, uma das maiores preocupações da sociedade mundial é a necessidade urgente da **utilização responsável e ética da ciência** por parte dos cientistas para satisfazer as necessidades e aspirações do ser humano, sem empregá-lo de maneira incorreta. Pensando em isso, foi promulgada, em 1999, durante a Conferência Mundial sobre Ciência para o século XXI realizada pela UNESCO em Budapeste, a Declaração sobre Ciência e o uso do Conhecimento Científico. (...) No âmbito Ibero-americano, destaca a Reunião Regional de Consulta de América Latina e o Caribe sobre ciência, em Santo Domingo (realizada pela UNESCO com o apoio da Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura), em 1999, que precedeu à Conferência Mundial. Nesta reunião, os especialistas reunidos redataram a chamada Declaração de Santo Domingo”. Disponível no site: <http://www.ciberamerica.org/Ciberamerica/Portugues/Areas/Ciencia/Ciencia/inicio.htm>

componente central da cultura; 3. enfatizar a importância da educação e da popularização, tanto da ciência como da tecnologia, para a sociedade como um todo.

Nesse sentido é pertinente ressaltar alguns argumentos mencionados por Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002) sobre o fato de que a mídia (impressa e digital) atual tem papel duplo considerando essas metas com relação à educação: divulga com grande velocidade mesmo que através de conexões frágeis (em relação às áreas de conhecimento específicas) as novidades da ciência e tecnologia, os novos conhecimentos. E, por outro lado, serve à reflexão sobre o currículo dos cursos de graduação, que de modo geral enfatizam uma ciência “morta”, pontual, linear, neutra, desconectada do cotidiano do aluno.

Sobre a questão das diretrizes curriculares, os autores supracitados (2002, p.72) afirmaram estar em fase de aprovação junto ao Conselho Nacional de Educação, novas propostas para os cursos de licenciatura e bacharelado, mais comprometidas com as novas concepções de ciência e tecnologia, buscando-se a formação de novos perfis profissionais para a docência, “[...] que possa dar conta dos desafios surgidos: formação continuada, presencial e a distância, geral e específica, disciplinar e com abertura para assuntos interdisciplinares (C&T), transversais em seu ensino”.

De acordo com o MEC (Ministério da Educação e Cultura)⁷, atualmente, os cursos já estão implantando as novas diretrizes curriculares que foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação a partir de 2002, configurando-se em resoluções oficiais para as diversas graduações.⁸

1.4 Tecnologia a serviço da Educação: recursos para a sala de aula

Na escola de anos atrás, onde não havia a tecnologia disponível atualmente, entre outros objetivos, havia uma ênfase maior quanto à comunicação oral, e de maneira natural esse trabalho era realizado através de outros recursos:

⁷ Informações obtidas no site (<http://portal.mec.gov.br/cne/>)

⁸ “(...) Dentro do prazo de dois anos, universidades e faculdades isoladas deverão constituir suas licenciaturas como cursos com identidade própria, sem que se caracterizem como habilitações ou apêndices de outros cursos. (...)”. Informações disponíveis no site <http://www.sbenbio.org.br/bol3ant.doc>

[...] lia-se em voz alta, declamava-se, fazia-se 'exames' orais; em casa, se escutava e falava mais, pois não havia televisão e rádio; nas festas populares compareciam cômicos, saltimbancos, cantava-se e dançava-se canções tradicionais... Agora, nada disso sucede e o gosto pela precisão e pela beleza da comunicação oral desapareceu. (REYZÁBAL, 1999, p.14)

Houve um tempo onde tudo isso foi muito valorizado, priorizado, expressado e exercitado. Agora, mesmo que ainda imprescindível para qualquer profissão, frente aos avanços científico-tecnológicos, a comunicação oral está num outro patamar e mudanças foram acontecendo.

O registro dos conhecimentos na forma de livros foi um avanço significativo, sendo a forma encontrada para armazenar informações, histórias e descobertas. Até então, utilizava-se a palavra falada (fala e voz) como única forma de transmitir conhecimentos. Lentamente esses puderam ser transferidos à palavra escrita, no princípio em forma de manuscritos. Havia os que declaravam seus conhecimentos e os que escreviam o que lhes era dito na formatação de livros. E novamente a oralização se fazia presente, através da leitura desses materiais, que evoluíram de aparência com o advento da imprensa anos mais tarde, segundo breve relato de Postman (1994).

O referido autor, também explica que cinquenta anos depois que a imprensa⁹ foi inventada, mais de oito milhões de livros já tinham sido impressos, repletos de informações que anteriormente eram inacessíveis à maioria das pessoas. O manuscrito do copista já não servia mais como modelo de livro. No final do século XVI, o livro feito à máquina tinha uma forma tipográfica e uma aparência comparável à dos livros de hoje.

Ainda para o mesmo autor, essa invenção (imprensa) foi como o início da revolução da informação. Novas descobertas como o telégrafo, as fotografias, a radiodifusão e a tecnologia do computador puderam contribuir e a escola procurou então, acompanhar, na medida do possível, essa ampliação do fluxo de informação.

Nas salas de aula, os livros eram lidos pelo professor em voz alta para que então os alunos tivessem acesso aos conhecimentos neles contidos. A matéria era apenas

⁹ Gutenberg (1400-1468) - inventor da tipografia. Converteu uma antiga prensa de lagar em uma máquina impressora, com tipos móveis, sendo pioneiro no campo da imprensa gráfica.

lida pelo professor, e depois o aluno deveria memorizar certos conteúdos para realizar provas orais e escritas.

Nesse sentido, Dimenstein e Alves (2003) propõem uma reflexão crítica sobre a relação do professor com o livro, afirmando que já se passaram mais de quinhentos anos e o professor ainda não sabe utilizar adequadamente esse recurso didático, tão arraigado às situações escolares. Ao invés de fazer uso e ensinar o aluno a consultá-lo, ou utilizá-lo como ponto de partida para novas investigações, muitas vezes continua a cobrar do mesmo a memorização do conteúdo/ conhecimento nele contido.

Quanto às diferentes finalidades de uso do livro, Borges (apud REYZÁBAL 1999, p.14) reforça,

Na antiguidade, o conceito que se tinha de livro, não é o que existe hoje em dia entre nós. Agora, pensamos que um livro é um instrumento para justificar, defender, combater, expor ou para historiar uma doutrina ou uma forma política. Na antiguidade, em troca, não se tinha essa idéia. Pensava-se que um livro era um sucedâneo da palavra oral. Via-se dessa forma.[...].

Perceba-se então, a dupla possibilidade de utilização dos livros nas escolas, como uma tecnologia posterior à voz/fala e que é importante não só para “transmitir” conhecimentos, mas também para a produção e construção desses.

E então, a palavra escrita vai ganhando espaços, credibilidade enquanto a palavra falada fica à sua mercê, permeando este movimento (escrita-oralização), sócio-educacional quase que “invisível”. Nos dias de hoje, por exemplo, as pessoas deixam de falar/usar a voz, umas com as outras, e enviam mensagens pelo celular ou via internet.

Na concorrência com essas e outras tecnologias, talvez a voz/fala tenha ficado “oculta”, mesmo estando presente – faltou-lhe atenção, valorização? Como seriam divulgados os conteúdos dos livros se não fosse pela voz? Sem o recurso da leitura em voz alta, como teria sido a evolução do ensino? E a própria gramática da língua portuguesa, que enfatiza o ensino da leitura e da interpretação de texto, como ficaria?

Acessar ao mundo da leitura implica ler textos aplicando as devidas regras gramaticais de pontuação, caracterizando a oralização com pausas (virgula, ponto final), exclamações, interrogações, dando ênfase às sílabas tônicas (em palavras oxítonas, paroxítonas, etc.), variando a entonação para denotar início, meio e fim de

cada parágrafo, dando enfim, sentido às palavras lidas. Perceba como a voz e seus recursos estão imersos no cotidiano escolar, e de várias maneiras.

Esses parâmetros automatizados para atender as demandas exigidas na escola (no aprendizado da gramática na língua portuguesa), de fato têm seu valor nas interações entre sujeitos, seja entre o que escuta/o que lê, ou entre o que aprende/o que ensina. Tais aspectos, relativos à leitura e interpretação de textos, são ensinados e cobrados principalmente com a finalidade de avaliar a aquisição da leitura e das regras gramaticais do Português, muitas vezes deixando-se de valorizar aspectos que contribuem para a compreensão e expressão de certas mensagens/informações, a partir da idéia de serem valorizados como recursos vocais.

Se assim fossem também considerados, seria possível ampliar a qualidade da comunicação e do entendimento entre os sujeitos, de um modo geral, e mais especificamente, nos momentos de aula, nas interações do professor com seus alunos quando os saberes se socializam.

É possível que esse ponto de vista em relação à oralização e aos recursos vocais, seja mais visível para alguns do que para outros, mas eles são seguramente, intrínsecos ao processo educativo, uma vez que a voz/fala não deve se ausentar da sala de aula, e muito menos das relações sociais.

Talvez inundados por tantas invenções e inovações da ciência e da tecnologia, colocadas a serviço da educação, tenhamos incutido um valor natural demais à voz/fala. Por seu surgimento ser tão óbvio entre os seres humanos, foi que possivelmente tornou-se tão pouco explorado principalmente nos nossos espaços educacionais, que deixaram para trás certas condutas aderindo a outras posturas profissionais. (Reyzábal,1999)

Analisando tal realidade, é fundamental considerar que a voz é um instrumento de trabalho tanto quanto também o são os livros didáticos e outros recursos materiais, dos quais o professor faz uso nas interações em sala de aula, da maneira correta ou não.

Frente aos avanços científicos e tecnológicos, a ansiedade em consumir, utilizar e ter acesso a elas parece deixar “às cegas” algumas pessoas. Para estas, ter é mais

importante do que saber o quê e como fazer com o que se têm, afinal, parece que são poucos os que lêem por inteiro os manuais de uma televisão, de um aparelho de som. Parece que o mesmo acontece ao uso do livro, ao computador nas suas aplicações educacionais, imagine quanto ao uso vocal, que “herdamos geneticamente” sem receber orientações iniciais para uso. Uma boa parte da população utiliza sem conhecer/ compreender as possibilidades desses recursos didático-tecnológicos.

Segundo Dimenstein e Alves (2003), mesmo sem dominar o manuseio do livro na sala de aula, alguns professores questionam-se sobre como levar outras tecnologias com aplicabilidade didática, ao contexto escolar. Querem ter acesso, por exemplo, à informática para educar através do uso do computador e da internet em sala de aula, mas não percebem que outros instrumentos de trabalho ainda não são eficientemente usados, como o próprio livro, ou mesmo a voz.

Será que em sua formação os professores, por exemplo, foram “alertados” sobre a voz como esse instrumento de trabalho? Será que alguém lhes fez pensar sobre sua expressão vocal, e que essa também pode contribuir para a construção de conhecimentos com os alunos? E sobre a relação desta com o vínculo afetivo, da intencionalidade que carrega (aparente ou oculta), da disciplina? Continuemos!

A voz é um instrumento de comunicação utilizado há milhões de anos. Sua utilização tornou-se habitual entre nós a ponto de na maioria das vezes, as pessoas só perceberem sua presença essencial, quando a própria voz falha ou desaparece impedindo a comunicação verbal.

Se fôssemos comparar a voz aos demais recursos tecnológicos disponíveis, especialmente para a educação (quadro negro, vídeo, computador, retroprojeto) poderíamos perceber que quase sempre valorizamos e nos preocupamos em aprender a utilizar todas essas tecnologias. No entanto, caberia refletir: e a nossa voz?

Ela está conosco desde que nascemos e o contato social constantemente vai ensinando como utilizá-la adequadamente, em especial pela aquisição de nossa língua materna, através da fala. Poderia ser considerada também como uma tecnologia¹⁰, e entendendo-a como tal, poderíamos trabalhar por analogia: o que nós sabemos sobre

¹⁰ Segundo FERREIRA (1993, p. 528), tecnologia é o “conjunto de conhecimentos, especialmente princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade”. (FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Minidicionário da Língua Portuguesa. 3ª ed. Nova Fronteira, RJ: 1993)

seu funcionamento? Vantagens e desvantagens? Formas de aperfeiçoar sua utilização? Como fazer a manutenção? Como evitar problemas e complicações?

Ela não vem de fábrica com um manual, como outros aparatos tecnológicos. Porém, há muitas informações a seu respeito, relevantes não só para a vida pessoal e social, mas também para a profissional, enfatizando novamente aqui o professor, no decorrer de seu trabalho com o conhecimento.

Na interação com seus alunos, o professor toma decisões, faz escolhas conscientes ou não, comunicando-se de maneira verbal e não-verbal. Contudo, como será que ele se percebe? Será que já se deu conta de que a voz é um recurso disponível diariamente, de baixo custo e com variação de uso?

A voz é parte de nossa vida. A menos que tenhamos problemas vocais, não custará praticamente nada. Podemos usá-la à vontade, teoricamente sem horário para “reservá-la” e depois “devolvê-la” como o fazemos, por exemplo, com o retroprojeto!

Não se pode negar que, de fato, os meios tecnológicos evoluíram com grande velocidade nos últimos anos, e o professor ainda não acompanhou sua evolução e utilização na educação. A escola está atrás dos conhecimentos do seu século, tendo que investir na formação dos professores, para capacitá-los e atualizá-los no acompanhamento dos avanços científicos e tecnológicos. (Souza, Bastos e Angotti, 1999).

Isso é importante no sentido de recuperar as interações professor-aluno-conhecimento, o interesse, a motivação, o prazer em ensinar e aprender. Sem dúvida, a voz oferece muitas contribuições nesse resgate pretendido.

Diante de um mundo repleto de estímulos e desafios que se alternam rapidamente, os conhecimentos tornam-se obsoletos rapidamente.[...]. Um conhecimento cuja função limita-se à sala de aula, em particular para a realização de provas, é serio candidato a ser descartado. [...] Não estabelecem como o conhecimento vínculos que extrapolem a escola e suas exigências. Enxergar o conhecimento [...] como meio eficaz de entender a realidade que nos cerca, garantiria vida pós-escolar ao mesmo, permitindo o estabelecimento de *vínculos afetivos*, que seriam duradouros. (PIETROCOLA, 2001, p. 18)

É imprescindível fazer da escola um local contextualizado, dinâmico e flexível, seja pelo uso de recursos didático-tecnológicos ou pela inclusão (nos currículos) de temas, discussões e investigações a respeito de certas tecnologias - seu avanço,

benefícios e desvantagens no meio social. (Bizzo, 2000; Delizoicov, Angotti e Pernambuco, 2002)

E por que não falar da voz? Essa é, sem dúvida, uma pauta constante e diria até, efervescente no meio fonoaudiológico¹¹ e seguramente no docente, por várias vezes “fonte” de pesquisas.

Quanto às questões sobre voz na sua relação com a aprendizagem, por exemplo, o estudo recente de Yura, Miranda e Margall (1999) registra a importância de se garantir um padrão vocal saudável para o professor de modo a favorecer o processo de ensino-aprendizagem, confirmando a correlação entre distúrbio vocal docente e erros de grafia em alunos do ensino fundamental.

Então, repensar a prática docente além de partir das reflexões e análises do próprio professor deve também ter o olhar em relação ao aluno, pois, compreender sua realidade de maneira ampla e integral, é fator importante para que seu aprendizado escolar lhe seja familiar e faça sentido também fora da escola, onde aprende constantemente. Segundo Pietrocola (2001, p.19) “[...] os conhecimentos que nos acompanham por toda a vida são aqueles que, de um lado nos são úteis e, de outro, geram algum tipo de prazer [...]”. O cotidiano (meios de comunicação disponíveis, rotina familiar, realidade sócio-econômico-cultural...) deve ser mais valorizado e compartilhado, entre os conteúdos previstos para sua aprendizagem. De acordo com Escotet (1992, p.87):

[...] a incidência dos meios de comunicação de massas adquire uma dupla dimensão: por um lado, como potencial de mudanças necessárias para ampliar melhorar a capacidade e a eficácia de nossos sistemas educativos; por outro, em sua expressão como escola paralela, cujos canais não são controlados pelos docentes, e representam um impacto cultural e educativo cuja magnitude e complexidade está longe de ter sido adequadamente compreendida.

11 Tema que pelos pesquisadores fonoaudiólogos já foi abordado como proveniente de questões orgânicas/ doença, sendo os profissionais com maior incidência de transtornos vocais (Cooper, 1974; Herrington-Hall e cols, 1988); como uma proposta de prevenção, tratando da saúde vocal (Pinto e Furk, 1988; Behlau, 1997; Pinho, 2002); como um fator relevante na relação de ensino-aprendizagem (Yura, Miranda e Margall, 1999) e presente nas interações do sujeito no meio social (Servilha, 2000; Chun, 2000; Dragone 2000 e Chieppe, 2004). (ver nota de rodapé 15)

Independente da formatação desses meios de comunicação, como um livro, revista, jornal, televisão ou mesmo a internet, tais materiais estarão de certa forma acessíveis (em horários opostos à sala de aula) e divulgando conhecimentos ao mesmo tempo em que a escola.

Muitas vezes são apresentados artigos, reportagens e informações simplificadas, reafirmando apenas o senso comum. Em outras situações são apontados dados de pesquisadores, cujos resultados são técnico-cientificamente complexos para o entendimento da maioria da população. Em contrapartida, para outro grupo de espectadores, ouvintes e leitores (alguns deles professores), esses conhecimentos servirão como pontes para discussão de certos conteúdos, ou como ponto de partida na valorização da bagagem cultural, social e intelectual dos indivíduos.

Nesse caso, é importante que tanto o professor quanto seus alunos freqüentem e explorem os mais diversos espaços de divulgação científica e cultural, que também acessem outros recursos didáticos mediados ou não pela tecnologia, para consulta e pesquisa, fazendo uso crítico e consciente destes.

Segundo Souza, Bastos e Angotti (1999), aderir à tecnologia em sala de aula traz ao professor dois desafios: conhecer e aplicar conscientemente as mídias disponíveis e ao mesmo tempo, como um professor alfabetizado científica e tecnologicamente, (re) afirmar que é insubstituível diante desses aparatos tecnológicos.

Ao meu ver, a voz tem seu espaço e também um desafio posto ao professor: ser (re) conhecida e aplicada de forma mais consciente, e ao mesmo tempo provar ser insubstituível diante da tecnologia vigente. Como você daria uma aula de cinquenta minutos sem sua voz? Consegue imaginar? É semelhante à situação de não funcionar um retroprojeto ou data show no exato momento da aula? O que você acha?

Os depoimentos de professores, coletados para o presente trabalho, fornecerão subsídios para se discutir essas questões.

Capítulo 2

Um novo lugar para a voz

2.1 Delimitando o lugar da voz pelas interações sociais

Diante dos avanços científicos e tecnológicos, o professor, hoje, dispõe de muitos meios e recursos pedagógicos para sua atuação em sala de aula. Muitas vezes, preocupa-se em acompanhar a evolução técnico-científica buscando incluir em sua prática essas novas invenções e descobertas. Não que essa atitude esteja equivocada, porém é importante, entre outras coisas, resgatar o papel essencial de outro recurso: a voz humana.

Segundo Brandi (2002), a voz pode ser compreendida como uma possibilidade de nos expressarmos ainda que sem palavras, ou mesmo sem dominar uma língua específica. Ela permite a comunicação através de sons vocais, considerados não-verbais pela autora como, por exemplo, chorar, gemer, gritar, suspirar, balbuciar, rir, tossir, bocejar, roncar, espirrar, soprar entre outros, incluindo os sons que imitam as vozes dos animais.

Analisando essas expressões, podemos considerar que a voz acompanha o sujeito desde seu nascimento, como afirmam Behlau e Pontes (1993). O choro, manifestação vocal relacionada à função respiratória, é uma manifestação que indica sinal de vida no bebê, independente da época em que veio ao mundo.

Na época das cavernas, os sons vocais, gritos e expressões faciais, acompanhados dos aguçados sentidos do olfato, audição, visão, tato e paladar, serviam para a comunicação entre os homens – utilizando-se da voz sem palavras.

Com o passar dos anos as invenções (do próprio ser humano) contribuíram para aprimorar esse processo, lembrando aqui, entre outros eventos, a evolução dos pictogramas para a escrita, e também a sua associação com a fala – voz na forma de palavra. Nesse sentido, é importante compreender o que referem Perrota, Martz e Mansini (1995, p.14) a esse respeito:

Transformar o som em palavras exigiu do homem em sua história a adaptação e o refinamento de movimentos que possibilitassem a distinção

mais sutil dos sons e seu encadeamento significativo em enunciados; a transformação da voz em palavras é, pois, a história do homem em seu esforço, orgânico inclusive, por dizer o mundo, por criar realidades que correspondam às suas necessidades de compreensão na vida, no relacionamento em sociedade. É uma história que carrega em si as transformações do próprio homem, de suas civilizações e de seus valores, dos objetos que construiu e destruiu, das dúvidas, dos conhecimentos e perplexidades.

Com o aperfeiçoamento do sistema de comunicação humano, aprendemos a utilizar a voz para produzir palavras e expressarmos o pensamento, nos comunicando de maneira verbal (no nível da fala), utilizando um código específico ao grupo a que pertencemos.

A aquisição da fala, o aprendizado de uma determinada língua, parte dos sons não-verbais, uma vez que, conforme Brandi (2002) esses comunicam intenções e estados emocionais. Retomando a questão do choro, é possível perceber que o bebê utiliza diferentes entonações, que a mãe interpreta como se o filho estivesse comunicando, além de sua chegada ao mundo as sensações de fome, sono ou prazer, como mencionam Behlau e Pontes (1995)¹².

No decorrer desse processo, o bebê também brincará com sua voz caracterizando o balbúcio, e descobrirá ruídos que pode produzir com a língua e lábios. Mais adiante passará a imitar os sons que ouve dos adultos e assim, gradualmente vai aprendendo a falar e conhecer os nomes das coisas e seus significados, evidenciando a organização do pensamento.

O bebê embriaga-se com os sons e depois com as palavras, saboreia-as, repete-as uma e muitas vezes, alheio ainda a significados, normas e funções. Concentrado em sua capacidade de 'fazer soar', canta, encantado, fascinado por sua própria voz como instrumento mágico. Produz uma grande variedade de indiscriminados sons, riqueza que depois orientará e reduzirá para ajustar-se aos que são significativos dentro do sistema fonológico de sua língua. (REYZÁBAL, 1999, p. 54).

Sendo o bebê um novato dentro de um grupo social, ele passará pelo processo de aquisição da linguagem, sendo a função inicial deste, a comunicação social, até que

¹² Segundo esses autores, o estudo mais detalhado sobre choro de bebês é o de Wäs-Hockert e col. (1968) no qual foram identificados esses quatro sinais vocais característicos. (In: BEHLAU, M. e PONTES, P. Avaliação e Tratamento das Disfonias. Lovise, SP:1995)

gradualmente possa ser capaz de utilizá-la como instrumento do pensamento. É essa comunicação, através da interação com adultos e crianças mais velhas, que impulsiona o desenvolvimento da linguagem, no decorrer do desenvolvimento da criança que irá se ajustando e aproximando cada vez mais do padrão predominante (Oliveira, 2000).

Nesse sentido, Vygotsky (1984) refere-se ao desenvolvimento de uma criança considerando a capacidade de realizar certa (s) tarefa (s) sozinha sem ajuda nenhuma - o nível de desenvolvimento real da criança (etapas que ela já alcançou), bem como a capacidade dela em aprender a realizar sozinha aquilo que ainda precisa fazer contando com a ajuda dos membros mais experientes - nível de desenvolvimento potencial. Entre esses dois níveis, existe a zona de desenvolvimento proximal, caracterizada pelas funções (brotos do desenvolvimento) que ainda não amadureceram, e que estão em fase embrionária.

Para ele, o aprendizado é que impulsiona o desenvolvimento. A escola (professor e grupo heterogêneo de crianças) também terá papel essencial nesse processo, tendo como meta as etapas ainda não alcançadas, investindo diretamente na zona de desenvolvimento proximal dos alunos. De fato, as interações sociais são promotoras de aprendizado, podendo ser utilizadas nas situações escolares, e será entre outras coisas, através do mecanismo de imitação¹³ (reconstrução individual daquilo que é observado no outro) que a criança terá seu amadurecimento promovido.

Com esse entendimento sobre desenvolvimento e aprendizado, valorizando as interações sociais, encontra lugar o conceito de voz trazido por Behlau e Pontes (1995, p.17), “A voz é [...] nosso sentido de inter-relação na comunicação interpessoal, um meio essencial de atingir o outro [...] só existe, porque existe o outro”.

É esse outro que, presente, interpretará os sons vocais, dando sentido a eles; é esse outro, quem mediará as transformações dessas vocalizações naquilo que reconhecemos como a fala humana; e será também esse outro, quem posteriormente “julgará” o desempenho do falante, avaliando entre outros aspectos a boa qualidade de suas emissões vocais, ou mesmo o domínio de sua língua materna.

¹³ Essa é uma das razões pela quais há preocupação quanto à voz de professores apresentarem padrões inadequados. Existe registro de situações nas quais crianças imitam o padrão vocal de seus professores, trazendo prejuízos ao seu desenvolvimento.

Pelas interações, emergirão no sujeito, sua linguagem/pensamento, sua voz, sua fala, aderindo aos padrões de certo código (língua materna) para manter e aprimorar suas relações sociais, crescer e evoluir. Então, compreender a comunicação (oral), implica em entender que tais aspectos que a compõem, estão co-relacionados e indissociáveis, afinal, a estruturação da linguagem permite nosso amadurecimento intelectual e emocional e a organização constante do pensamento. (Reyzábal, 1999).

A importância da linguagem (enquanto língua) reside em permitir que as idéias e a informação sejam transmitidas de uma pessoa para outra. A linguagem provê o meio pelo qual o pensamento pode ser expresso e, [...] o próprio uso da linguagem e a contínua experiência de estar entre os usuários desta, influi não só na forma em que a criança utilizará a linguagem, mas – o que é mais importante – na forma em que pensará e o tipo de interpretação que fará de suas experiências (TOUGH, 1987, p.87)

Para expor nossas idéias e pensamentos, mudanças incessantes dos movimentos de língua, dos lábios e de outros componentes do aparelho fonador, como da própria laringe, ocorrem e permitem realizar ajustes que modificam os padrões da voz¹⁴. (Pinho, 1998). Porém, não bastam os aspectos orgânicos e assim, segundo Freire (1990, p.70), “[...] falar não é um ato verdadeiro se não está ao mesmo tempo, associado ao direito à auto-expressão e à expressão da realidade, de criar e recriar, de decidir e escolher, [...] de participar do processo histórico de sua sociedade [...]”.

Nesse sentido, o presente trabalho, em muitos momentos utilizar-se-á do termo voz e a este, deve-se associar as questões de fala e linguagem já comentadas especialmente quanto às interações sociais.

Na seqüência, serão então abordados pontos importantes com relação à voz, foco central das discussões deste trabalho.

2.2 A voz e as interações pedagógicas

Conforme já descrito anteriormente, é especialmente pelas interações sociais que se dará o aprendizado e o desenvolvimento humano, tanto pelas relações familiares quanto posteriormente pelas escolares.

Os autores Amidon e Hunter (1971 apud REYZÁBAL, 1999, p.13),

¹⁴ Este aspecto será retomado mais adiante.

Consideram a educação como um processo de interação baseado, essencialmente, na comunicação oral que tem lugar entre professor e aluno no decorrer de certas atividades ou momentos [...] são: criar as motivações, programar a tarefa escolar, dar informação, orientar as discussões, intervir no aspecto disciplinar, referir-se aos problemas de ordem psicológica ou social e avaliar. A estes podem ser acrescentados outros aspectos, tais como ajudar os estudantes a se expressarem, fazer ou responder perguntas, proporcionar conclusões, corrigir usos lingüísticos, etc).

Além desse entendimento, segundo Rego (1995) é necessário que no ambiente escolar seja redimensionado o sentido das interações sociais, entre os alunos e o professor, ou entre os próprios alunos que aprenderão na heterogeneidade. Para a autora, estas interações deveriam ser entendidas como condição para a construção do conhecimento, através do diálogo, da cooperação, da troca de informações mútuas, pelo confronto de opiniões divergentes considerando as responsabilidades de cada um em seu papel social (de aluno, de professor).

Entender essas interações sociais entre professores e alunos, como interações pedagógicas construtivas (dirigida aos novos aprendizados e ao desenvolvimento), através dos recursos mencionados (diálogo, cooperação, troca, confronto), oferece a voz a característica de ser efetivamente mais um instrumento a disposição do processo ensino-aprendizagem. Essa análise sobre a voz se torna viável, considerando-se não apenas o sentido meramente curativo evidenciado nas medidas profiláticas e nos tratamentos clínicos ofertados, mas, sobretudo, no conhecimento e emprego de suas possibilidades quanto aos ajustes e aprimoramento.

[...]. A relação dialógica entre professor e aluno (o outro social aquele para o qual o professor dirige sua comunicação e que é normalmente negligenciado nos trabalhos da literatura sobre voz) acontece na sala de aula, local onde os atores constroem uma interação para, nela e por ela, possibilitarem a transmissão e construção de conhecimento, objetivos essenciais da instituição escolar. (SERVILHA, 2000, p.11)

Sob o mesmo enfoque, Penteado (2002) faz uma importante ponderação, explica que, no início do trabalho fonoaudiológico nas escolas (década de 80), não se enfatizava os espaços de interação verbal que os professores e alunos construíam em sala de aula e os aspectos culturais e sociais inerentes a eles. E acrescenta, que atualmente o fonoaudiólogo se permite assumir o papel de articulador social, propondo estratégias que dão voz e participação aos integrantes da comunidade escolar, de

modo a favorecer a expressão de percepções, valores, sentimentos e representações acerca de suas condições de saúde e trabalho.

Respeitando os sujeitos envolvidos (tanto o professor como o aluno) como seres únicos, que trazem consigo um ritmo próprio de aprendizado, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, valores e contextos familiares particulares. Que são ativos e interativos em seu processo de conhecimento, imprimindo na relação pedagógica sua visão de mundo, os conceitos já formados e o desejo de ampliar suas capacidades individuais.

Seguindo essa argumentação, a voz, entendida como resultado de fatores biológicos, psicológicos e sociais, também deve ser compreendida a partir de aspectos educacionais, especialmente se considerarmos o enfoque das interações sociais/pedagógicas. Ferreira (1995) situa a voz nesse contexto. A voz existe em função de um outro sujeito, reafirmando o que também dizem Behlau e Pontes (1995), acrescentando ainda que será em função desse mesmo outro, que a voz poderá se modificar, de maneira consciente ou não.

Você já percebeu como muda seu padrão vocal quando fala com uma criança pequena, com um adolescente, com um filho, com a mãe, com seu cônjuge ou com seus alunos? E se deu conta de que com uma mesma pessoa, você tem outra produção vocal, falando diferente, por exemplo, quando está alegre ou quando está com raiva? Essas diferenças ocorrem na vida pessoal tanto quanto na profissional, não é mesmo?

Nesse sentido, voltando mais para o aspecto profissional, concordo com Dragone (2001) quando desafia-nos a abordar a voz do professor à luz de outros enfoques (que não apenas clínicos) para pesquisas, apontando a possibilidade de outras soluções para a relação voz-professor, na interface de áreas. Alguns de seus questionamentos são, no mínimo, instigadores: de que forma o professor se relaciona com sua voz? O que passa pela mente do professor no momento do uso da voz? Qual a real dinâmica do comportamento vocal do professor na sala de aula? Como o aluno se relaciona com a voz do professor?

Oferecer ao professor um espaço para que possa dizer como percebe a presença da voz em seu fazer docente, ou mesmo para que diga que sequer pensou

sobre o assunto, independente de apresentar problemas vocais, pode ser um caminho que aponte com mais eficácia para alternativas viáveis sobre essa questão. É provável que dados obtidos nessas condições favoreçam a tomada de consciência de que a voz é um instrumento de trabalho relevante no processo ensino-aprendizagem, ao qual é preciso dar um pouco mais de valor.

[...] buscar um novo eixo que revele o movimento das características da voz nos diferentes contextos interacionais, descobrindo outros processos que não apenas aqueles vinculados à presença do distúrbio (remediação) ou a minimizar o potencial de seu surgimento (prevenção). (SERVILHA, 2000, p. 10)

Sobre a valorização da voz, Dragone (2000) comenta que esta ainda é diferenciada para fonoaudiólogos e profissionais da educação, e que há possibilidade de que seja encontrado um valor mais equilibrado quando se ouvir a voz usada na sala de aula, compreender as relações que o professor estabelece com ela e se conhecer o impacto que a voz do professor causa nos alunos.

Conversar sobre a voz com esse outro (sujeito), no caso, o próprio professor, poderá despertar nele uma forma diferenciada de considerar a voz em sua atuação profissional. Então, qual será afinal, a percepção do professor sobre a voz?

É o que se pretende investigar no presente trabalho.

2.3 O que revelam algumas pesquisas

Antes de descrever aquilo que a voz pode oferecer aos professores, auxiliando-os na proposição da construção de conhecimentos, gostaria de registrar informações reveladas em outras pesquisas fonoaudiológicas a respeito do tema voz do professor.

É importante comentar, que até a década de noventa, muitos estudos sobre voz do professor foram difundidos, porém, enfatizando a doença do professor ou, alternativamente, as condições ambientais impróprias para seu trabalho. Pode-se evidenciar, em forma de retrospectiva histórica¹⁵, que havia dicotomia entre homem/meio, saúde/doença, pessoal/profissional e que as análises não davam conta da complexidade das relações dinâmicas do homem com e em seu trabalho. Não é

¹⁵ Informações referidas pela Dra Emilse A. Merlim Servilha durante palestra proferida na UFSC em 27.04.2006 com o tema: "Pesquisas sobre a voz do professor: retrospectiva histórica".

proposta desta pesquisa, realizar essa retomada no tempo em se tratando da voz e do professor priorizando-se então, a abordagem “inovadora” do enfoque interacional. Em comum, essas investigações têm a escuta de professores, falando sobre sua própria voz, a partir do contexto das interações sociais (pedagógicas), num esforço de ampliar o foco de análise sobre o assunto.

Dados obtidos por Dragone (2000) trazem inúmeras contribuições que vêm ao encontro dos propósitos desta pesquisa. Ao dialogar com professores, sobre o valor da voz no exercício do trabalho docente, a autora destacou a partir dos depoimentos coletados, em um dos seis focos pesquisados, a voz como recurso didático, como controladora da disciplina e reveladora da emoção do professor. Além disso, descreveu outras constatações:

Os professores entrevistados neste estudo parecem ter uma consciência bastante razoável de suas próprias vozes, devido à precisão de suas observações. Sabem que em atividades calmas, usa-se voz calma e em outras mais agitadas, elevam a voz. Percebem as variações realizadas nas leituras. [...] acredito que usariam a voz mais efetivamente caso tivessem conhecimentos mais apurados sobre a voz [...] transformando a voz realmente num recurso didático.” (Ibid, p.120)

Outro trabalho interessante é o de Servilha (2000), que analisou o processo de interlocução em sala de aula, acompanhando e registrando as aulas de três professores universitários do curso de Pedagogia, para identificar como as variações nas características da voz participam da mediação pedagógica e na elaboração do conhecimento pelo aluno. Evidenciou que as mudanças na qualidade da voz (nas ocorrências em sala de aula), propõem o estabelecimento de acordos e de a negociação de sentidos, e apontam para a importância de ampliar os estudos da voz no movimento interativo entre professores e alunos como aspecto relevante para o processo ensino-aprendizagem.

Também abordando a voz profissional, Chun (2000) procurou descaracterizar a voz do ponto de vista físico/biológico, como um ato meramente laríngeo, trazendo contribuições a respeito do aspecto social da voz. A pesquisadora propôs-se a analisar o fenômeno das variações de vozes em um mesmo sujeito, colocando-o diante de diferentes contextos, constatando que a interação transforma a voz e que é possível realizar investigações a partir de outro olhar (social).

A investigação de Rolim (2001), que pesquisou a percepção dos professores sobre suas vozes ao atuarem no ensino à distância, em videoconferências (forma diferenciada de interação), revelou dados quantitativos e qualitativos significativos. Dos 24 professores participantes da pesquisa, 80% não obtiveram informações ou treinamento para uso vocal; 62% não sabem como a voz é produzida; 87% percebem mudanças freqüentes e eventuais após jornada de trabalho, sendo que 42% já perderam a voz em momentos de muito trabalho.

O mesmo trabalho revelou ainda que, entre 92% que consideram a voz como ferramenta de trabalho, 60% nada fazem para mantê-la, reforçando a idéia de percepção sem compreensão efetiva, falta de conhecimento específico e de treinamento para uso vocal, seja em exames admissionais, formação inicial ou continuada.

Nesse sentido há também os dados da pesquisa de Hermes e Nakao (2003) que verificaram a conscientização de alunos do último ano de Pedagogia, quanto à saúde vocal. Afirmam que há desinformação e pouco interesse pela voz, sendo alegado que os cursos de formação de professores são deficitários em seus currículos quanto a essa questão, ocorrendo a incidência da procura desses profissionais para tratamentos otorrinolaringológicos e fonoaudiológicos.

Ainda tendo com pauta o professor, Giannini (2003) ouviu o depoimento de três profissionais da educação a respeito de sua escolha profissional e do desenvolvimento de seu problema vocal. Seus achados indicam que produção vocal e a organização do trabalho devem estar em sintonia direta, e também que, mais do que um sintoma, o problema vocal é uma demanda a ser compreendida na complexidade de fatores que contribuem para sua instalação. Inclui-se aí a noção de sofrimento e dor, quando a voz exige esforço e sacrifício, dando outro sentido a docência, que não aquele imaginado.

Em sua pesquisa, Chieppe (2004) analisou os conteúdos e conceitos relativos à expressividade docente para 7 alunos quartanistas de Pedagogia de uma universidade pública do interior do Estado de São Paulo. Os resultados salientaram que o conceito de expressividade esteve presente nos discursos dos sujeitos, porém, sua percepção como um recurso positivo para a prática docente mostrou-se restrita. Além disso, as

características negativas da expressividade docente foram mais valorizadas que as positivas.

Recentemente, Dreossi e Santos (2005) ressaltaram que o professor, para ser ouvido e compreendido pelos alunos, precisa ter uma voz clara, harmoniosa, inteligível, e com capacidade de superar o ruído ambiental. Esse último, o ruído, interfere na qualidade da aula, pois requer aumento do volume de voz pelo professor (contribuindo para gerar distúrbios vocais), além de provocar dispersão no alunado pelo esforço dos mesmos em tentar ouvir aquilo que está sendo explicado em aula. Esses fatores comprometem a saúde e bem estar de professor e alunos, merecendo assim a devida atenção dos profissionais da saúde e educação.

Por sua vez, Rogerson e Dodd (2005) estudaram o impacto de diferentes qualidades de voz – normal, disfonia leve e disfonia severa - na compreensão de crianças americanas e observaram a correlação entre presença de alteração de voz de qualquer grau de severidade na voz do locutor e o prejuízo da compreensão por parte do interlocutor. Este estudo vem reiterar, com métodos reconhecidos pela ciência, que os distúrbios da voz do professor podem comprometer a relação ensino-aprendizagem e a produção de conhecimento em sala de aula.

Ao ouvirem professores, Schwarz e Cielo (2005) mostraram que 65% desses (de pequenas cidades do Rio Grande do Sul) avaliaram suas vozes como horrível, rouca, complicada e enjoada, enquanto 32% responderam positivamente com adjetivos como boa, natural, clara, agradável e tom normal; apenas 3% referiram nunca ter pensado sobre sua voz.

Quase não há publicações que se dirijam aos professores universitários, porém estas emergem de pesquisas atuais como de Servilha (2005), que investigou as concepções sobre o uso da voz na docência presente no discurso de 40 professores universitários, constatando a multiplicidade de conhecimentos sobre a voz. Os professores perceberam que alterações vocais assim como movimentos vocais relativos à entoação, velocidade, intensidade e pausas, são recursos cruciais e valiosos para capturar a atenção dos alunos e trabalhar com o conhecimento.

Além de terem como foco central à voz do professor, um outro aspecto comum a todas as pesquisas relatadas é a constatação da necessidade de redirecionar o

enfoque, dado à voz na prática docente, comentando-se a importância de fornecer a estes profissionais da voz o acesso às informações e as coordenadas básicas quanto ao manejo da voz na rotina profissional diária, seja na formação inicial ou na continuada.

Neste sentido, Servilha (2000) confirma a necessidade de pesquisas que esclareçam a relação voz-trabalho, sobre como ocorre este vínculo e os reflexos que pode oferecer à aprendizagem e às interações pedagógicas. Tais informações estabelecem uma comunicação direta com o presente estudo que vem complementar os dados já obtidos, escutando professores universitários, neste caso, além da Pedagogia, agora nas Licenciaturas, fazendo um recorte na interação pedagógica entre professor e aluno.

No que diz respeito ao uso profissional da voz, uma série de considerações devem ser apreciadas como importantes. Os aspectos afetivos, os aspectos emocionais, o clima em que o indivíduo trabalha, sua vocação, sua motivação, seu relacionamento, sua concepção da vida e do mundo, tudo tem a maior relevância. (BLOCH, 1979, p.91)

Sobre essas questões, falaremos na seqüência.

2.4 Compreendendo as funções perceptíveis na voz

Neste trecho, a intenção será reunir possíveis funções da voz que podem ser percebidas pelos professores. Segundo Ferreira (1995), faz-se necessário refletir sobre a voz, entendendo-a numa visão menos positivista e mais dialética, que conduza para a abordagem dos múltiplos papéis que a compõem, além das questões orgânico-funcionais.

Então, buscando olhar sobre essa nova perspectiva, vejamos as várias dimensões da voz, seus múltiplos sentidos e funções. Quem sabe assim, será possível entender o sujeito como um todo, indivisível, ou mesmo encontrar novos argumentos que mobilizem mais pessoas quanto ao valor da voz na comunicação oral.

Num primeiro momento vamos entender o mecanismo da voz e sua produção. Essa descrição, relativa à FUNÇÃO DA VOZ COMO ATO MERAMENTE LARÍNGEO,

envolve aspectos anatômicos e fisiológicos, que atuam num conjunto harmônico, para garantir, em sons audíveis, a emissão de palavras. Vejamos um conceito técnico-científico sobre função de produção vocal:

Os pulmões, auxiliados pela contração do diafragma, dos músculos intercostais e da parede abdominal, impulsionam para cima a coluna de ar existente nos brônquios e traquéia. **Essa coluna de ar ao atingir a glote, é posta em vibração pelas cordas vocais.** Produz-se assim um som fundamental que vai aumentar de intensidade e ser enriquecido de harmônicos (sons de frequência múltipla da do som fundamental) adquirindo timbre e qualidade nas câmaras de ressonância supraglóticas, isto é, cavidades faríngea, bucal e nasal. Ao mesmo tempo a língua, o véu palatino, os dentes e os lábios constituem os articuladores que interceptam a coluna de ar em vibração, modelando-a e transformando-a em palavras. (PORTO, 2001, p.310, grifo meu).

Basta colocar a mão espalmada na garganta durante momentos de fala, ou canto, para perceber a movimentação dessas membranas, localizadas no interior da laringe. Caso a boca mantenha-se fechada, os lábios, língua e demais articuladores não poderão efetivar sua função de propagar o som laríngeo gerado (a fala propriamente dita).

Não se pode negar que as estruturas anatômicas e a fisiológicas ligada a elas é uma questão inata, uma vez que geralmente nascemos com elas (íntegras ou não). Porém, levar em conta apenas isso é insuficiente. Então, concordo com Chun (2000) quando esta afirma que a voz não pode ser vista simplesmente como um produto acabado, como mera atividade laríngea, mas como um processo flexível e dinâmico que sofre influência de diversos outros fatores.

As interações sociais têm participação especial nesse processo, como já foi descrito anteriormente. Os contatos sociais, enfatizando aqui aqueles proporcionados na escola, farão a mediação entre a criança, sua família e o meio social/educacional, permitindo além da socialização (com outras crianças e com outros adultos - especialmente seus professores), também a apropriação de novos conhecimentos na convivência social em diferentes situações e grupos.

Será nesses contextos diferenciados, segundo Prette e Prette (2001), que a criança aprenderá a exercer o poder, formar alianças, entender o sentido de recompensa e punição, organizar grupos, usar a comunicação direta e indireta, dividir

tarefas e papéis, seguir normas, experimentar os processos de ensino e aprendizagem, entre outras habilidades sociais.

Segundo Medrado (2002) há alguns trabalhos que buscam interligar as questões sociais a Fonoaudiologia, analisando especialmente a voz na interação verbal, alguns deles já referidos anteriormente, como é o caso, por exemplo, de Chun (2000).

Dentro desse entendimento, pode ser percebida a FUNÇÃO DA VOZ COMO MEDIADORA DAS RELAÇÕES SOCIAIS, que se caracteriza pelas interações entre sujeitos, tanto em relação às transformações pessoais (“adaptação” à vida em sociedade) como pelas vocais (modificações dos sons emitidos “sem sentido”, até a aquisição da língua materna).

Podemos, agora, imaginar que as primeiras palavras, ditas nos primórdios da humanidade, também tenham sido pronunciadas na busca da expressão e atribuição de significados à realidade então vivida; talvez tenham sido gritos, talvez sons semelhantes aos do trovão, da chuva, do fogo, dos animais, talvez, mais quaisquer que tenham sido, elas se perderam; resta-nos apenas, e isto é o mais importante, salientar as transformações ocorridas desde este tempo de nossa imaginação: como o bebê, que amplia gradativamente seu vocabulário, também a humanidade, no longo processo de construção de suas variadas línguas, buscou palavras cada vez mais precisas para as suas necessidades de conhecimento e significação. (PERROTA, MÂRTZ e MANSINI, 1995, p. 22).

É na socialização com outros semelhantes, em interações sociais com as mais diversas finalidades (transmitir ou obter conhecimentos; informações ou compreensão; solicitar mudança de comportamentos, atitudes, crenças ou estado emocional do outro; obter produtos desejados; supervisionar atividades; manter comunicação trivial), que muitos aprendizados (cognitivos, afetivos, sociais) e habilidades vão emergir e, conseqüentemente, contribuir na formação da identidade social do indivíduo.

Esse outro sentido do “ver” o emprego da voz, segundo Medrado (2002), coloca-a como objeto de socialização, como objeto de regra de vida em sociedade. Para esta autora, ocorre um aprendizado do uso da voz, ao longo de uma trajetória de observação social, que preserva inclusive nossas tradições e culturas.

A situação social e também o sentido que se pretende atribuir à enunciação levarão o falante automaticamente a fazer uso (de maneira consciente ou não), deste ou daquele modo de falar. Por observação, associação e repetição, de diferentes situações onde certos tipos de voz são utilizados, é que um indivíduo internaliza, por exemplo, que ao entrar em uma igreja, um hospital, um cinema, ou mesmo em uma

biblioteca, deve falar “baixinho”. Da mesma forma, também aprende sobre os locais onde pode expressar-se livremente.

Depois de um período inicial de convívio social, o próprio indivíduo passa a regular-se quanto ao uso da voz, sendo também influenciado pelo controle social externo, de seus pares.

O desenvolvimento da sociabilidade humana pode ser entendido como um conjunto de modificações que ocorrem, ao longo do ciclo vital, na qualidade e natureza das relações e interações com as outras pessoas e, concomitantemente, nos processos cognitivos, afetivos e conativos a elas associados.[...] Diante de uma situação social nova, há uma percepção social, ou seja, o indivíduo a interpreta como ameaçadora, amistosa, ambígua ou familiar [...] (PRETTE E PRETTE, 2001, p. 38)

À medida que crescemos, vamos ampliando nossas relações sociais e aprendemos novas regras, normas e conhecimentos. No espaço educacional, o papel mediador dos pais será assumido também pelo professor. Primeiramente, pelo professor que trabalha com Educação Infantil, podendo-se perceber características bastante específicas no uso de sua voz ao conversar com seus alunos, valorizando suas expressões vocais com “exageros articulatórios” e “reforços positivos”. (Behlau, 2001)

Essas especificidades também ficam visíveis ao contar histórias ou promover, em círculo, a hora da novidade – geralmente um espaço para narrar algo que a criança fez, por exemplo, no fim de semana. Momentos como este constituem oportunidades de diálogo, possibilitando aprendizados e construções, sob a “coordenação” do professor, percebendo-se claramente as contribuições da voz.

Não quero aqui causar a impressão (equivocada, certamente) de que é somente pela voz que acontecerão as interações sociais (construção da linguagem/fala/voz), mas gostaria sim, de chamar a atenção e valorizar seu papel dentro desses processos.

Entendendo que o ser humano se comunica de muitas formas, podendo se expressar através do olhar, de gestos, da expressão corporal e facial, e também pela voz, é relevante destacar que essa última é responsável por grande parcela das informações “ocultas/evidentes”, contidas em uma mensagem que se quer veicular. Além disso, a voz não deve ser definida apenas sobre funções, mecânicas e de certa forma “vazias” de sentidos:

O aparelho fonador vai muito além dos elementos que o compõem. Quem fala é um indivíduo com todas as suas implicações. Por detrás da voz está o aparelho que a produz; por detrás do aparelho está o indivíduo que fala, estão seu caráter, seu temperamento, sua cultura, seu ambiente, suas aspirações, seu meio, sua profissão, seu mundo. (BLOCH, 1979, p.89).

A voz pode falar mais do que as palavras, e denuncia muitos aspectos sobre cada indivíduo. Isto, de certa forma, explica a intenção que tem o presente trabalho, qual seja, discutir e analisar a participação da voz na construção de conhecimentos, como instrumento relevante ao processo ensino - aprendizagem.

Ao colocarmos a emoção em movimento pelas palavras, estamos reafirmando a FUNÇÃO DA VOZ COMO REVELADORA DE SENTIMENTOS. Neste sentido, de olhar mais amplamente para as funções/participações da voz em nossas vidas, concordo com Dragone (2000) que comenta em sua pesquisa, que tão importante quanto o conteúdo do que se fala, é o ' como se fala'.

A autora se refere ao que está por trás do conteúdo da fala, ou seja, às formas de utilizar os recursos que compõem o comportamento vocal, as quais complementam e produzem um impacto no ouvinte, reforçando ou enfraquecendo o conteúdo do que é falado, passando uma imagem do falante, e, ao mesmo tempo, refletindo sua personalidade, sua intenção e agindo sobre sua credibilidade.

Compartilho idéias com Medrado (2002), quando esta afirma que, ao ouvir uma voz, projetam-se diversas características do indivíduo, como por exemplo, gênero, idade, origem, estrutura física, emocional e até mesmo, aspectos sócio - educacionais.

Ao manifestarmos nossa fala, engendramos na palavra uma forma singular de expressar nossas sensações, idéias, emoções e imagens por meio das entonações, das respirações, dos silêncios... isto é, dos recursos vocais. (SANTIAGO, 2001, p. 09,10).

Neste caso, os aspectos emocionais trazidos pela voz têm papel essencial na comunicação oral, pelo fato de que as intenções e o sentido impresso pelo falante, não só traduzem seus sentimentos, mas também despertam no ouvinte, segundo sua interpretação e compreensão, outros sentimentos e sentidos.

As variações presentes nos recursos vocais utilizados por um falante, podem aumentar ou diminuir a compreensão do conteúdo de uma determinada mensagem, e

as características acústicas causam no ouvinte impressões positivas ou negativas (Behlau e Pontes, 1992).

Há que se considerar também que, salvo algumas exceções, o ouvinte terá a possibilidade de eleger o falante que quer ouvir ou não, a partir de critérios que ele próprio estabelecerá ao longo de sua vida. Ao sermos escutados, estaremos sendo “silenciosamente” julgados.

Uma voz muito forte, rouca, áspera, emitida com pouca entonação, sem maleabilidade pode resultar, por um lado, numa reação negativa para o ouvinte, com sua associação a padrões autoritários, severos e sem flexibilidade. Por outro lado, uma voz produzida com adequada intensidade para o ambiente, que tenha uma ressonância agradável, envolvente, com entonação rica e marcante pode produzir uma reação positiva, de aceitabilidade daquele falante, como alguém realmente envolvente, repleto de brechas de comunicabilidade e com uma carga afetiva positiva a ser distribuída. (DRAGONE, 2000, p. 71,72)

Esses dois aspectos que grifei, viabilizados pela voz no momento da emissão da mensagem, são imprescindíveis ao processo de ensino-aprendizagem. As brechas de comunicabilidade, citadas pela autora, fomentarão a troca de turnos entre falante e ouvinte, de maneira construtiva e prazerosa, assim como a carga afetiva positiva distribuída pelo falante oferecerá aceitabilidade, segurança e maior envolvimento por parte do ouvinte, em relação à divisão de papéis e funções (entre ouvinte e falante) numa dada circunstância.

Nas palavras de Reyzábal (1999, p. 22) “a voz sozinha seduz, como sucede com [...] ou com as sereias, acalma as crianças e os animais; existem vozes cálidas, ásperas, mecânicas, frias, doces, envolventes, agradáveis ao ouvido...”.

Por essa diversidade de vozes e pelo uso dos recursos vocais, é possível determinar mais uma função vocal, a FUNÇÃO DE COADJUVANTE NA DISCIPLINA - aspecto este, necessário ao “manejo” de uma situação específica, em um certo grupo ou atividade.

A disciplina também pode ser obtida pela variação de intensidade da voz, transitando-se pelo uso de uma voz mais fraca (baixa e/ou de silêncio), até alcançar uma emissão mais forte (alta ou muito alta – grito), para dizer algo a alguém, num determinado contexto. Primeiramente é importante entender que,

Disciplina é um termo polissêmico. Significa coisas diversas para diferentes escolas, professores, épocas e lugares. Pode ser um grande silêncio, um mero seguir normas preestabelecidas, [...]. Um aprender conteúdos sem significado e distantes do cotidiano. Um participar da forma como o professor quer, um aprender a responder o que está na cabeça do mestre. Um estar sentado por um tempo enorme em cadeiras desconfortáveis, em espaços exíguos em meio a uma multidão de colegas também assim postados. Outrossim, pode ligar-se a idéia do esforço pessoal ou de um grupo de se organizar para um trabalho que exige um ritmo intenso e a concentração da atenção por um tempo longo. Sendo assim, de pronto se percebe não só a polissemia do termo como também sua ambigüidade [...]. (TURA, 1997, p. 79)

Então, seja através do silêncio, da pouca liberdade de expressão, do estabelecimento de regras e normas, da atribuição de responsabilidade com prazos, etc, que a disciplina existirá tanto no âmbito familiar como no educacional e social, com o propósito de garantir a manutenção de comportamentos padronizados, esperados e aceitos socialmente em ambientes específicos.

Aqui, um aspecto importante é o grito (falar muito alto), como forma de chamar atenção de alguém, ou de comunicar-se com alguém à distância, ou de barrar uma atitude errada, de maneira eficiente e instantânea. Também pode ser para conseguir o silêncio, ou para competir numa discussão desagradável, ou ainda para denotar susto, medo ou espanto.

O grito é uma voz em altíssima intensidade, podendo ser prejudicial de acordo com as circunstâncias de sua utilização, pela freqüência com que é utilizado e também pelo prejuízo que comprovadamente acarreta às pregas vocais. É uma forma de abuso vocal, ou mau uso da voz¹⁶, que se justifica por uma dificuldade de controlar situações, como por exemplo, dos pais em relação aos filhos quanto à obediência das regras estipuladas, e entre o professor com seus alunos, no que diz respeito à ordem na sala de aula.

É comum que um professor seja considerado um bom profissional quando seus alunos se mantêm quietos e comportados durante as aulas. Classes barulhentas são normalmente tidas como conduzidas por professores permissivos e sem autoridade. [...]. No entanto, quando o professor se exaspera e pune a classe, acaba por renunciar a qualquer forma de conquista da liderança dentro da sala de aula e dificulta o estabelecimento de um clima propício à aprendizagem.(BIZZO, 2000, p.51)

¹⁶ A respeito dos termos abuso ou mau uso vocal, será comentado no capítulo 3.

Resgatando novamente o desempenho do professor e de outros profissionais da voz, outras funções precisam ser comentadas. Uma delas é A FUNÇÃO DA VOZ COMO INSTRUMENTO DE ENSINO, que permite, segundo Dragone (2000) uma maior eficiência do processo que estabelece a relação entre professor e aluno, como recurso mobilizador da aula, usado para destacar pontos importantes e chamar a atenção para o conteúdo abordado, diretamente relacionado ao bom desempenho do professor.

Essa noção, de que a voz também deve ser considerada como um instrumento disponível ao ensino, significa incluí-la aos demais recursos utilizados no desenvolvimento das aulas.

De acordo com Sampaio e Leite (1999) há uma lista de pelo menos 32 tecnologias educacionais disponíveis ao professor, para favorecer e fortalecer seu trabalho, familiarizar o aluno com a linguagem e a lógica do meio tecnológico, desenvolvendo no mesmo a leitura crítica desses meios. Entre outros, constam na listagem das autoras: álbum seriado, cartaz, computador, fita de vídeo, fita sonora, flanelógrafo, gráfico, jornal, livro didático e infanto-juvenil, mapa e globo, módulo instrucional, multimídia interativa, quadro-de-giz, rádio, slide, sucata, televisão comercial e educativa, transparência para retroprojeto.

Sobre esses recursos, duas ponderações. Seria interessante aprofundar a discussão de cada um dos itens como tecnologia educacional específica, partes do coletivo de recursos do professor. E também, referir que nem sempre eles estão disponíveis como se gostaria para a prática docente, no sentido de aquisição de bens materiais e funcionalidade. Aliás, faz-se necessário enfatizar, entre livros, jornais, revistas, vídeos, data show e internet, também a voz neste contexto.

Continuando essa narrativa, pretende-se evidenciar a FUNÇÃO DA VOZ COMO INDICADORA DA CONCEPÇÃO DA CIÊNCIA (natureza do conhecimento) enfocando em especial a proposta de Vygotsky, já abordada nesse trabalho, compreendendo a noção de construção de conhecimentos.¹⁷

Neste sentido, Bizzo (2000) refere que durante as aulas, é preciso oportunizar espaços para troca de informações, conversa, trabalho cooperativo, exposição de idéias próprias, realizando-se trabalhos em grupo e propondo momentos de exposição oral que permitam a organização das idéias dos alunos em comparação às dos demais

¹⁷ Ver na proposta e no capítulo 2 (2.1)

colegas. Essas atitudes possibilitam simultaneamente, ao professor, conhecer as opiniões e conceitos que seus alunos possuem, direcionando mais claramente as perguntas relativas às questões expostas, revendo, “corrigindo” ou ampliando junto com os mesmos, as elaborações (conceitos) prévias construídas.

Entendendo este professor como referencial na interação pedagógica, Lima (1999) destaca o papel do aluno, que também se transforma. Deixa de ter uma postura passiva através de cópias, memorização, exercícios, questionários objetivos, e passa a acompanhar os movimentos de construção de conteúdos, que oportunizam ricas possibilidades, de produzir textos, discutir problemas e situações no coletivo, argumentar e defender idéias, tomar decisões, procurar outras fontes de informação, compondo assim, indicadores de progresso.

No contexto destas interações pedagógicas, está circulando fortemente a linguagem, a fala e a voz. Lembrando que para cada situação, sentimento ou ouvinte podemos apresentar variações em nossa voz (Behlau, 2001). E que, conforme os ajustes vocais ela pode apresentar-se mais nasal, mais forte, mais aguda ou mais melosa, entre outras possibilidades (Pinho, 1998), indicando as intenções e significados que se quer explicitar. Evidenciando, de acordo com Freire e Bistão (1988), a voz como um processo de comunicação e interação que vai se constituindo na história do sujeito, pela interação com o outro e sobre o mundo, deixando marcas no discurso do sujeito.

Como o foco desta pesquisa direciona-se a possibilidade do encontro entre voz e construção de conhecimentos, partindo do exposto até aqui, procuro reunir no quadro a seguir, certas características relativas ao professor que trabalha o conhecimento na perspectiva construtivista, com determinados comportamentos vocais, numa relação mais direta.

Faz-se necessário inferir, que este quadro não tem por objetivo estabelecer padrões e/ou modelos, pelo contrário, são possibilidades prováveis, e abertas a outras análises, uma vez que não existem outras referências que co-relacionem essas categorias especificamente.

INDÍCIOS DE UM ENSINO CONSTRUTIVISTA	EXEMPLO DE PROVÁVEIS COMPORTAMENTOS VOCAIS EM SALA DE AULA
1. fala e escuta, atitude convite ao aluno (diálogo construtivo), acessível, flexível, mediador	entonação interrogativa seguida de pausa (inflexão ascendente), resposta do aluno ecoa na voz do professor
2. autoridade sem autoritarismo, sabe conduzir sem impor	Silencia ou fala forte apenas quando é preciso, evita gritar
3. consegue prender a atenção dos alunos, tem carisma, afeto	conversa em tons agudos, variação rica dos sons da fala (inflexões vocais), ênfases, nasalidade
4. demonstra credibilidade confiança e prazer ao dar aula, satisfação profissional	Respiração calma e harmônica, articulação bem definida

*Estruturado e adaptado a partir de Hünter (2003); Servilha (2000); Behlau e Pontes (1995)

As características delimitadas como indícios de um ensino construtivista, foram estabelecidas a partir do que já havia sido tratado sobre o assunto no desenvolvimento desse capítulo. Estão relacionados ao trabalho com o conhecimento ligado a uma concepção de ciência construída por muitos, dinâmica, não linear, evitando a caracterização de ser “[...] como um produto acabado e inquestionável: um trabalho didático-pedagógico que favorece a indesejável ciência morta” (DELIZOICOV, ANGOTTI e PERNAMBUCO, 2002, p. 33).

[...]. Muitas críticas ao ensino de ciências referem-se ao fato de ser dogmático, a-histórico e abstrato, este último no sentido de estar desvinculado da vida. Ensinar-aprender ciências implica o estabelecimento de uma íntima conexão com a realidade em que vivemos, de modo a permitir ao aprendiz entrar numa cultura científica e tecnológica, hoje amplamente presente no nosso cotidiano. [...]. (LIMA, 1999, p.12)

Mesmo sabendo que não é somente a voz responsável por essa comunicação/ interação verbal, é importante ter a consciência de que ela contribui para socializar conhecimentos bem como compartilhar pensamentos e sentidos constantemente.

Nesse sentido é importante reconhecer que não serão apenas essas características, relativas à concepção de ciência e educação - de certa forma algo peculiar a cada professor no desenvolvimento de sua aula – que terão reflexo perceptível na utilização da voz.

Haverá também, influências externas, especialmente quanto ao ambiente de trabalho, como o local, o projeto político pedagógico, os colegas de trabalho, as atitudes do coordenador, entre outros fatores. Quero então apontar para a FUNÇÃO DA VOZ COMO DELATORA DO AMBIENTE E DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO.

Numa voz alterada, com problemas, também estão postos sinais indicativos de que existem aspectos no local de trabalho a serem revistos e aprimorados. Ferreira (1999) aponta os fatores que interferem na produção vocal como sendo divididos em dois grupos: os ruídos externos - barulho nos corredores, nas salas próximas, no pátio, pela proximidade com avenidas ruidosas, entre outros que possamos lembrar; e os ruídos internos – conversa paralela dos alunos, ruídos dos ventiladores, projetores de slides ou retroprojetores.

Em ambos casos haverá competição sonora entre o ruído e a voz do professor. Talvez, se analisados como fatos isolados e esporádicos, fosse constatado que não acarretam tantos prejuízos, mas se considerarmos que ocorrem durante muitas horas do dia, às vezes simultaneamente, e ainda que o professor em geral leciona pelo menos dois períodos, torna-se relevante.

Para alguns casos, também é importante avaliar o tempo de magistério, pelo uso contínuo da voz muitas vezes de maneira inadequada, como sendo um fator determinante de problemas crônicos de rouquidão. Em casos mais extremos, além de licenças médicas, é necessário o afastamento das atividades docentes.

Uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão [...]. Constroem-se também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere a atividade docente no seu cotidiano, a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações [...] Assim como suas relações com outros professores, nas escolas, sindicatos e outros agrupamentos. (PIMENTA, 1998, p. 58 apud LIMA e GOMES, 2002, p.174)

Ainda relativo a essa função delegada à voz, é importante considerar as questões relacionadas a conflitos internos ao ambiente de trabalho, com colegas de profissão, por exemplo, uma vez que essas situações geram desconforto e até eventualmente discussões mais acirradas e tensão. Quanto a esse último aspecto, vale comentar que a tensão, quando refletida na região do pescoço e ombros, poderá alterar

as funções normais de produção vocal, exigindo das pregas vocais maior esforço, sem contar a mudança de padrão respiratório.

É também necessário destacar que o dia-a-dia do professor pode ser caracterizado por uma série de fatores adicionais, como o fato de trabalhar em dois ou mais locais, o caos do trânsito, a dificuldade de manter uma alimentação diária saudável e equilibrada, questões de ordem financeira e outros problemas pessoais/familiares, certa irritação pela falta de tempo para o lazer e descanso e problemas de saúde. Afinal, o professor é um ser humano por natureza, e tais fatores interferem em suas posturas e atitudes, ao chegar para trabalhar.

Não podemos esquecer a agitação e o stress da vida moderna, a tendência à vida sedentária nos grandes centros urbanos, as pressões socioeconômicas –culturais, entre outros fatores que geram tensões e angustias que poderão interferir no desenvolvimento do processo de produção vocal. (SIMÃO E CHUN, 1997, 66).

Além disso, estão as questões relacionadas ao fumo, ao consumo de álcool e drogas, ao uso de vestimentas inadequadas entre outros aspectos, que de acordo com Ferreira (1999) são menos relevantes para a categoria profissional dos professores, pelo menos enquanto etiologia (causa do problema).

É possível que nem todos os professores percebam que, ao dar aula, todos esses aspectos estão presentes, podendo inclusive interferir no processo ensino-aprendizagem. Esses comportamentos, visíveis para alguns e invisíveis para outros, mas seguramente intrínsecos ao processo educativo - uma vez que a voz não deve se ausentar da sala de aula – devem ser abordados, discutidos e modificados na medida do possível.

Para finalizar, destaco e concordo com Woods (1995, p.144) quando refere que, para por em prática “[...] a lista completa de papéis que um professor tem de representar requer um grande número de capacidades, uma consciência aberta à oportunidade e uma adaptação perfeita”. E ainda acrescento que não será suficiente apenas mobilizar os professores para as questões vocais, mas muitas outras autoridades e várias das práticas e instituições que caracterizam sua formação e atuação profissional.

Capítulo 3

Das contribuições para o professor

3.1 Fonoaudiologicamente falando de voz

Até o presente momento, este estudo, propôs-se impulsionar as discussões atuais sobre voz, enfatizando as pesquisas em sujeitos sadios, escutando o que têm a dizer os professores, a respeito da participação de sua voz na vida profissional, pelas “interações pedagógicas” com seus alunos, deixando um pouco, as questões orgânicas comumente trazidas nas investigações fonoaudiológicas sobre a voz do professor.

É possível perceber a mudança de paradigma que se constrói com essa nova perspectiva de olhar para a voz do professor, no sentido da relação dialógica entre este e seus alunos, porém, é inegável o ímpeto fonoaudiológico de informar, orientar e “ensinar o que fazer” para cuidar da voz.

Deixar de dizer o que sempre se diz, constitui-se numa “sensação de vazio”, de “falta alguma coisa”, que encontra, neste caso, a justificativa de se estar escutando pela primeira vez professores da Licenciatura em Biologia, Física, Química e Matemática. E também, por se tratar de uma pesquisa em Educação Científica e Tecnológica, que busca enfatizar questões relativas ao processo ensino-aprendizagem, aceitando de maneira inovadora a abordagem da voz nesse contexto, que é também de transformação educacional, uma vez que não se pode mais conceber que o saber fique centralizado no professor.

Então, optou-se por manter no escopo deste trabalho, não só na escuta dirigida (questionário), mas também neste capítulo, abordagens específicas da Fonoaudiologia (orgânicas), mais fortemente voltadas a saúde, porém necessárias a compreensão da voz em sua integralidade de aspectos, pensando naqueles que pouco leram e conhecem sobre a voz e seu funcionamento. De acordo com o órgão máximo responsável pelo exercício desta profissão no Brasil:

A Fonoaudiologia é a ciência que tem como objeto de estudo a **comunicação humana**, no que se refere ao seu desenvolvimento, aperfeiçoamento, distúrbios e diferenças, em relação aos aspectos envolvidos na função auditiva periférica e central, na função vestibular, na função

cognitiva, na linguagem oral e escrita, na fala, na fluência, na **voz**, nas funções orofaciais e na deglutição. (CFFa, 2004¹⁸)

É importante aqui destacar que, para eleger estratégias terapêuticas eficientes relacionadas à voz, fala e linguagem, a audição, e aos aspectos referentes à motricidade oral, todos esses serão avaliados separadamente, porém sem perder de vista a visão global do sujeito. Após esse procedimento, ficará evidenciado o ponto central para o qual serão dirigidas as ações fonoaudiológicas - para uma dessas áreas e/ou às vezes, para mais de uma.

Vamos nos ater às questões da voz. Segundo Simão e Chun (1997), a voz é um som tipicamente humano, uma forma de expressão, um precioso, poderoso e, muitas vezes, desconhecido recurso em nossas mãos com possibilidades inesgotáveis. Para as autoras,

A voz de cada um possui características próprias, que interligadas a compõem: a respiração, o ritmo, a articulação, a altura e extensão vocal, a ressonância e a intensidade. Cada qual exerce e sofre influências de aspectos anátomo – fisiológicos, emocionais e sócio-culturais. Estas características formam conjuntamente a qualidade vocal [...] característica pessoal de cada voz. É como um “cartão de visitas” - pessoal e intransferível, o qual fornece dados individuais biopsico emocionais [...]. (Ibid. p. 67).

Elas reafirmam, então, a noção de que a voz é como a impressão digital de cada um (Behlau e Pontes, 1993), identificando-se as pessoas através da “boa” audição, especialmente quanto à origem e a fonte produtora de determinada voz humana. Pela qualidade vocal, reconhecemos vozes familiares, diferenciamos mesmo à distância (sem contato visual) vozes masculinas de femininas, identificamos quando a voz é de uma criança ou de um idoso, e por vezes até quem nos fala ao telefone, ou seja, percebemos inúmeras características da voz, apenas ouvindo.

De acordo com Pinho (1998), nossa voz assume muitas variações, modificando-se a todo o tempo, conforme o contexto e carga afetiva envolvida na situação.

Quando estamos felizes elevamos nosso tom e produzimos inflexões vocais em direção aos agudos, por outro lado, quando estamos deprimidos, baixamos o tom de nossa voz direcionando-a para os graves. Quando externamos afeto, lançamos mão do recurso da nasalidade; quando estamos irritados, aumentamos a intensidade da voz; e uma infinidade de outras situações em que alteramos nossas vozes com finalidades específicas (Ibid, p.03).

¹⁸ Texto aprovado pelo Plenário do CFFa realizado em março de 2004, disponível no site www.fonoaudiologia.org.br

Todas essas informações, e muitas outras são percepções subjetivas pertencentes a cada ouvinte, considerando-se em geral um padrão socialmente aceitável. É importante dizer ainda que apresentar alterações vocais, conforme descrito acima, nem sempre é sinônimo de apresentar uma *disfonia*.

Nesse sentido, Pinho (1998) faz referência à definição de disfonia proposta por Tarneaud (1941)¹⁹, compreendendo-a como satisfatória até os dias atuais, e do mesmo modo, Behlau e Pontes (1995, p.19) partilham também deste entendimento sobre a disfonia, com uma “dificuldade na emissão da voz com suas características naturais”

Além do conceito de disfonia, esses autores acrescentam uma série ilimitada de situações, as quais, se manifestadas, indicam a presença de disfonia. Entre elas estão: “esforço à emissão, dificuldade em manter a voz, cansaço ao falar, [...] rouquidão, falta de volume e projeção, perda da eficiência vocal, entre outras” (Ibid, p.19).

De acordo com Pinho (1998) é necessário esclarecer que disfonia também não é sinônimo de rouquidão. A disfonia pode apresentar-se como um sintoma secundário presente dentro de um quadro clínico maior, ou até mesmo como sintoma principal, podendo-se classificá-la de diferentes formas. É válido lembrar, que a ausência total da voz é conhecida como *afonia*.

Para Behlau e Pontes (1995) a classificação mais comum é a que separa as disfonias em orgânicas e funcionais:

- a disfonia funcional é aquela decorrente do próprio uso vocal: pela utilização incorreta da voz (desconhecimento sobre a produção vocal e de noções básicas); por inaptações vocais (discretas alterações que comprometem apenas a função “adaptada”²⁰ da produção vocal); e /ou por alterações psicoemocionais (influência de nossas emoções em nossa voz). A intervenção fonoaudiológica nesses casos é eficaz e de caráter preventivo, através de programas de higiene vocal e orientação para um melhor uso da VOZ;

¹⁹ Autor citado por Pinho (1998) ; Behlau e Pontes (1995)

²⁰ “(...) não existe nenhum órgão ou aparelho desenvolvido especificamente para a fonação (...) a espécie humana teve de adaptar várias estruturas – o aparelho fonador - para desenvolver essa função. (...) superposta, de recente aquisição filogenética e suscetível de apresentar inaptações, apesar de os órgãos estarem sadios e aptos para a função primária”.(Behlau e Pontes, 1995, p.23)

- as disfonias orgânico-funcionais são as disfonias funcionais detectadas tardiamente, pela demora de buscar solução para os problemas, ou por desconhecer a possibilidade de desenvolver lesões secundárias. Nesse grupo, é imprescindível o trabalho conjunto entre Fonoaudiologia e Otorrinolaringologia, pois em algumas situações poderá optar-se pela conduta cirúrgica;
- a disfonia orgânica caracteriza-se como sendo decorrente de manifestações orgânicas como malformações, inflamações, traumatismos, fissura lábio-palatina, disfunções do sistema nervoso central ou mesmo um simples quadro gripal. Não há muita tradição no atendimento fonoaudiológico dessas disfonias, porém não se podem negar seus benefícios, seja na reabilitação ou na manutenção da qualidade de vida do sujeito.

Considerando, como referem Ferreira, Oliveira, Quinteiro e Morato (1998, p.03) que a voz está “[...] presente na representação dos vários papéis sociais que desempenhamos no nosso dia-a-dia [...]”, concordo com as autoras quando afirmam que “[...] todos os sujeitos que trabalham, que desempenham determinada profissão, apresentam uma voz que poderíamos chamar de voz profissional [...]”.

Nesse sentido, há duas preocupações importantes: primeiramente com o que afirmam Rodrigues, Azevedo e Behlau (1996) quando comparam os profissionais da voz aos atletas, considerando que sua demanda física elevada torna-os mais sujeitos a lesões do que a população em geral: aos profissionais da voz destina-se maior probabilidade para o desenvolvimento de disfonias. E, num segundo enfoque, trazido por Ferreira, Oliveira, Quinteiro e Morato (1998), a necessidade de que especialmente esses profissionais (da voz) cada vez mais adquiram a consciência de que a voz é um instrumento básico de trabalho.

Retomando a abordagem específica das disfonias funcionais e orgânico-funcionais, é preciso mencionar que os profissionais da voz são presença quase certa na prática clínica fonoaudiológica diária. Nesse contexto, vamos dirigir nossa discussão especialmente aos professores, profissionais da educação e da voz, abordando o que pode ser feito para manter uma boa relação com sua própria voz!

Assim sendo, para aprimorar este trabalho e também com o intuito de divulgar conhecimentos específicos da Fonoaudiologia, compartilho dados que considero

básicos e relevantes ao professor, na tentativa de evitar que necessitem chegar aos consultórios, às licenças, aos afastamentos e troca de função profissional. Acredito, sobretudo, que pesquisas são fontes de revelações e informações valiosas, a serem lidas e aproveitadas nesse caso nos meios educacionais.

Na seqüência, será tratado o processo terapêutico referentes às alterações vocais. Behlau e Pontes (1995) denominam esse conteúdo, ligado à reabilitação vocal como “abordagem global”, referindo que possui uma natureza bastante eclética. Este termo, segundo Ferreira (1995), pode indicar um método que reúne, justapõe, unifica sistemas diversos, diferentes formas de conduta e proporcionar liberdade de escolha para alcançar um fim.

O processo envolve três trabalhos interligados: orientação vocal, psicodinâmica vocal e treinamento vocal. Os dois primeiros são considerados trabalho de base, essenciais a todos os “pacientes”, uma vez que remetem à investigação do uso que o sujeito faz de sua voz. Quanto ao treinamento, este atua sobre o padrão mecânico da voz, pela realização de exercícios com diferentes ajustes motores.

Aqui falaremos apenas do trabalho de base (pois o treinamento vocal é exclusivo e único para cada sujeito) e de suas metas terapêuticas, com apoio do diagnóstico médico, tanto para fins de tratamento de lesões específicas como para o aperfeiçoamento quanto ao uso vocal, principalmente no caso dos profissionais da voz. A realização de alguns desses exercícios sem a devida avaliação e orientação poderia trazer ao sujeito mais comprometimento do que benefícios.

3.2 Saindo do senso comum (Orientação Vocal)

Em vários momentos dessa pesquisa apontei para a necessidade de ampliar conhecimentos sobre a questão vocal. Nessa parte do estudo proponho justamente esse movimento, de sair, mesmo que resumidamente, das noções gerais, entendendo a voz nas suas variadas funções e especialmente como instrumento de trabalho.

A etapa inicial da referida abordagem global, proposta por Behlau e Pontes (1995), é a da Orientação Vocal. Tal proposta inclui um grupo de esclarecimentos e explicações sobre fonação – mecanismo de produção do som e saúde vocal, bem como a conscientização sobre as normas básicas de higiene vocal e quanto ao uso correto da voz.

3.2.1 FONAÇÃO

Este item já foi comentado previamente no capítulo 2, referente à função da voz como ato meramente laríngeo. Porém, é um ponto crucial a ser desmistificado para os profissionais da voz, pois à medida que conhecem mais detalhadamente, na teoria (conceitos científicos) e na prática (visualizando suas pregas vocais a partir de uma videolaringoscopia²¹, por exemplo), as informações farão com que despertem com maior consciência para seu cuidado e aperfeiçoamento.

Behlau e Pontes (1995, p. 207) sugerem a seguinte seqüência:

A voz se produz na laringe. A laringe é um tubo que contém as cordas vocais. Esse nome é incorreto pois não se trata de cordinhas, mas sim de pregas de musculatura; porém é o nome usado popularmente.

As cordas vocais estão em posição horizontal no interior da laringe, isto é, paralelas ao solo. (1, 2)²²

Ao inspirar, o ar entra nos pulmões e as pregas vocais se afastam. Ao falar, as pregas vocais se aproximam, o ar sai dos pulmões e, passando pela laringe, põe em vibração as cordas vocais. (3 e 4)

Assim sendo a voz é o resultado do equilíbrio entre duas forças – a força do ar que sai dos pulmões (aerodinâmica) e a força muscular da laringe (mioelástica), principalmente das pregas vocais. Se houver um desequilíbrio nesse jogo, haverá um problema de voz. Se o fluxo pulmonar for excessivo, a voz vai ser soprada e vai se ouvir “ar” no som; se ao contrário, a força muscular for maior que a necessária, o som ficará comprimido em pouco ar e a voz ficará tensa.

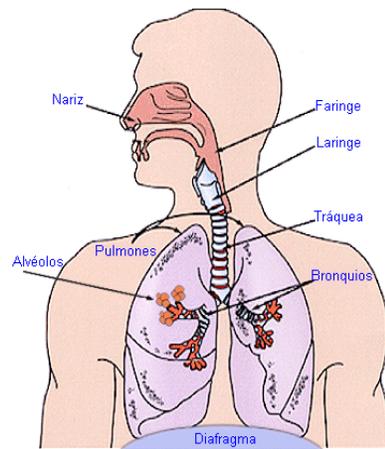
O som produzido pelas pregas vocais na laringe passa por um alto falante natural formado pela faringe, boca e nariz. Essas estruturas são chamadas caixas de ressonância.

[...] os diferentes sons da fala são articulados na boca – através de movimentos da língua, dos lábios, da mandíbula, dos dentes e do palato – modificando o ar vindo dos pulmões. Esses movimentos devem ser precisos para produzir sons claros e tornar inteligível tanto a fala quanto a mensagem que se quer transmitir.

Para esclarecer, vejamos nas ilustrações abaixo (material extraído da internet disponível nas páginas eletrônicas mencionadas), as partes que compõem o mecanismo de produção do som (1), a localização das pregas vocais (2) e suas diferentes posições, na respiração (3) e na fala, em vibração (4) :

²¹ A visualização das pregas vocais é facilitada por este exame, realizado por otorrinolaringologistas, que consiste na introdução de uma micro câmera na região da laringe, mostrando-as em movimento.

²² Esta numeração refere-se às ilustrações apresentadas a seguir.



www.pulmon.org/images/respirasys.gif

(1)



www4.prossiga.br/.../fisicanaescola/cap23-9.htm

(2)



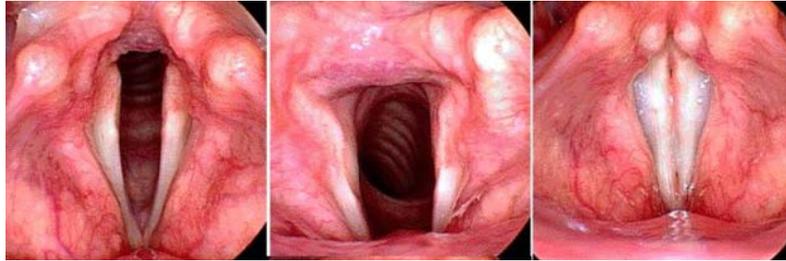
cienciahoje.uol.com.br/view/2231

(3)



(4)

Também avalio como necessário proporcionar a visualização das pregas vocais em fotos originais, procurando aguçar a curiosidade do leitor para que procure conhecer suas próprias cordas vocais, realizando um exame preventivo. Prepare-se para o que vai ver e conhecer... pregas vocais na respiração e fonação, em condições de normalidade!



ns.rc.unesp.br/.../ Pedro/cordas_vocais.htm

E então, o que achou!?

Continuemos...

3.2.2 SAÚDE VOCAL

Caso você perceba, em seu cotidiano, alterações freqüentes e persistentes por mais de quinze dias, como: rouquidão, falta de vontade para falar, dores e ardor na região da garganta, além de tensões nos ombros e pescoço, excesso de secreção e cansaço, Hünter (2003) sugere que procure por especialistas.

Pode-se confirmar que sua saúde vocal não esteja em harmonia. Antes de prosseguir, é importante esclarecer que o termo saúde vocal é utilizado para citar os cuidados e procedimentos necessários para se obter uma voz saudável, como refere Andrada e Silva (1998).

Conforme Pinho (2002, p.01), as atividades verbais exercidas pelos professores na sua maioria, “são incompatíveis com a saúde vocal, podendo danificar os delicados tecidos da laringe e produzir um distúrbio vocal decorrente de abuso ou mau uso da voz”.

A mesma autora também explica que há estratégias fonoaudiológicas para tratar esses distúrbios e que o mais importante é identificar as formas de abuso vocal para eliminar ou reduzir esses abusos, modificar padrões inadequados e assim automatizar uma nova condição fonatória. Para ela, seriam formas de abuso vocal (Ibid, p.02):

Não hidratar o organismo e falar em ambientes secos ou empoeirados; gritar sem suporte respiratório; falar com golpes de glote²³; tossir ou pigarrear excessivamente; falar em ambientes ruidosos ou abertos; utilizar tom grave ou agudo demais; falar excessivamente durante quadros gripais ou crises alérgicas; praticar exercícios físicos falando; fumar ou falar muito em

²³ Para Pinho (2002) a expressão “golpe de glote” significa falar com ataques vocais bruscos, golpeando uma prega vocal contra a outra com forte atrito.

ambientes de fumantes; utilizar álcool em excesso; falar abusivamente em período pré-menstrual; falar demasiadamente; rir alto; falar muito após ingerir grandes quantidades de aspirinas, calmantes ou diuréticos, discutir com frequência; cantar inadequada ou abusivamente, ou ainda participar de corais cantando em vários estilos musicais; presença de refluxo gastroesofágico, altamente irritante às pregas vocais²⁴.

Em contrapartida a esses abusos existem situações e atitudes que podem auxiliar o profissional da voz na busca de soluções práticas para utilizar sua voz em momentos que poderão exigir maior demanda vocal, com o mínimo de esforço e o máximo de aproveitamento. Há muitos autores (Pinho, 2002; Behlau e Pontes, 1993; Behlau, Dragone, Ferreira e Pela, 1997) que relatam essas estratégias como medidas para a saúde vocal.

Cabe ressaltar que a origem do termo baseia-se na questão de conservação de saúde, nesse caso específico com relação à voz. Para Behlau e Pontes (1993) são normas básicas que favorecem a preservação da saúde vocal, a prevenção e surgimento de alterações vocais ou outras doenças correlacionadas, que devem ser seguidas por todos, mas em especial por aqueles que mais utilizam a voz ou que são mais suscetíveis às alterações vocais, como é o caso dos professores.

Fazem parte das questões de saúde vocal para Behlau e Pontes (1993), Behlau, Dragone, Ferreira e Pela (1997) e Pinho (2002):

- 1) Hidratação: o consumo de água ideal é a ingestão de 7 a 8 copos/dia em temperatura ambiente, durante as performances do professor, pois se a mucosa²⁵ das pregas vocais estiver ressecada, reduzirá a flexibilidade e a vibração das mesmas, aumentando o atrito de uma prega com a outra e assim a probabilidade de alterações.

Além da água, podem ser ingeridos sucos cítricos, como de laranja e limão - naturais, não muito doces e nem excessivamente gelados, pois facilitam a absorção do excesso de secreção. Quando sentir a boca seca, outra sugestão dada por Pinho (2002, p.06) "[...] é reduzir o número de deglutições por minuto e estimular a produção de saliva, por meio do atrito da ponta da língua, com movimentos de vaivém contra a gengiva, logo atrás dos dentes²⁶ [...]"

²⁴ A autora explica que o refluxo gastroesofágico é decorrente de disfunções estomacais, responsáveis pela liberação de ácido péptico, que em algumas situações pode banhar as pregas vocais, agredindo-as.

²⁵ Tecido que reveste a laringe e as pregas vocais mantendo-as com uma movimentação ampla e solta para uma boa qualidade vocal (Behlau, 1993)

²⁶ Incisivos centrais inferiores.

- 2) Alimentação saudável: com a ingestão de alimentos leves, verduras e frutas bem mastigadas, auxiliarão a relaxar a musculatura da mandíbula melhorando a dicção, por exemplo. Em contrapartida aqueles alimentos mais pesados e mais condimentados, além de serem de difícil digestão, alteram o padrão respiratório, e, por conseguinte a função vocal.
- 3) Evitar o fumo: altamente nocivo à saúde de um modo geral. Ao tragar a fumaça quente prejudica-se o aparelho respiratório e principalmente as cordas vocais, ressecando-as e dificultando sua vibração, podendo causar irritação, pigarro, inchaço da região (edema), tosse, aumento de secreções e infecções.

O fumo é considerado uma das maiores causas de câncer de laringe e pulmão. Alguns autores afirmam que o risco de indivíduos fumantes apresentarem câncer de laringe é 40 vezes maior em relação aos não fumantes. (BEHLAU e PONTES, 1993, p.05)

Os não fumantes expostos a fumaça do cigarro podem ter prejuízos também. Além disso, o consumo de outras drogas como álcool (pinga, uísque e vodca), maconha e cocaína oferecem riscos e são prejudiciais às pregas vocais.

No caso dos fumantes recomenda-se no mínimo a ingestão de água ao término do cigarro.

- 4) Atenção aos ambientes com ar condicionado: em geral há também uma agressão à mucosa das pregas vocais, pelo resfriamento do ambiente que ocasiona a diminuição da umidade do ar com conseqüente ressecamento do trato vocal, induzindo ao aumento do esforço e tensão na produção vocal. Além dessa questão, há ainda o aspecto da competição sonora (perdendo o retorno auditivo de nossas vozes – Pinho, 2002) quando são utilizados aparelhos excessivamente ruidosos. Em ambas situações é importante a constante ingestão de água em temperatura ambiente.
- 5) Cuidado quanto às alterações hormonais: em especial para as mulheres, na fase pré-menstrual, nos primeiros dias da menstruação, durante a gestação, no período de aleitamento materno, pela ingestão de pílulas anticoncepcionais e/ou pelo consumo de medicação para reposição hormonal. Percebe-se discreta rouquidão, a voz fica mais grossa ou a presença de fadiga vocal ocasionados pelo inchaço das pregas vocais em função da alteração hormonal. Behlau e Pontes (1993) colocam que, nos homens na faixa etária relativa a terceira idade, a voz pode tornar-se mais

agudizada. Sugere-se manter o controle nessas situações para evitar o agravamento da alteração.

- 6) Prática de esportes: como natação, caminhadas e ioga são muito indicados especialmente em função do alongamento e relaxamento muscular. Segundo Pinho (2002) deve-se evitar exercícios físicos realizados simultaneamente à fonação (tênis, boxe, musculação, aeróbica, judô, caratê), pois o esforço físico aumenta o fechamento das pregas vocais e, se somado a momentos de fala pode gerar sobrecarga na região. Os esportes competitivos, entre eles o futebol, vôlei, basquete também devem ser praticados com certa cautela em relação ao uso vocal concomitante. O uso de anabolizantes deve ser evitado, uma vez que comprometem tanto a saúde geral como também causam alterações irreversíveis nas pregas vocais, deixando a voz mais grave.
- 7) Problemas de saúde: em especial as alergias, os estados gripais e o refluxo gastroesofágico acarretam problemas de voz. Behlau e Pontes (1993) salientam que, em portadores de alergias que se manifestam nas vias respiratórias como bronquite, asma, rinite e faringite, há tendência ao inchaço das mucosas respiratórias dificultando a vibração livre das pregas vocais. A presença de catarro pode causar irritação direta na laringe.

Indivíduos alérgicos que usam muito a voz em seu trabalho devem seguir corretamente as orientações médicas na tentativa de evitar as crises, ou, pelo menos, de reduzir a frequência de ocorrência e minimizar as manifestações nas vias aéreas. (Ibid, p.08).

Tanto durante as crises alérgicas, quanto em estados gripais acentuados (incluindo também a tosse) deve-se acentuar a hidratação e poupar a voz. Nessas situações não convém sobrecarregar o tecido inchado, pois poderá resultar em danos irreversíveis à mucosa que reveste as pregas vocais (Pinho, 2002). Sugere-se proporcionar atividades em grupo ou a realização de atividades individuais, pelos alunos, visto que estas exigiriam menor demanda vocal por parte do professor.

A tosse, assim como a presença de pigarro, tem por finalidade expelir as secreções que usualmente acompanham quadros gripais e/ou alérgicos. Tanto podem estar presentes nessas situações como serem freqüentes para quem está sem problemas de saúde. A prática desses dois mecanismos pode ferir as pregas vocais, que reagem ao atrito produzindo mais mucosa para proteção. Por sua vez, o excesso de mucosa atrapalha a emissão vocal e assim forma-se um ciclo vicioso que é preciso ser eliminado.

No sentido de pelo menos aliviar esse incômodo, sugere-se intensificar a ingestão de líquidos, a inalação com vapor d'água para fluidificar as secreções bem como a realização de exercícios que ajudam na mobilidade da mucosa das pregas vocais e do muco que as envolve.

- 8) Quanto a certas características pessoais: como rir alto, discutir com freqüência, falar demasiadamente, utilizar tom grave ou agudo demais, gritar sem suporte respiratório entre outros.

Em momentos de fala usual, um sujeito saudável deve falar com um tom médio²⁷, sem exceder, por exemplo, excessivamente para o grave, que muitas vezes é confundido com falar em fraca intensidade. Cabe ressaltar que o ouvido humano é pouco sensível aos graves. Quem fala nesse tom pode não ser bem entendido.

Existem pessoas que, por seu temperamento ou por outras razões pessoais, envolvem-se com facilidade em situações de brigas e discussões, perdendo o controle emocional, aumentando a intensidade vocal (abuso vocal), gerando sobrecarga devido à tensão muscular ocasionada pelo estresse. Além disso,

Muitas vezes o professor utiliza o grito como recurso para impor sua autoridade.[...] uma série de profissionais utilizam-se da emissão em forte intensidade para atender as suas necessidades de momento. [...] para o profissional da voz é muitas vezes impossível cumprir a tarefa [...] Se houver necessidade, o profissional deve gritar com técnica²⁸ (mas gritar só em último caso, esporadicamente!) [...]. (PINHO, 2002, p.07)

Caso você tenha esse hábito com certa freqüência, procure orientação fonoaudiológica específica. No caso do riso, não trará prejuízos se não for em excesso ou com exageros na intensidade.

Falar demais causa sobrecarga vocal: "(...) pregas vocais são músculos, e como qualquer músculo do corpo têm um limite, podendo fatigar" (Ibid, p.25). Devido à profissão, há pessoas que necessitam falar várias horas por dia e, além disso, costumam ainda falar muito no telefone (por hábito ou necessidade) ou conversar em ambientes ruidosos e abertos, tendo que muitas vezes chegar a gritar. Em alguns casos, o uso do microfone, o deslocamento das caixas de som para longe do professor e a manutenção da hidratação, entre outros cuidados, serão insuficientes para a cura, sendo necessário manter-se em terapia fonoaudiológica e com acompanhamento médico de seis em seis meses.

²⁷ Segundo Pinho (2002), de acordo com várias pesquisas, a região de maior conforto para o falante é por volta da terceira ou quarta nota musical, acima da nota mais grave que o sujeito consegue produzir.

²⁸ Uma forma de utilizar o grito com suporte respiratório, e menos prejuízos as pregas vocais (Pinho, 2002)

- 9) Outras dicas básicas: são sugeridas por Behlau, Dragone, Ferreira e Pela (1997 p.16):

Fale sempre mexendo bem a boca. Se falarmos com a boca travada o som sairá abafado; durante a leitura use voz solta ou, se for leitura silenciosa, não faça som (leia somente com os olhos); procure falar de forma suave para não ficar cansado; se precisar falar baixo apenas diminua o volume da voz, não sussurre, pois isso força as pregas vocais; fale pouco quando sentir que sua voz não está boa [...] Não adianta falar baixinho, você pode estar fazendo força do mesmo jeito; mantenha o pescoço reto equilibrado sobre o corpo para ajudar na produção de uma boa voz, ou seja, não fale com o corpo torto.

Em Hünter (2003) encontram-se referências sobre receitas e práticas caseiras. Viola (1998) e um alerta para a questão de que algumas delas podem irritar a boca e a faringe ainda mais, piorando a emissão vocal ou mesmo camuflando sintomas.

- 10) Programas de aquecimento e desaquecimento vocal: entendendo-se que, assim como é comum, antes de iniciarmos ou ao finalizarmos uma série de exercícios físicos, que façamos alongamentos e exercícios de relaxamento, isto também se aplica ao uso da voz, tanto para manter a saúde vocal quanto para uma maior longevidade da voz (Francato, Júnior, Pela e Behlau, 1996).

Os referidos autores e também Ferreira (1999) sugerem, em relação ao aquecimento vocal, a duração de até quinze minutos e a realização de exercícios corporais e vocais simultaneamente. Quanto ao desaquecimento vocal tomando por base os autores supracitados, este deve ter duração média de até cinco minutos e envolvem atividades específicas, entre elas, algumas que foram citadas para o aquecimento.

3.3 A voz tem sempre algo a dizer (Psicodinâmica Vocal)

A voz é parte de nossa identidade, um dos nossos mitos pessoais no sentido de que se constrói pela interpretação de nossas experiências de comunicação e é sustentada pela cultura em que estamos imersos. (Ziemer, 1993).

Logo, o padrão de voz de uma pessoa faz parte de sua história enquanto sujeito e engloba desde o vocabulário utilizado até elementos mais específicos da qualidade vocal e seus parâmetros. (Behlau e Pontes, 1995).

O objetivo do trabalho com a psicodinâmica vocal é favorecer meios para que o sujeito reconheça, ele próprio, os elementos que compõem sua qualidade vocal e ainda, trazer ao consciente, informações relativas aos efeitos de sua voz sobre o ouvinte.

Qualidade vocal, segundo Behlau e Pontes (1995), é a impressão geral que se tem a respeito da voz de um determinado sujeito, considerando um padrão básico de emissão e a coleta de informações de dados pessoais, desde características físicas até aspectos da sua formação educacional/profissional.

De acordo com Behlau, Dragone, Ferreira e Pela (1997) devemos exercitar nos ouvir enquanto falamos, para conhecer nossa voz, percebendo se é fina, grossa, agradável, alta demais, baixa, ou seja, nos conscientizando sobre suas características. E também, para nos beneficiarmos quanto ao seu uso, percebendo sua funcionalidade. Como a utilizamos ao contar um segredo? Como conseguimos chamar alguém que estava distante sem prejudicar as pregas vocais? Ela é “bonita”? Combina conosco?

Conforme as situações e contextos, moldamos e ajustamos nossa voz para alcançarmos certos objetivos. As mesmas autoras relatam exemplos disso: pedir algo emprestado ou um favor a alguém é algo que não pode ser feito falando forte ou gritando; para pedir desculpas ou ganhar um presente também não podemos falar grosso e forte. Ainda nesse sentido, elas referem que a voz revela quem somos e como estamos: alegres – voz clara e brilhante; tristes – voz quase some, ficando bem baixinha; irritados – gritando; nervosos – voz trêmula.

[...] é preciso saber que, muitas vezes: uma voz *aguda* sugere alegria, exaltação...; *média*: equanimidade, serenidade, cortesia...; *grave*: pessimismo, ameaça, tristeza... Com relação à intensidade, a voz *plena* manifesta decisão, orgulho, entusiasmo..., enquanto um *murmúrio* expressa timidez, resignação, passividade, segredo... *Muita velocidade* implica pressa, angústia, impaciência e a *lentidão*, preguiça, tristeza, indiferença, desatenção. (REYZÂBAL, 1999,p.67)

Também se podem perceber questões da idade (voz de criança e idosos costumam ser diferentes), de sexo (de olhos fechados, na maioria das vezes sabemos se estamos falando com um homem ou uma mulher), saúde (voz mais grave, rouca e abafada quando se está com gripe ou crise alérgica), emoção (descrito acima), intenção (muitas vezes sabemos se a pessoa está querendo agradecer, convencer, ser irônica ou falsa), profissão (uns tendem a gritar e outros a falar mais baixinho) e personalidade (os tímidos e introvertidos costumam falar baixinho e fraquinho, enquanto que os mais extrovertidos ou que gostam de mandar, falam mais forte e grosso).

Servilha (2000) explica que deve ser realizada uma análise acústica por intermédio de máquinas e aparelhos específicos, com mais objetividade, ou uma análise perceptivo-auditiva, através da audição do avaliador (método mais subjetivo), para conhecer o som produzido pelo sujeito, em suas nuances, e então sugerir possíveis ajustes.

Nessa avaliação, além das características do comportamento vocal (já mencionadas), Behlau e Pontes (1995) indicam que podem ser analisados parâmetros relativos:

- ao Pitch²⁹: sensação psicofísica da altura, considerando a variação entre sons graves e agudos. Conforme Servilha (2000), situações mais alegres tendem ao uso de sons mais agudos, enquanto as mais sérias inclinam-se aos sons mais graves.
- ao Loudness: impressão psicofísica da intensidade julgando-se ser a voz forte ou fraca.
- à Ressonância: relativo à amplificação ou ao abrandamento da intensidade dos sons.
- à Entonação: melodia ou padrão que engloba inflexões e pausas, entendendo a palavra inflexões a partir de Soares e Picolotto (1977 apud Servilha 2000), como a altura vocal que se desloca durante a emissão, em curvas ascendentes - por exemplo, evidenciada pela colocação de uma pergunta convidando o interlocutor a intervir, complementar; e/ou descendentes – perceptível nas frases declarativas ou quando se quer concluir sua fala, como se estivesse oferecendo o turno de fala para o ouvinte. Nessa questão específica, Servilha (2000, p. 17) chama a atenção para momentos em que o uso dessa característica for indevido, “pode ocorrer uma situação constrangedora, pois o ouvinte vai entender como indicação do início de seu turno, interrompendo o falante”.

²⁹ Os termos em inglês “pitch” e “loudness”, de acordo com Servilha (2000, p.16) “foram incorporados a nomenclatura brasileira para descrição técnica das características da voz”

- à Articulação da fala : movimentos harmônicos de língua, lábios, bochechas e palato, entre outras estruturas, que se utiliza para a emissão dos sons da fala inteligíveis.
- à Velocidade de fala: ritmo próprio que cada sujeito imprime à sua fala, segundo sua personalidade, numa forma mais lenta ou mais rápida segundo um padrão.
- ao Ataque vocal ou sonorização inicial: primeiro efeito audível subsequente à vibração das pregas vocais na fonação, e que deve ser suave e realizado com um bom suporte respiratório. Quando esse for brusco, indica a presença de golpe de glote e tem o efeito de uma pequena tosse que, se ocorrer diária e/ou constantemente, poderá irritar e causar alterações vocais (Pinho, 2002).

De acordo com investigações recentes, as “qualidades” da voz e não só do discurso transmitem até cerca de 38% do significado que o receptor recebe. A voz é o instrumento da comunicação oral e, como qualquer som complexo, caracteriza-se por diferentes componentes. Por isso, é importante valorizá-la como característica pessoal e como veículo de relações interpessoais. (REYZÁBAL, 1999, p.61)

Complementando essa discussão, Elsea (1989) reforça que o ouvinte considera agradável receber mensagens com dicção agradável, sem exageros e monotonias, ressaltando que a voz afeta fisiologicamente quem a emite a escuta, e exemplifica: se uma pessoa fala rápido, é provável que quem a escuta, tenha o ritmo cardíaco acelerado modificando seu padrão respiratório. Ao contrário, falar calmamente, fará com que a pessoa tenha reações físicas correspondentes a esse tom de voz.

E ainda, Reyzábal (1999) faz lembrar que nessas relações entre locutores (falante/ouvinte) está também o silêncio, o saber escutar, afinal monólogo permanente é mau sinal na prática educacional (analisando a questão pelo viés do professor). Numa interação pedagógica - a qual a autora denomina intercâmbio didático, também não se pode falar sem parar e todos ao mesmo tempo. “[...]. As palavras do professor devem enriquecer a informação, favorecer a auto-estima, motivar o estudo, orientar sobre dificuldades de comunicação, servir como modelo de língua e tantas outras coisas mais...(p.82)

Capítulo 4

Construindo conhecimentos na relação Voz e Educação Científica e Tecnológica

4.1 O caminho para desvendar, na voz, uma opção para construção de conhecimentos

Com a intenção de contribuir para promover mudanças que incentivem ainda mais a construção de conhecimento em sala de aula, esta pesquisa procurou enfatizar outros vínculos entre o professor e a voz. Procurei evidenciar novas razões que oportunizem ao professor valorizar ainda mais sua voz como instrumento de trabalho - que pode ser avaliado, “cuidado” e aprimorado, no sentido de facilitar não só as interações deste profissional com seus alunos, mas também, possivelmente, a aprendizagem, num sentido mais amplo.

Busquei apontar e esclarecer nos capítulos anteriores, aproximações entre voz e ensino, não apenas a partir da experiência de ser fonoaudióloga, mas também utilizando outras fontes, que enriqueceram a elaboração deste trabalho: as leituras e releituras da literatura disponível e pertinente, as discussões com os professores-orientadores, as trocas de idéias entre colegas do programa, e também com outros grupos em que mantive contato como professora ou palestrante³⁰, explorando sempre que possível, suas percepções em relação ao papel da voz na atuação docente.

Inserida no contexto da Educação Científica e Tecnológica, propus *dois movimentos distintos* ao elaborar minha dissertação:

- *primeiramente* dirigir meu olhar aos professores formadores de futuros professores, nas áreas de Biologia, Química, Matemática e Física. Entendendo que estão postos alguns objetivos relevantes em sua ação: uma direta, a partir da ação na graduação universitária, como “direcionador” do processo de ensino-aprendizagem, e outra indireta, exercida no momento em que ajuda a formar novos professores para atuarem no ensino fundamental e médio, como uma espécie de “modelo”.

³⁰ Em uma oportunidade, ministrando palestra a um grupo de Licenciandos da Matemática, pude constatar em seus depoimentos e registros escritos, novamente o quanto à voz é um tema presente em suas atividades como discentes /docentes.

- *um segundo movimento* se orientou em relação a mim mesma, no sentido de assumir a responsabilidade como profissional, avaliar minha construção em relação à (pré) conceitos e “verdades”. Questões que organizei diante de experiências, informações e conhecimentos adquiridos tanto na vida pessoal como no exercício da profissão, a respeito do professor, da “convivência” deste com sua voz.

Quanto à questão pessoal, quero aqui me referir aos comportamentos, julgamentos e critérios que elaborei internamente para definir os melhores professores, que participaram de minha formação até a conclusão da graduação, durante o tempo em que fui aluna. Por um conjunto de fatores, variáveis constantemente, eles próprios, com suas atitudes e palavras, demonstravam seu estado físico e de “espírito” a cada encontro na sala de aula, ou mesmo pelos corredores da escola.

Hoje, resgatando algumas situações do período escolar pergunto-me como esses aspectos ficavam tão evidentes num simples: - Bom dia!... hoje posso encontrar algumas respostas a partir da voz.

Um ‘Booom Diiiiiaa!!!’ vibrante, intenso, alongado e animado ecoava para nós, alunos-ouvintes, diferente de um ‘bom dia.’ seco, forte, alto, ríspido. Isto interferia no andamento das interações daquela aula, gerava mais ou menos disposição para assistir à aula, prestar atenção, cochichar com os colegas, mandar bilhetinhos, contribuir com outras informações/conhecimentos, fazer as tarefas de outra aula, copiar o que estava na lousa num certo ritmo, estudar para a prova da aula seguinte, participar da aula como mero ouvinte ou como sujeito ativo na construção conjunta dos conhecimentos.

Havia professores que, na maioria de suas aulas, mantinham constantemente um desses tipos de saudação. Os mais comentados eram os mais secos, ríspidos, ‘mal-humorados’. Tentava-se descobrir suas razões. Talvez sua vida não estivesse tão boa, ou que não gostasse da turma? Estaria aborrecido porque as notas foram péssimas? Financeiramente não estava tranqüilo? Teria dificuldades com a esposa ou outro familiar? Problemas com o carro? Incompatibilidade com colegas ou direção da escola? Teria trabalhado até tarde, ou dormido pouco? Talvez sofresse de insônia? Estaria insatisfeito e desmotivado com sua escolha profissional? Não estava vencendo o conteúdo previsto? Sua saúde estaria debilitada?

É certo que todos esses motivos também podem envolver a vida fora da escola do professor do 'Booom Diiiaaa!!!'. Sabemos que cada pessoa reage e visualiza de maneiras diferentes os seus problemas "comuns". O importante, então, é reconhecer que, em certos momentos, todos esses fatores poderão interferir nas interações ocorridas no processo ensino-aprendizagem (essa interferência também pode ocorrer no sentido aluno-professor).

Dessa maneira, a opção por realizar a escuta (em forma de questionário e entrevista semi-estruturada) dos professores das Licenciaturas de Biologia, Física, Matemática e Química, formadores de futuros professores, foi ao meu ver, parte imprescindível dessa trajetória metodológica. Ao mesmo tempo, proporcionou a superação da "rotina" de muitos consultórios fonoaudiológicos com seus pacientes-professores, e a circulação das propostas da Educação Científica e Tecnológica, especialmente quanto à construção de conhecimento.

Esse novo lugar de escuta, sem necessariamente haver problemas vocais em questão, longe do consultório e de suas determinações, mostrou-se um espaço importante para avançar nas aproximações entre voz e ensino, caracterizando a etapa de pesquisa de campo que designei de "escuta interativa".

Quanto à escolha por realizar as entrevistas semi-estruturadas, concordo com Lüdke e André (1986, p. 33) uma vez que:

[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista.

Segundo Triviños (1987) esse tipo de entrevista valoriza o investigador, ao mesmo tempo em que oferece ao informante a liberdade e espontaneidade que enriquecerão a pesquisa. Ela parte de conhecimentos básicos, com apoio em teorias e suposições de interesse da investigação, oportunizando novas interrogações, que emergem no desenrolar das primeiras respostas do entrevistado, que tem certa autonomia, guiando-se por sua linha de pensamento e experiências, dentro do foco principal enunciado pelo entrevistador.

O propósito aqui, da utilização das entrevistas semi estruturadas, é também, sair do monólogo entre profissões distintas, favorecendo aproximações num encontro de benefício mútuo, substituindo-se um pensar e agir *sobre*, por um pensar e agir *com*, desta forma ampliando espaços e oportunidades para falar e ouvir com alternância de turnos.

Ao realizar esse procedimento metodológico, pude conhecer as percepções que o professor tem da voz a partir de sua vivência profissional e opinião pessoal, valorizando seus relatos e as referências quanto aos aspectos do dia-a-dia em relação à voz, na sala de aula. Concomitantemente enfatizando as interações pedagógicas, ampliando assim, a possibilidade da construção de conhecimentos, pelo uso vocal.

4.2 Sobre as escutas propostas

4.2.1 Uma escuta diferenciada em teste

Tendo elaborado os meios para a coleta de dados, foram realizados os testes preliminares para avaliar a aplicabilidade dos mesmos. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 165) “nem sempre é possível prever todas as dificuldades e problemas decorrentes de uma pesquisa que envolva coleta de dados. [...] a aplicação do pré-teste poderá evidenciar possíveis erros permitindo a reformulação da falha [...]”.

Neste sentido, foi realizado um estudo piloto, sendo que a professora em questão era uma profissional graduada em Fonoaudiologia. Através de seus depoimentos constatou-se que o fato de deter os conhecimentos específicos (que a grande maioria dos professores não tem acesso) facilita em sua rotina profissional, tanto nos cuidados vocais e do ambiente de trabalho, quanto nas investigações em relação aos aspectos relacionados às alterações de voz e possibilidades de aperfeiçoamento. Em razão das contribuições percebidas em suas respostas, optou-se em acrescentar aos anexos, essa transcrição como material de leitura extra.(Anexo 3)

Com a realização desse estudo piloto, pôde-se cronometrar o tempo para o preenchimento do questionário, aproximadamente vinte minutos, e perceber que a entrevista poderia ser executada com qualidade em torno de quarenta minutos. O

tempo total gasto para finalizar ambos procedimentos (Etapa 1 e 2) nesta pesquisa piloto foi de uma hora.

Partindo dos dados e contribuições contidos nesta entrevista, também foi possível fazer um ensaio em relação às possibilidades de análise, elaborando-se alguns apontamentos iniciais, e talvez indícios de categorias a serem enfatizadas. Foram selecionados trechos relevantes da entrevista, e delineadas inicialmente, sete categorias para análise, as quais foram novamente subdivididas:

1. EMOÇÃO E VOZ: sobre a influência das mesmas no uso da voz e na ação docente; sobre a relevância de fazer trabalhar com prazer, no que se gosta.
2. VOZ NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM: como sendo instrumento de ensino; como fomentadora das interações pedagógicas; como forma de chamar a atenção do aluno, motivando-o; recursos vocais no trabalho com o conhecimento; voz e ensino, responsabilidade de quem?
3. AUTO-AVALIAÇÃO DA PRÁTICA, PROFESSOR REFLEXIVO: em relação aos aspectos vocais; quanto à postura profissional; em relação à percepção do retorno do trabalho na ação do aluno; em relação à própria formação acadêmica; auto – análise, mudança e transformação?
4. PROFESSOR FORMADOR DE FUTUROS PROFESSORES: modelos e padrões de ex – professores; quanto ao incentivo à carreira acadêmica na graduação; formação de alunos mais críticos e reflexivos.
5. RECURSOS DIDÁTICOS: Importância da voz como recurso didático; quanto à estrutura da aula.
6. QUESTÃO DE SAÚDE, DE DIREITOS OU DE APERFEIÇOAMENTO? profissão professor e outros profissionais da voz; decisão pessoal, médica, judicial, institucional... ; problemas de saúde; doenças ocupacionais x prevenção.
7. PAPÉIS DA VOZ: a partir das percepções dos professores.

Essas categorias foram então, revistas após a coleta principal de dados, com a aplicação do instrumento definitivo, evitando-se a abordagem de temas ligados à questão saúde/doença, e o excesso de categorias, reagrupando-se pautas a serem comentadas sob o mesmo prisma.

4.2.2 Efetivamente na trilha das escutas

Na primeira etapa da participação dos professores, foi fornecido um questionário – escuta dirigida (Anexo 1), no qual eles preencheram dados de identificação, como curso de graduação realizado, local de conclusão deste, idade, gênero, atuação docente (tempo, local, área de concentração, disciplina ministrada, jornada de trabalho semanal, tempo de magistério) e também informações a respeito de sua percepção sobre a própria saúde e comportamento vocal.

Essas informações serviram como ponto de apoio para o momento da entrevista propriamente dita, permitindo-se que o entrevistador conhecesse o mínimo de características pessoais e vocais do professor em questão. Eventualmente pode também servir como forma de amenizar o momento inicial da escuta interativa.

Neste sentido, Triviños (1987) refere ser importante, entre outras coisas, oferecer ao informante a possibilidade de iniciar a entrevista, falando de aspectos de sua vida que conhece de forma mais ampla e completa, expressando-se com maior propriedade. De vez em quando, o entrevistador interromper seu relato, colocando perguntas pertinentes ao objeto de estudo em questão, avançando assim, ambos, no processo mútuo de respeito e simpatia.

A escuta interativa (Anexo1) foi elaborada para a abordagem de três temas gerais, procurando-se enfatizar em cada um destes blocos, questões relativas à voz, ao professor e ao conhecimento:

1. HISTÓRIAS DE VIDA - Conversar sobre o porquê da escolha profissional, se está satisfeito, se gosta do que faz. Levá-lo a perceber se hoje, como professor, repete ou não comportamentos que gostava (ou não) enquanto aluno. Indagar para ele, o que ainda falta na formação do docente (será que inclui a voz?);

2. NOÇÃO DA NATUREZA DO CONHECIMENTO - Entender e perceber indícios de como o professor trabalha com o conhecimento, se ele transmite ou constrói na sala de aula, como se percebe, incluindo informações sobre a estrutura de suas aulas;

3. VOZ COMO RECURSO DIDÁTICO E SUA (S) FUNÇÃO (ÕES) NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM - Aqui a intenção foi levantar as funções que percebe na voz. Reforçar a possibilidade de construir conhecimento, percebendo-se a

ênfase que dá a essa questão (ou não), se a voz é /foi significativa em sua carreira. Perceber como relaciona voz com motivação, emoção e afetividade. Consultar sobre o exercício da profissão sem a voz, ou na falta dela.

Para os procedimentos metodológicos eleitos para essa pesquisa à coleta de dados do presente estudo foi realizada pela composição de uma amostra aleatória de professores eleitos por intermédio das Coordenações de cada curso, dentro do universo de docentes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por área de trabalho e pela atuação nas disciplinas de Práticas de Ensino, ou Metodologia de Ensino, ou ainda Instrumentação para o Ensino, por se tratarem de disciplinas específicas na formação docente.

Essas consultas às Coordenadorias de curso foram realizadas no período entre agosto e setembro de 2005 por telefone ou e-mail em razão da greve na universidade (final de agosto a dezembro 2005), contando-se com ajuda de muitos colegas. Das listas fornecidas, 10 candidatos no total (03 da Biologia, 02 da Matemática, 03 da Física e 02 da Química), fez-se o sorteio dos nomes definindo-se a priori um representante por área (quatro participantes) a ser contatado.

Dois deles foi necessário substituir, um dos sujeitos inicialmente sorteados estava de licença fazendo o doutorado em outra cidade sem previsão de vir a Florianópolis, e outros, não foi possível localizar pelos dados obtidos de telefone e e-mail. Os substitutos foram novamente selecionados por sorteio. Ao fim desse processo, a amostra ficou constituída por quatro professores pertencentes ao quadro docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Tendo êxito na comunicação com os participantes, as escutas (dirigida e interativa) foram agendadas. Propôs-se que fossem em dias diferentes para cada participante, nos locais e horários conforme disponibilidade destes. As entrevistas foram realizadas entre setembro e outubro de 2005 e para seu registro, utilizou-se um gravador com fita cassete.

Em relação ao tempo de duração das escutas, a Etapa 1 teve variação entre 11 e 24 minutos, e a Etapa 2, entre 24 minutos e 1h 20 minutos. Todos preencheram ao início do contato, o termo de consentimento livre para pesquisa (Anexo 2).

No questionário (Etapa1) houve dúvida para o preenchimento de três respostas: se o tempo de atuação como docente era somente para ensino universitário; sobre as disciplinas ministradas, pela mesma razão; e com relação à quantificação das horas de uso vocal profissional. Em relação às entrevistas, apenas uma delas extrapolou o tempo e desviou um pouco o assunto, que foi retomado.

Um fato curioso, em relação às questões abordadas na escuta dirigida (questionário), foi que todos os participantes fizeram comentários durante o preenchimento, solicitando por vezes esclarecimentos. Alguns casos foi possível responder. Em outros, se evitou fornecer informações para que não houvesse indução a certas respostas, que seriam temas das perguntas na Etapa 2.

Os dados dos questionários não eram o foco principal deste estudo, considerando que não se pretendia avaliar o comportamento vocal propriamente dito dos professores. Então, a título de introduzir os leitores para a análise dos dados das escutas interativas, foram organizados quadros (01 a 05) contendo as informações fornecidas, com alguns comentários.

Em relação às entrevistas, procurei escutar os professores, possibilitando que expressassem através de suas próprias vozes, quais suas opiniões (subjetivas) sobre sua voz como instrumento de trabalho, sobre as múltiplas funções dela em seu cotidiano profissional, possibilitando revelar suas percepções e, em especial, que tentassem relacionar a tríade voz-professor-conhecimento na perspectiva das interações pedagógicas.

Ao término das entrevistas, foi entregue folheto explicativo com informações e recomendações quanto a cuidados com a voz (Anexo 4).

Em posse dos dados dos questionários, e após ouvir os professores pessoalmente, constatou-se que, na realização dos procedimentos previstos, houve efetivamente um exercício que se constituiu em uma oportunidade de reflexão dialógica e recíproca, pois houve partilha de experiências e conhecimentos, bem como auto-análise e sugestões relativas à pauta semi-estruturada.

As falas registradas em áudio foram ouvidas e transcritas. Em algumas delas, foram retirados e substituídos os excessos de oralidade³¹ do texto, evitando alterar o sentido do mesmo, prosseguindo a análise dos dados, e contrapondo, então, essas informações ao material levantado previamente, a partir das demais fontes dessa pesquisa.

Para facilitar a identificação e leitura dos excertos (trechos selecionados) atribuiu-se ao representante da Física a sigla E1, para o da Química E2, ao da Biologia E3 e ao da Matemática E4. Inicialmente procurou-se agrupar as informações através de respostas similares e divergências entre os participantes, dentro de cada bloco de perguntas. Num movimento seguinte, optou-se também por organizar quadros-resumo (06 a 12) que facilitam a visualização dos dados extraídos das entrevistas, descritos de maneira resumida, sem referir os excertos literalmente. Estes aspectos serão comentados em maiores detalhes no Capítulo 5.

Também foram feitas anotações, informalmente, após o término das entrevistas, com a finalidade de registrar observações, impressões auditivas e gerais, confirmações e/ou novas incertezas a respeito do assunto em pauta. Pois, conforme Lüdke e André (1986, p.26)

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas (caso desse trabalho) de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado [...] o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado [...]

As autoras também comentam sobre a necessidade de, num primeiro momento, delimitar o objeto de estudo, para em seguida definir para quais aspectos o pesquisador irá *dirigir* seu olhar, e no caso desta dissertação, *sua audição/escuta*.

Considerando que a amostra pretendida foi de certa forma restrita (com apenas quatro professores participantes), e que os depoimentos estiveram repletos de subjetividade, é importante referir que não houve a pretensão de efetuar generalizações a partir das opiniões emergentes das escutas interativas

³¹ Especialmente em uma das entrevistas esse recurso foi necessário pelo excesso de informalidade, e utilização de muitas gírias. Todos tinham palavras que se repetiam muitas vezes, como “cacoetes” (vícios de linguagem oral) como não é, daí, na verdade, pois é, optando-se por suprimi-los das transcrições.

Capítulo 5

Escutando sobre voz: com a vez os professores

5.1 Sobre a escuta direcionada

As informações obtidas a partir dos questionários (Etapa 1) também trouxeram pontos relevantes à tona, então, para facilitar o entendimento referente às respostas objetivas e discursivas pertinentes ao mesmo, procurou-se apresentá-las em forma de quadros, os quais permitem uma melhor visualização em termos de conteúdo.

Os dados coletados neste instrumento serviram efetivamente como subsídio para iniciar as entrevistas (Etapa 2); possibilitaram conhecer o entrevistado (sua história profissional, hábitos diários e percepções sobre sua própria voz) e permitiram um breve momento para reflexão e/ou auto-avaliação por parte do professor durante o preenchimento das questões.

Este último aspecto, em especial, ficou evidenciado durante o processo, uma vez que todos os entrevistados fizeram comentários, perguntas e observações para a pesquisadora espontaneamente, com interesse, surpresa, hesitações e demonstrando estabelecer uma conversa consigo mesmo, por vezes até em voz alta. Considerando que a primeira etapa desta pesquisa previa apenas o registro escrito, as participações verbais dos entrevistados não ficaram arquivadas em áudio, somente na memória da pesquisadora, sendo registradas, como complementação, após o término das entrevistas.

Como o questionário ficou dividido em duas partes, uma referente aos Dados de identificação (1) e outra denominada como Caracterizando sua voz (2), sendo importante esclarecer que o Quadro 01 refere-se à primeira parte do mesmo e que o item dois foi organizado em outros quatro quadros (02 a 05), descritos em seqüência (pg. 82 a 87).

O Quadro 01 fornece a identificação dos entrevistados, quanto à idade, sexo, tempo de magistério de cada um, bem como à jornada semanal de atuação docente

(número de horas/aula), e ainda, o número de horas de uso vocal aproximado, que poderia ser expresso por dia e/ou por semana.

QUADRO 01 – Dados de identificação dos entrevistados

Categoria de Análise / Entrevistados	E1	E2	E3	E4
Idade	Acima de 40 anos	Acima de 40 anos	Entre 25 e 40 anos	Entre 25 e 40 anos
Sexo	M	F	F	F
Tempo de Magistério	Superior a 03 anos	Superior a 03 anos	Inferior a 03 anos	Inferior a 03 anos
Jornada de Trabalho (sem)	40 hs/aula	10 hs/aula	20 hs/aula	51 hs/aula
Uso Profissional da Voz (hs)	12 hs/dia	40 hs/sem	20 hs/sem	6 hs/dia

Considerando que a literatura indica que, o fato de a maioria dos professores serem do sexo feminino determina por si uma predisposição destas aos problemas vocais. (Ferreira, 1999). Apenas um dos entrevistados é do sexo masculino, portanto, teoricamente, o menos suscetível a problemas vocais. Porém, como poderá ser visto adiante, refere alterações na voz.

As informações sobre idade e tempo de magistério, se cruzadas, indicam o tempo aproximado de uso vocal profissional do sujeito ao longo de sua carreira como docente. Neste caso, E1 e E2 apresentam idade superior a quarenta anos e atuam como docentes há mais de três (anos), enquanto as outras duas professoras têm idade entre vinte e cinco e quarenta anos. No ensino superior, E3 e E4 atuam há menos de três anos, porém, estão em contato com a docência em outros níveis de escolaridade há mais tempo. E4, por exemplo, está há oito anos na educação geral e apenas há dois anos no superior, ela apresenta problemas vocais efetivos como será apontado posteriormente.

A informação sobre a jornada de trabalho semanal do professor visava englobar todos os momentos em que se faz uso da voz no exercício da profissão, seja na sala de aula, numa reunião, numa palestra ou em conversas informais. Quanto ao uso vocal profissional, este está sendo considerado em relação ao trabalho, porém é preciso

compreender que a voz está presente na vida do sujeito desde o despertar até o adormecer.

Sobre essa questão, E1 tem uma jornada diária de 8 horas/dia, referindo usar a voz por 12 horas/dia; E2 no momento tem apenas 10 horas/aula como jornada, porém considera que seu uso vocal é de 40 horas/semanais; E3 considera que sua jornada de trabalho semanal e o uso vocal profissional equivalem ambos a 20 horas semanais; E4 tem a jornada de trabalho mais longa, num total de 51 horas/aula e considera seu uso vocal profissional de 6 horas/dia.

Diante do exposto, poderia-se avaliar, que E1 e E2 percebem a participação da voz no seu dia a dia profissional como sendo superior à sua jornada como docente. Apontamento que não se percebe em E3, que equipara jornada e uso vocal no trabalho, assim como com E4, que reduz o tempo de uso vocal diário aparentemente sem incluir outras atividades, que não a docência. Quanto a esses dois aspectos (jornada e uso vocal) constatou-se que deveriam ser um ponto discutido verbalmente com os entrevistados para serem obtidas conclusões mais detalhadas e relevantes.

Como referido anteriormente, o item Caracterizando sua voz teve suas informações organizadas nos Quadros 02 a 05. A seguir, no Quadro 02, estão agrupados os aspectos referentes às percepções subjetivas dos professores em relação a sua própria voz.

QUADRO 02 – Percepções subjetivas dos entrevistados sobre sua voz

Categoria de Análise / Entrevistados	E1	E2	E3	E4
Gosta da sua voz	SIM	SIM	SIM	SIM
Características da sua voz	Rouca Tensa Outra	Outra	Outra	Rouca Tensa
Como define a voz atual	Alterada grau discreto	Normal	Normal	Alterada grau moderado
Houve mudanças no padrão vocal	SIM eventualmente	NÃO	NÃO	SIM sempre
Associa a um fato	SIM	-	-	SIM
Indicadores de alterações vocais	Registrou 05 ítems	Registrou 08 ítems	Registrou 05 ítems	Registrou 03 ítems

Conforme Schwarz e Cielo (2005) a maioria dos professores não gosta de seu padrão vocal, referindo-se a ela com horrível, rouca, complicada e enjoada. Opondo-se a esta estatística, os entrevistados foram positivamente unânimes no quesito “gostar de sua voz”, ponderando sobre o questionamento e explicando o porquê de maneira diferenciada.

Por exemplo, E1: “*É a minha e não apresenta maiores defeitos*” e E4: “*É forte é grave. Não gosto no microfone, fica estridente*”. Coincidentemente, E1 e E4 gostam de sua voz atual, mesmo percebendo que esteja alterada, apresentando mudanças no seu padrão vocal, respectivamente em grau discreto eventualmente (voz fica mais grossa e mais rouca) e em grau moderado sempre (mais rouca). Ambos associam a alteração a algum fato específico.

E1 refere piora nos momentos de tensão e ao sentir-se pressionado pelo tempo, enquanto E4 generaliza o problema para o trabalho, e altura vocal que utiliza, em especial por perceber-se falando muito alto. Fica evidente a presença de alteração vocal e o falta de esclarecimentos /conhecimentos sobre o uso vocal.

Ainda quanto ao *feedback* auditivo que têm de sua própria voz, E1 e E4 a definem como rouca e tensa, sendo que E1 ainda acrescenta a presença de sotaque regionalista. E2 caracteriza sua voz como tendo “*um tom não muito grave e dicção razoavelmente boa*”, enquanto que E3 afirma nunca ter pensado sobre o assunto, avaliando-a como satisfatória em sua atuação profissional.

Sobre a percepção de certas características da voz, todos os participantes tiveram dúvida sobre os termos empregados na descrição da mesma, como sendo soprosa, áspera, pastosa, em falsete, solicitando esclarecimentos para fornecerem suas respostas quanto a esses “jargões fonoaudiológicos”.

Com relação aos indicadores de alterações vocais, todos os entrevistados assinalam pelo menos três situações dentre dezoito possibilidades. Mesmo E2 e E3, que anteriormente consideraram sua voz dentro dos padrões de normalidade, percebem modificações durante ou após o uso vocal. Lembrando também, que não havia ressalva quanto aos entrevistados serem sujeitos sadios ou com alterações vocais.

Considero necessário explicitar os itens assinalados individualmente, pois estes apontam novamente para a necessidade de acesso a esclarecimentos e orientações quanto à voz, mesmo aqueles que a percebem como normal, como E3, assinalou oito pontos que percebe em seu desempenho vocal durante/após seu uso profissional.

E1 assinalou: presença de pigarro, de ruído competitivo, sensação de falta de saliva e acrescentou ritmo de fala e respiração alteradas; E2 considerou: cansaço ao falar, que a voz falha e que faz esforço, falta de volume e projeção vocal, presença de ruído competitivo, de estresse, dor no pescoço/nuca/ombros e na garganta; E3 marcou: sensação de ardência, de perda da voz, de cansaço ao falar, de que a voz falha e presença de rouquidão temporária; enquanto E4, que referiu anteriormente certo comprometimento vocal (grau moderado – sempre) registrou apenas três aspectos: sensação de ardência, presença de tosse seca e de ruído competitivo.

A seguir, complementando a presença dos indicadores de alterações vocais, são agrupadas as respostas relativas aos hábitos dos professores entrevistados.

QUADRO 03 – Hábitos de vida diária dos entrevistados

Categoria de análise /Entrevistados	E1	E2	E3	E4
Água	Consumo 1,5 litros	Pouco consumo	Consumo Ideal	Pouco consumo
Outras bebidas	Iogurte, cerveja	Suco, café e refrigerante	Suco, chá e café	Não referiu
Cigarro	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
Convive com fumantes	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Ar condicionado	NÃO	SIM	SIM	NÃO
Distúrbio hormonal	NÃO	DESCONHECE	SIM	DESCONHECE
Atividades físicas	SIM	SIM	NÃO	NÃO
Problemas médicos	SIM	NÃO	NÃO	SIM
Característica pessoal	Tenso Introvertido	Calmo Tenso	Calmo Introvertido	Explosivo Tenso
Emoções x Voz	SIM	SIM	SIM	SIM
Vida familiar	Tensa (pouco) Tranqüila	Tensa	Tranqüila	Tensa
Rotina diária	Sobrecarga de tarefas	Sobrecarga de tarefas	Sobrecarga de tarefas	Sobrecarga de tarefas
Lazer e vida social	Presente	Ausente	Presente	Presente
Volume dos eletrônicos	Normal	Baixo	Normal	Normal

A abordagem dos pontos que constam no Quadro 03 direcionou os professores à análise de seus hábitos de vida diários, especialmente relativos à saúde vocal. Estas informações são relevantes no sentido de encaminhar e acompanhar mudanças de conduta quanto à manutenção e cuidado da voz, quanto à prevenção da instalação de problemas vocais crônicos e em relação às interações sociais dos sujeitos em questão.

Cada um desses itens já foi descrito anteriormente neste trabalho, citando-se agora os dados obtidos dos entrevistados. Seguem-se informações que remetem a presença de indicadores de alterações vocais: Beber pouca água (E2 e E4), ser fumante (E1), trabalhar em ambiente com ar condicionado (E2 e E3), desconhecer e/ou apresentar alterações hormonais, em especial no caso de mulheres (E2, E3 e E4), não praticar atividades físicas (E3 e E4) mesmo que para “relaxar”, apresentar problemas médicos crônicos como rinite (E1 e E4), refluxo gastroesofágico, sinusite e outros (E4), ter como característica pessoal ser tenso, participar de uma rotina familiar tensa (E1, E2 e E4), e/ou ainda sentir-se sobrecarregado de tarefas diariamente (todos), deixando pouco tempo para lazer e/ou vida social (E2), entre outros aspectos.

Sobre o assunto, Servilha (2005) aponta que o estresse inerente ao ser professor decorre da alta responsabilidade imposta a este profissional, no sentido de gerar aprendizagem nos alunos, do excesso de tarefas que acabam por extrapolar o ambiente escolar e invadir as horas de lazer, e também da baixa remuneração e da alta competitividade. O cansaço e desgaste desta situação constante acabam por desencadear problemas de saúde em geral e de voz.

Em seguida, no Quadro 04 estão descritas as respostas dos entrevistados quanto ao seu comportamento vocal, lembrando que, considerou-se a intenção de conhecer a percepção dos professores sobre sua produção vocal (ver Quadro 05), com intuito de ampliar, se possível sua consciência vocal, neste momento, seja na relação saúde/doença, ou mesmo nas interações sociais.

QUADRO 04 – Auto-avaliação dos entrevistados sobre seu comportamento vocal

Categoria de Análise / Entrevistados	E1	E2	E3	E4
Intensidade Vocal	Adequada	Adequada	Elevada	Elevada

Altura Vocal	Voz grave	Voz mediana	Voz mediana	Voz grave
Velocidade da Fala	Adequada	Adequada	Depende do momento	Fala rápido
Articulação da Fala	Adequada	Adequada	Imprecisa	Adequada
Sonorização inicial	Não prestou atenção	Não prestou atenção	Não prestou atenção	Não prestou atenção

Altura e intensidade vocal, utilização da sonorização inicial, velocidade e articulação da fala são dados importantes dentro da avaliação fonoaudiológica, não necessariamente devem ser conceitos apreendidos já referidos no decorrer deste trabalho. Eles indicam não só o caminho para a modificação de posturas incorretas, mas também ao aperfeiçoamento do conjunto relativo à função fonatória. Assim mesmo, é fundamental levar em conta a percepção pessoal dos falantes, pois quando há discrepância de opiniões, aumenta a dificuldade da solução de problemas (quando estes existirem de acordo com o parecer fonoaudiológico).

No caso específico de E3 e E4, sobre esses aspectos do comportamento vocal, atenção especial deveria ser dada às respostas sobre intensidade vocal (elevada), velocidade de fala (fala rápido) e articulação da fala (imprecisa), pois além de causar alterações vocais mais sérias podem também alterar a qualidade das interações pedagógicas como já foi mencionado neste trabalho.

Logo a seguir, no Quadro 05, estão agrupadas algumas informações adicionais, úteis para a análise e interpretação dos dados a respeito dos professores e suas percepções, sendo que três deles se consideram sujeitos sadios e apenas um com histórico de problemas vocais.

QUADRO 05 – Informações adicionais sobre a voz fornecidas pelos entrevistados

Categoria de Análise / Entrevistados	E1	E2	E3	E4
Já teve problemas vocais?	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
Afastamento por problemas vocais?	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Já fez tratamento vocal?	-	NÃO	NÃO	NÃO
Julga ter conhecimento suficiente sobre voz?	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Atualiza-se sobre voz?	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO

Voz é relevante na formação do professor?	SIM	SIM	SIM	SIM
Fornecer informações extras?	SIM	NÃO	NÃO	NÃO

As questões deste bloco foram relativas à presença de problemas vocais (E4), se estes acarretaram o afastamento do trabalho (nenhum entrevistado) ou a necessidade de realizar tratamento vocal (nenhum entrevistado). Também traz informações sobre a percepção do professor, sobre ter ou não, conhecimento suficiente para utilizar a voz profissionalmente (todos consideraram insuficiente), sendo que E1 acrescentou por escrito: *“Utilizo como um dado, instrumento. Não questiono”*. E3 referiu: *“Acredito que, por ser um instrumento tão naturalizado de comunicação, nunca pensei mais especificamente sobre o papel e como usá-la de um modo mais adequado”*. E4 também registrou: *“Minha formação não abordou essa questão e adquiri muitos vícios”*. Eles levantam questões que confirmam os dados da literatura e vão ao encontro da proposta inicial deste estudo. Novamente constata-se que na formação docente, não se tem o acesso mínimo às discussões sobre a voz.

Neste segmento, todos os entrevistados indicaram nas suas respostas, nunca ter lido sobre o assunto espontaneamente, dado este que aponta para uma certa restrição por parte dos professores, em relação à consciência da importância de sua produção vocal.

Em contrapartida, todos consideraram relevante o assunto para a formação de professores, fornecendo argumentos diferenciados e fazendo esta consideração durante o preenchimento do questionário (e posteriormente, na entrevista), sem que houvesse qualquer argumentação por parte da entrevistadora:

E1 escreveu sobre a relação saúde/doença: *“Utilização freqüente e não raro prejuízo na saúde após algum tempo”*. E2 também focou para problemas vocais porém, trouxe contribuições relativas a voz do professor nas questões de aprendizagem: *“(…) o professor deveria ser treinado para usar sua voz, para evitar muitas vezes problemas futuros. Deveria treinar a entonação da voz que muito poderá contribuir com suas aulas facilitando ou favorecendo o despertar dos alunos para sua aula”*. E3 reflete sobre a relação voz-trabalho, enfatizando como *extremamente* relevante: *“É um ou até mesmo o principal instrumento de trabalho do professor”*. E4 fez abordagem semelhante,

“Como o principal instrumento de trabalho, a voz é fundamental para essa atividade e precisamos saber como usá-la”.

Mais uma vez, confirmou-se nos argumentos registrados, a importância de discutir esse tema entre professores e futuros professores (licenciandos) e, quem sabe, introduzir a abordagem desses conhecimentos ainda na graduação.

Como informação adicional, apenas E1 manifestou-se, comentando em poucas palavras sobre o *“padrão de fala no Brasil”*, apontando para a forte influência do modelo da região sudeste em nosso país. Tal consideração confirma-se como pauta para discussões entre voz e ensino, no sentido de que não há certo e errado lingüístico, e de que, no modo de falar de cada um, há variedades que revelam peculiaridades (sociais, econômicas, políticas...) de grupos sociais diferentes (Cagliari,1993) a serem respeitadas e apreendidas na vida em sociedade.

5.2 Sobre a escuta interativa

De acordo com a proposta metodológica descrita no capítulo 4, a escuta interativa configurou-se no desenvolvimento de uma entrevista semi estruturada, cujas questões foram organizadas em três focos principais (blocos) que, juntamente com as informações da escuta dirigida, ajudaram a compor o cenário para falar da voz.

Para análise, foram organizados quadros-resumo desses blocos, sendo que cada um deles contém no mínimo três células (C) que estão descritas na ordem alfabética, e se referem às categorias analisadas (num total de 11 subtítulos e 07 quadros), conforme estrutura abaixo:

Quadro 06: Bloco 1 - Informações sobre a história de vida profissional

célula a – escolha profissional

célula b – inspiração para seguir carreira

célula c – agora sou professor!

Quadro 07: Bloco 2 - Entendimento sobre o trabalho com o conhecimento

célula a – conhecimento é...

célula b – a estrutura das minhas aulas

célula c – o que eu mudaria na Licenciatura

Quadro 08 – 12: Bloco 3 - Percepções sobre a voz

- célula a – funções da voz no processo ensino-aprendizagem (Quadro 08)
- célula b – aproximações entre voz, professor e conhecimento (Quadro 09)
- célula c – relato de exemplos relacionados a voz (Quadro 10)
- célula d – é possível dar aula sem a voz? (Quadro 11)
- célula e – reflexões e sugestões sobre voz (Quadro12)

No Bloco1, agrupou-se informações sobre a história de vida profissional, com trechos das entrevistas que descrevem a escolha da profissão, inspiração para seguir carreira como professor e a situação atual de ser professor.

Quanto ao segundo Bloco, procurou-se reconhecer pelo menos indícios a respeito do entendimento que têm sobre o trabalho com o conhecimento(concepção de educação/ciência): o que é, qual a estrutura das aulas e o que gostariam de mudar nos cursos de Licenciatura.

O bloco 3 abordou a voz propriamente dita, reunindo-se nele as percepções que se apresentaram no decorrer dos depoimentos. Ao contrário do que se poderia verificar ao término das entrevistas, o tema voz suscitou nos entrevistados a exploração de conhecimentos de senso comum, o resgate de exemplos e situações onde a voz fez ou faria diferença, auto-avaliação, reflexão sobre a profissão e, ao mesmo tempo, a aquisição de novos conhecimentos, além de aguçar o pensamento desses sobre o assunto.

Ao proceder a análise e a interpretação do conteúdo das entrevistas, utilizou-se fragmentos da fala dos entrevistados, procurando-se em cada resposta dada, indícios referentes a cada um dos blocos e categorias delimitadas. As perguntas abertas e de certa forma, abrangentes resultaram em respostas favoráveis a captação de múltiplas possibilidades, observando-se às convergências e também a diversidade.

5.2.1 Informações sobre a história de vida profissional (Bloco 1)

Quadro 06 – Informações sobre a história de vida profissional

C.	Categoria de análise/ Entrevistados	E1	E2	E3	E4
a	ESCOLHA PROFISSIONAL	- Desde criança - Sucesso escolar - Interesse pela área científica	- Estágio extra curricular durante a graduação - Oportunidades maiores para a licenciatura	- Desde criança - Estágio extra curricular durante a graduação	- Desde criança - Por que todos acham matemática tão difícil?

b	INSPIRAÇÃO PARA SEGUIR CARREIRA	- Familiares - Professores - Carreira nobre, socialmente relevante - Ambiente de estudo favorável	- Local de trabalho - Professores	-	- Programa da TV Educativa - Filmes - Professores
c	AGORA SOU PROFESSOR!	- Não respondeu sobre si, referiu-se ao contexto de sua formação docente	- É ponte entre a Universidade e o Ensino Médio como quando estagiária; - Faz sua parte, “planta sementes”;	- Discute sobre natureza do conhecimento; - Busca sair e ampliar a noção de senso comum; - Percebe mudança na concepção de Ciência dos alunos - Auto –avaliação como professora	- Não respondeu sobre si, falou da educação de maneira generalizada;

Este bloco foi eleito para abrir as entrevistas devido à sua finalidade especial de oportunizar um resgate sócio-histórico profissional a cada participante, pela perspectiva de ser uma pauta mais familiar do que falar de voz especificamente, por romper com um possível impacto sobre estar sendo feita gravação e, além disso, por ser um aspecto incluído nas práticas fonoaudiológicas.

É importante saber se o sujeito atua diariamente numa atividade prazerosa, numa função que corresponda às suas expectativas enquanto profissional que idealizou ser. Este aspecto poderá interferir tanto em seu uso vocal, quanto na relação que estabelecer com o futuro professor (hoje aluno, exposto a “modelos” de professor) Descontentamento, frustração, irritação e mal estar geram, em especial, tensão e estresse (Servilha, 2005), e esta interfere diretamente na produção vocal do sujeito, e por conseqüência também nas suas interações sociais/pedagógicas. Segundo Lima (1999, p. 19) “[...] é na relação com o outro que o estudante elabora suas representações, coordena com outras interpretações, busca argumentos e consolida novos significados”.

a. ESCOLHA PROFISSIONAL

Com exceção de E2, os demais entrevistados relataram que sua opção pela profissão é um desejo que os acompanha desde a infância. Nesses trechos também outras circunstâncias são mencionadas:

“Desde pequeno eu me interessei, essa seria uma das carreiras que eu poderia seguir, porque eu tinha certo, digamos um (?)^{*} de relacionamento com os amigos e indicadores positivos da escola também e isso atrai não é, então a gente sabe que isso atrai, então a gente sabe que falta de

* O símbolo (?) foi utilizado para representar uma palavra que permaneceu ininteligível durante a transcrição da entrevista.

êxito, nos joga para baixo, então nesse ponto era uma das carreiras que eu pensei em seguir. (...)” [E1]

“Bom, eu escolhi o curso de licenciatura porque eu sempre quis ser professora. Desde criança eu achava muito legal e no ensino médio, eu era apaixonada por uma professora de biologia. (...)” [E3]

“Eu resolvi ser professora eu tinha uns dez anos, e era porque o seguinte, na realidade eu tinha algumas outras opções, mais essa sempre foi a mais. Eu resolvi ser professora de matemática aos dez anos até um pouco antes eu queria ser professora, (...)” [E4]

E1 acrescenta em sua meta traçada enquanto criança, o sucesso escolar, e esse é um ponto de apoio essencial para de certa forma manter “a chama acesa” até a época do vestibular. À medida que vamos avançando nos níveis de escolaridade, surgem dificuldades e desafios, e ter êxito ao final de cada bimestre torna-se imprescindível, dentro da abordagem do senso comum, para satisfazer nosso ego, o de nossos pais, a reputação com os colegas de sala e em especial aos nossos professores. Afinal, quem em sua infância nunca brincou de ser professor, não é mesmo? Você é capaz de lembrar-se de alguma dessas situações? Você gostava mais de ocupar o papel de professor “querido” ou preferia ser o bom aluno?

Também é interessante o que traz E2, sobre o que mobilizou suas decisões:

“(...). Então o que me levou a ser professora foi todo o ambiente que eu vivi, eu tinha 15 anos quando eu comecei e quando eu tinha 18 que eu tive que escolher a profissão, eu estava ali, né! Eu vivi no meio de professores, então eu acho que foi isso, o exemplo do pessoal em volta, e daí fui trabalhando (...)”. [E2]

Um outro ponto trazido à tona por E4 refere-se a uma pergunta que certamente muitos de nós já fizeram a si próprios algum dia: por que aprender matemática parece mais difícil do que aprender as outras áreas de conhecimento? Veja o que disse a entrevistada:

“(...) às vezes pensava em outra área, mas era porque eu achava muito esquisito que as pessoas não entendiam a lógica da matemática e achavam que era mais difícil do que história e eu sempre achei que é muito mais complicado saber história do que saber matemática. Porque matemática você define as variáveis que você vai lidar, você tem um caminho que é bem organizado, uma lógica que é bem estruturada, que no caso da história você tem sempre um número de variáveis que você tem muito mais dificuldade de selecionar e tal, eu achava aquilo muito mais complicado, e não entendia porque as pessoas tinham um bloqueio tão grande, então eu resolvi descobrir porque as pessoas não aprendiam matemática, hoje em dia eu descobri, eu ainda não consegui descobrir a solução, mas já consegui descobrir o problema, porque as

“pessoas não aprendem e aí eu passei, eu comecei a primeira capacitação pedagógica que eu fiz eu tinha quinze anos,(...)” [E4]

Para muitos, a matemática foi/é um peso considerável na balança tanto durante a escolarização, quanto na escolha profissional. Já para outros, como é o caso dessa professora, foi e é uma motivação para iniciar uma carreira. Complemento essa questão com o fragmento de E1, referente a gostar do que se faz, como agente motivador para o estudo e posteriormente para a atividade docente:

“(...). Também o fato de gostar de uma área que abre, estimula o raciocínio, a descoberta, a redescoberta, ao interesse pela área científica em geral, estudei química primeiro, depois estudei física.” [E1]

Nas colocações pertinentes à escolha profissional, verificou-se que o fato de participar de estágios extracurriculares durante a graduação (E2 e E3) também foi ponto decisivo para optar em ser professor. Cabe ressaltar que, nas áreas de Física, Química, Biologia e Matemática, além da escolha do campo de atuação, é necessário eleger se a graduação será direcionada ao Bacharelado, a Licenciatura, ou para ambas.

No caso de E2, é importante ressaltar que as oportunidades de trabalho foram mais efetivas no sentido de ser professora do que para exercer sua vontade de ser química em uma indústria.

“(...) decepcionei com a indústria, não sei, e daí comecei, eu já estava encaixada no colégio, eu dava aula junto com esse professor, e daí eu continuei no colégio e acabei virando professora. Porque na verdade eu fiz o curso de licenciatura em química, era licenciatura com crédito de bacharelado, então eu podia ir para os dois lados, e eu acho que eu tive mais abertura para ir para a licenciatura, daí vim para cá fazer o mestrado e fiquei, passei no concurso e fiquei, então eu acho que as coisas vão acontecendo, muitas vezes a pessoa programa tudo e é o sonho... mas comigo não foi assim.” [E2]

Atualmente o mercado de trabalho, nem sempre permite concretizar nossas aspirações profissionais, e acaba-se atuando no que é mais conveniente e/ou garantido financeiramente. Isso também faz com que haja a opção de, na graduação, trilhar os dois caminhos, e não apenas um deles. Lembrando aqui, que trabalhar contrariado tenso, e com frustração, poderá alterar o padrão vocal do sujeito assim como as relações interpessoais.

b. INSPIRAÇÃO PARA SEGUIR A CARREIRA

Procurou-se investigar junto aos entrevistados, quem ou o quê teria influenciado sua opção pela carreira de professor, ou o jeito atual de administrar a sala de aula. Com exceção de E3, nas diferentes respostas obtidas, todos referiram um professor (ou mais) como referência para sua prática docente, e não houve registros relativos à voz.

E1 lembrou-se especialmente do nome de sua professora de ciências; E2 referiu-se aos professores com quem conviveu no ambiente de trabalho (com 15 anos) e daqueles que conheceu durante sua formação até o doutorado; E4 inicialmente negou qualquer influência, mas depois se recordou do professor de história do ensino médio, da professora de português da 8ª série e ainda a da 1ª série.

“ (...) familiares e alguns professores em especial sempre consideraram essa carreira com um grau de nobreza, de espírito, de... socialmente relevante, e isso me ajudou a tomar decisões, não há dúvida. Eu me lembro tranqüilamente da professora de ciências que eu tive, a Dona Diva, dos professores de língua portuguesa, e num certo sentido não tão positivo, dos professores de matemática, já que era disciplina que causava mais desconforto, falando da classe, a gente olha pela média também e não só pelo próprio desempenho (...)” [E1]

“Eu acho que o meio que a gente vive, não só os professores, mas o meio que a gente vive contribui com você, acaba que você é do jeito que você é, o lado bom e o lado não muito bom pela convivência, pelo meio que você esta, e os professores, falando mais específico, ele tem uma contribuição muito direta na vida da pessoa(...) . [E2]

“(...) quando eu fiz o mestrado e o doutorado eu já estava dando aula aqui na universidade, então eu tive aulas com os colegas, que eram os meus professores, então a gente consegue ver muito claro, isso eu quero fazer na minha sala, mesmo que a gente não consiga, isso eu não quero”. [E2]

Nas palavras de E2, percebe-se o quanto um professor serve de referência (positiva e/ou negativa) para seus alunos (futuros professores?!). Assim sendo, avaliar-se profissionalmente, quanto às atitudes presentes em si próprio é um exercício lento e gradual – olhar no outro sempre é mais fácil! – e a voz (pelo tom, pela afetividade, pela autoridade ou pela disciplina) também deve fazer parte desse processo.

E ainda,

“(...) eu sempre tive muito respeito pelos meus professores em geral assim, mas na verdade eu tinha um sonho meio romântico, tem vários filmes também, de professores que chegam em escolas totalmente desestruturadas e vão lá e fazem coisas inovadoras e isso muda completamente a história do aluno, eu vi vários desses filmes também. (...) Eu tive bons professores, mas, nenhum foi de matemática inclusive, isso também é interessante, eu tive, eu lembro um professor de história que eu tive no primeiro ano do ensino médio, lembro de um

professor de português que eu tive na 8ª série, lembro da minha professora de 1ª série, que eu adorava, mas que depois de um tempo eu voltei lá, daí como eu estava querendo ser professora, eu tinha uns catorze anos, eu voltei a assistir ela dar aula, e eu achei um horror, achei aquilo que ela fazia tão horrível, inclusive foi uma aula de matemática foi horrível assim, mas é, mas eu não me lembro assim de uma pessoa (...)” [E4]

Fica evidente na observação de E4 como modificamos nosso modo de ver um mesmo objeto e/ou situação após um tempo. No seu caso, passado alguns anos ela reavaliou a conduta da professora que ela tanto gostou quando criança. Mesmo sendo uma construção de senso comum, muitas vezes, esses estereótipos que criamos, ou a desconstrução deles em relação às pessoas, apontam para nosso próprio crescimento, evolução e quebra de paradigmas.

Além disso, a entrevistada (E4) valorizou a análise de filmes e programas de televisão, como algo que contribui para suas reflexões e auto-avaliação como professora. Ela queria ser como os diretores das escolas desses filmes, “revolucionários”.

“(…) e antes disso já tinha um programa que passava na tevê educativa que era um programa de uma professora de 1ª à 4ª série que discutia com uma estagiária dela, o que era a vida do professor, e eu adorava ver esse programa todos os dias que passava, então eu resolvi muito cedo, (...)” [E4]

A questão do estágio extracurricular não só direcionou a escolha da profissão de E3, mas também lhe inspirou na construção de sua identidade docente.

“(…) E o contato com a questão da atuação profissional, eu já tive desde meu segundo semestre do curso de graduação, porque eu comecei a trabalhar num projeto, lá no UFSM e eu acompanhava os mestrados que estavam projetos vinculados a área de educação em biologia nas escolas, então de vez em quando tinha uma inserção minha nas aulas. Eu auxiliava em alguma coisa, e então, eu já fui me vendo como professora aos pouquinhos. Não foi uma coisa assim, chegou no último semestre, tem que ir lá fazer o estágio. Então isso foi bem gradual para mim, e nos outros anos seguintes a minha graduação, eu também passei a assumir turmas nas escolas, por causa do projeto e por causa dos meus estágios”. [E3]

Um outro aspecto relevante, com o qual concordo, é o local onde estudamos. Um ambiente acolhedor, estimulador, e impulsionador, fazem muita diferença, conforme expressa E1, e é relevante considerando-se o sujeito como ser sócio – histórico – culturalmente constituído.

“(...) O que eu posso dizer é que eu estudei numa escola já na graduação, completamente livre e estimuladora para os estudos, (...) era uma escola muito bem instalada, nos anos setenta, final dos anos sessenta. Era fervilhante o centro de produção do conhecimento, livre para o debate de idéias, inclusive questões de natureza política, do momento que a gente vivia no país, foi muito estimulante, apesar de várias frustrações, dentre elas a restrição à liberdade, professores e colegas na prisão enfim, nós vivíamos num outro mundo. (...) a escola básica que nós fizemos, deu um conjunto de indicadores não tão prescritivos, não tão receita, para todo mundo trilhar algum caminho. Aos exemplos mais marcantes, algumas pessoas, alguns amigos(...)” [E1]

Mas, e com você, as escolas por onde passou, e/ou a universidade onde se formou, como eram? Como é? Isso fez diferença na sua história? Do que você se lembra? Já ponderou sobre a voz nesse contexto?

c. AGORA SOU PROFESSOR!

Em muitos momentos desse trabalho, foram feitas referências sobre situações e julgamentos relacionados a professores que, de maneira significativa, contribuíram para o preenchimento numérico (notas no boletim escolar) e qualitativo do histórico escolar de cada um. Enquanto se é aluno, é fácil criticar o professor, mas quando se muda de lado, assumindo essa responsabilidade diante de outros alunos, é preciso olhar para a própria atuação e avaliar posturas e condutas, sempre que possível. Você já se percebeu agindo igual àquele professor que elogiava? Ou será que repete aquilo que tanto criticou?!

No caso do questionamento sobre hoje estar na posição de professor, a resposta mais objetiva foi de E3, que propõe junto aos alunos, a discussão da natureza do conhecimento a partir de textos e leituras, acreditando minimamente contribuir com as mudanças de enfoque dos futuros professores. Inclusive relatou auto-avaliar sua prática.

“(...) Eu sempre tento fazer uma avaliação depois, do que foi trabalhado e tal. Mais uma avaliação do meu trabalho e não tanto dos conhecimentos delas e sempre acaba vindo essas coisas assim, essa concepção de ciência como uma construção. Dessa quebra de mudanças de concepções ao longo da história é que acho que isso eu pelo menos tento e acho que, eu espero que quando elas forem trabalhar ou eles, os alunos de modo geral forem trabalhar Ciências ou Biologia nas salas de aula, eles tenham essa concepção por trás daquele conhecimento que eles estão trabalhando ali com os alunos, até mesmo pára selecionar coisas e o modo como eles vão estar trabalhando com esse conhecimento em sala de aula”. [E3]

Num sentido bastante semelhante, E2 explicou que, atuando com intervenções no Ensino Médio, também propõem mudanças para os futuros professores. Esse aspecto é interessante para ser analisado, pois embora não tenha afirmado literalmente, sua atuação como “ponte” entre universidade e o Ensino Médio é como um resgate daquele momento de sua formação, em que participava como estagiária desse processo. Após concluir o doutorado, retomou o antigo projeto. Poderia-se dizer que aquele antigo professor e seu projeto foram uma semente que agora oferece novos frutos.

“(...) e eu trabalhava com um professor que fazia o elo entre a universidade e o colégio, no ensino médio, ele ia lá e levava a gente como eu era estagiária, monitora, sei lá... então ia ajudar ele no colégio e tal,(...)” [E2]

“(...) hoje eu fiz o meu doutorado em físico-química-orgânica e agora eu estou, depois que eu terminei o curso, eu voltei fazendo esse elo entre a universidade e o ensino médio”. [E2]

“(...), mas a gente trabalha esse tipo de transposição como fazer agora no ensino médio, e então no curso de licenciatura hoje está muito pouco ainda, trabalhado. Vamos dizer que a gente planta uma semente ali, para o professor tentar ser diferente no futuro. (...)” [E2]

Tanto no caso de E3 como no de E2, evidencia-se a preocupação com a formação dos futuros professores, respectivamente tanto pela diferença de atuação em relação à própria formação, quanto pela utilização de propostas consideradas efetivas para alcançar as mudanças desejadas. A questão da formação dos entrevistados apareceu claramente na resposta de E1. Embora não tenha respondido diretamente sobre a inversão de papéis, nas entrelinhas e na seqüência da entrevista pode-se perceber que é como se hoje ele buscasse reviver aquele ambiente onde estudou com seus próprios alunos.

“(...) e eu acredito que na época, no contexto, no grupo em que vivemos, a escola que fizemos, a escola básica que nós fizemos, deu um conjunto de indicadores não tão prescritivos, não tão receita, para todo mundo trilhar algum caminho. (...) já passando para a graduação, a minha escola era muito estimulante, era uma escola rica, a verdade é essa. A escola (...) que tinha tudo, inclusive professores muito bem formados, gente já com doutorado no exterior, enfim, era uma autêntica universidade” [E1].

Para responder à mesma questão, quanto a estar hoje exercendo a função docente, tendo passado pela posição de aluno, E4 apontou questões relativas à educação de maneira geral, quanto à “receitas” não dadas e à oferta de mercado, sem referir-se pontualmente à sua prática.

“(...) você já vê gente bem mais aberta, gente procurando as coisas só que é como eu disse assim, a educação esta muito desestruturada, então tem poucas certezas, e isso para quem esta em formação é a pior coisa (...). Ninguém lhe diz assim, faz isso que eu tenho certeza que dá certo, não, não dá certo, olha eu tentei isso e deu mais ou menos certo aqui, e mais ou menos errado aqui, (...) aí para quem esta em formação é muito complicado, é muito difícil entrar no mercado de trabalho, e aí você encontra (...) uma escola que diz não, aqui é proibido fazer prova, você só pode avaliar o aluno por trabalhinho, aí o outro diz o contrário, aqui você tem que fazer prova bimestral, todas as provas... e às vezes o cara está trabalhando nas duas escolas ao mesmo tempo (...)” [E4]

A preocupação dessa entrevistada é relevante, pois ao professor cabe o discernimento e a flexibilidade suficientes para atender às necessidades da instituição em que trabalha, e garantir qualidade de ensino aos seus alunos. Muitas vezes, as propostas educacionais inovadoras lhe exigirão a superação de obstáculos e desafios. A estabilidade financeira é apenas um deles, e coloca ao professor a necessidade de manter mais de um local de trabalho, lidando assim com as divergências entre instituições e sua própria identidade profissional.

5.2.2 Entendimento sobre o trabalho com o conhecimento (Bloco 2)

Quadro 07 – Entendimento sobre o trabalho com o conhecimento

C.	Categoria de análise /Entrevistados	E1	E2	E3	E4
a	CONHECIMENTO É...	- Passado de maneira restritiva, reducionista, enviesada	- Proporcionar ao aluno entender a relação entre conteúdos disciplinares e seu cotidiano;	- É troca, o professor também aprende; - É um processo inacabado, dinâmico, há mudança de paradigma;	- É importante compreendê-lo historicamente, de onde veio, como surgiu, seu processo, papel no mundo;
b	A ESTRUTURA DAS MINHAS AULAS	- Não é totalmente expositiva; -Fala: veículo determinante; - Utilização de recursos audiovisuais;	- Não referiu;	- Diferente de sua formação; - Ampliar fontes de conhecimento; - Proporcionar leituras, discussões, escrita, trabalho em grupo; - Utilização de recursos audiovisuais;	- Não referiu;
c	O QUE EU MUDARIA NA LICENCIATURA	- Luta de denúncia e proposição; - Ciência e Tecnologia, instrumento poderoso!	- Alfabetização Científica e Tecnológica; - Divulgar a Ciência - Rever sua formação; - Mudar forma de trabalhar, chega de decorar regras, tabelas... - Vincular conhecimento ao cotidiano, elo para cativar alunos;	- Contato antecipado com a escola; - Propor discussões epistemológicas; - Esclarecer o conceito de pesquisa em educação;	- Contato antecipado com a escola; - Inverter etapas entre teoria e prática; - Assumir-se como Licenciatura; - Por que aprender (motivação);

Este bloco sumariza os dados a respeito da discussão sobre o trabalho com o conhecimento, uma fundamentação teórica indispensável dentro da perspectiva desse

estudo, que quer colocar o surgimento de evidências quanto à noção da natureza do conhecimento, impregnada na ação do professor, também pela sua voz.

Teve por objetivo então, conhecer, mesmo que preliminarmente, a forma de trabalho assumida pelo mesmo em relação aos conhecimentos científicos. Embora não tenham sido feitos registros concretos da prática de sala de aula de cada entrevistado, em suas respostas perceberam-se indícios de uma atuação relacionada à construção de conhecimentos.

Este momento das entrevistas foi o que mais exigiu dos professores responder, ao contrário do esperado, de que seria mais difícil falar sobre voz. Houve dúvidas quanto à pergunta colocada pela entrevistadora e assim, a necessidade de esclarecimentos sobre a mesma.

Segundo Becker (1993) é freqüente a estranheza do professor quando lhe são formuladas perguntas sobre conhecimento, embora seja este, inerente a sua rotina de ensino, poucas vezes propõe-se a esta reflexão. Por outro lado, é interessante refletir também pela função de elaborar perguntas, seja como pesquisador ou mesmo professor. É preciso ter consciência de que reformular uma pergunta feita ao interlocutor exige a recolocação das palavras, mantendo-se o sentido pretendido, sem oferecer a resposta pronta ou explícita demais, afinal o que se pretende, em relação à construção de conhecimento é gerar dúvida, conflito, desafio, sem indução.

a. CONHECIMENTO É...

Com relação a este questionamento, sobre o que é esse conhecimento com o qual se trabalha na sala de aula, houve por parte de E1 e E3 referências à concepção de ciência; quanto a E4, referiu a importância do resgate histórico dos conceitos ensinados; já E2 comentou sobre a necessidade de tornar os conteúdos disciplinares, mais atraentes ao aluno, associando-os ao seu cotidiano. Alguns trechos foram selecionados para exemplificar.

É bastante interessante o comentário de E1, sobre o importante papel das questões relativas à Ciência e Tecnologia no processo ensino-aprendizagem, discussões que em muitos momentos são deixadas de lado e que, no entanto,

constituem-se em uma maneira de introduzir no aluno a noção de responsabilidade social, entre outros aspectos.

“(…). Passado de uma maneira restritiva, reducionista, enviesada e determinada pelo êxito e os condicionantes de contexto, a construção sócio-histórica da ciência e da tecnologia, são ou minimizadas ou simplesmente desprezadas, (...). A gente luta um bocado para que esse conhecimento seja apresentado de maneira menos restrita, menos ligada aos indicadores de formação e padronização de comportamento, a gente vai pela crítica, pelo exercício e pela criatividade desse conhecimento. O que não muda muito, é que existem também índices de êxito em certas atividades da educação tradicional. Então eu não sou daqueles que defende que tudo deve ser alterado, profundamente modificado. Então um dos pontos que o pessoal da área tem claro, é que embora o conhecimento da ciência e da tecnologia, não seja melhor do que os outros, ele é muito mais poderoso que outros, e a gente precisava trabalhar isso com os alunos. (...) Então acho que os professores da área têm obrigação de investir muito mais, socializar esse conhecimento, de uma maneira mais oxigenada, mais acessível não só pelo poder que ele encerra, mas pela beleza, pela contribuição que ele vem dando na história, para o bem, para o mal.[E1]

Complementando o entendimento de E1 de que o conhecimento é trabalhado de forma reducionista e restritiva, E3 manifestou-se também neste sentido:

“(…). Então qualquer conhecimento é um processo, eu acho que ele nunca está acabado, pronto, é um processo de construção contínua, é possível que ele seja superado em alguns momentos, alguns conhecimentos sejam superados. Eu penso na Biologia, que em vários momentos vieram contribuições e que as concepções que se tinham em determinado momento foram superadas algumas mudanças de paradigmas, segundo Thomas Kuhn, mas que sempre é um processo e é o contrário do que a gente vê na escola, aquela coisa pronta acabada. O conhecimento eu acho que não é só em ciências, mas o conhecimento em história, em geografia, e em qualquer outra disciplina a gente acaba vendo como uma coisa que está ali estática, sempre esteve ali, está pronto, está posto e foi desenvolvido por determinadas pessoas gênios na ciência. Ou grandes iluminados ou revolucionários na história, mas isso não é uma coisa tão estática, o conhecimento é uma coisa dinâmica.” [E3]

A entrevistada abordou a noção de um conhecimento vivo construído por muitas pessoas, em épocas distintas e nem sempre lineares, abrindo a perspectiva de não concordância com as práticas escolares. Deixando clara sua concepção de ciência, ela também traz à discussão o fato de que concluir a graduação não significa encerrar o “ser professor”. Isto também não é um processo acabado e estático. Estar e atuar em sala de aula é um momento para troca de conhecimentos.

“(…) a gente se constrói como professor e para isso não bastam às disciplinas específicas.” [E3]

“(…) também dou aula para pessoas que tem às vezes o dobro da minha idade, mas é uma questão de postura mesmo quando eu estou ali, eu sou professora, e não que eu tenha uma coisa de autoridade, eu sei, eu estou ali para trocar, eu sei que às vezes existem outras leituras que eu não tenho, e a gente sempre acaba aprendendo com os alunos também.” [E3]

Na resposta de E2, é possível identificar uma nova contribuição para sair da rotina dos conteúdos disciplinares, “conquistar” o interesse do aluno e contribuir para a possibilidade de uma atuação futura diferenciada: utilizar como subsídio para o processo ensino-aprendizagem o dia-a-dia do aluno, atribuindo-lhe um papel sócio-histórico.

“(...) e daí agora o quê que se quer, um professor de química que faça diferente, professor de todas as áreas, que a aula que o professor faça partindo do cotidiano dele e construa, caminhe o aluno na construção do conhecimento. De que o professor mais ou menos inverta o processo que ele aprendeu, por isso é difícil, não que a metodologia seja difícil, que se quer, é porque o professor foi formado...” [E2]

E ainda,

“(...) eles montam projetos de ensino, eles montam projetos para ensinar química, na verdade é um projeto interdisciplinar para, que cabe ser colocado, trabalhado num colégio nas diferentes disciplinas, em todas as disciplinas na verdade do colégio, e exploram um tema social. A turma desse semestre está trabalhando com águas, então através do tema água, eles têm que montar um projeto interdisciplinar e sugerir o quê que o professor de português vai trabalhar, o quê que o de geografia, o quê que o de história e a turma, daí eles tem que pegar uma parte e simular, desenvolver o projeto na parte de química, às outras a gente não desenvolve porque não dá tempo também. Esse é o trabalho que a gente faz ali, o quê de química pode ser trabalhado com o tema água. (...)” [E2]

O fato de proporcionar a vivência de experiências práticas diferenciadas, ainda na graduação, seguramente facilitará a adoção de estratégias inovadoras por parte dos futuros professores. Não basta só conhecer a teoria, é preciso saber como colocá-la na ação.

E4 sugeriu, em sua resposta, que o aluno saiba para quê e por que está tendo que estudar esse ou aquele conceito, e expressa ainda a preocupação voltada para o social, acrescentando que considera relevante que o aluno compreenda de onde veio o conhecimento a ser estudado, percebendo-o num contexto e como parte de um processo construído pela humanidade.

“(...) você vai ensinar lá derivadas, e o cara tem que entender derivada não é para ser engenheiro para calcular a derivada de uma determinada curva sei lá do que, para descrever um movimento de alguma coisa, ele tem que compreender na história o quê que aquele conhecimento serviu, de onde é que ele veio, e não de onde é que ele veio não é o fulano que inventou mas, qual é o processo que estava se dando para fazer o fulano inventar e para quê que aquilo foi sendo usado

na história, como é que aquele conhecimento se estruturou, até as picuinhas que existiam em torno daquilo, e daí então, e aí perceber a abordagem que isso pode ter, (...)" [E4]

E também,

"(...) a gente que vai trabalhar com quem vai trabalhar nisso então, precisa mais ainda ter essa visão, esse conhecimento se localiza onde no mundo, para quê que ele existe, para que ele serve, então ele tem - eu sou defensora de uma corrente pedagógica que tem, a corrente pedagógica chama pedagogia histórico-crítica (...) não é a educação que muda o mundo, é o mundo mudando que muda a educação que muda o mundo e dialeticamente então, esse papel do conhecimento matemático, dialeticamente colocado nas sociedades onde ele foi criado e era esse conhecimento que a gente tinha que ter e além disso, se você está trabalhando com formação geral tem que lembrar que o cara que está a sua frente, o aluno, ele , o aprendiz, que é o nome que eu gosto mais, ele não, bom ele está ali meio que obrigado sempre, e em alguma hora aquela é sempre a obrigação dele, (...)" [E4]

A idéia de que o aprendiz está na sala de aula por obrigação deve ser levada em conta pelos professores, que devem buscar em suas aulas estratégias que atraiam e cativem seus ouvintes. Na sua opinião, a voz poderia contribuir nesse sentido? Pense. Vamos adiante...

b. A ESTRUTURA DAS MINHAS AULAS

Ao falarem sobre o entendimento que têm a respeito do trabalho com o conhecimento, E1 e E3 comentaram livremente (não lhes foi perguntado diretamente) a respeito da organização de suas aulas, complementando os indícios relacionados à sua forma de perceber e trabalhar os conteúdos/disciplinas. Neste quesito, não foram registradas contribuições de E2 e E4 em nenhum momento da entrevista.

No caso de E1, sobre a estrutura de suas aulas, essa informação foi registrada a partir da pergunta sobre a possibilidade de relacionar conhecimento, professor e voz. Talvez até, por essa razão, ele tenha mencionado a fala (uso da voz) como um recurso importante em sua prática docente.

"(...) nunca dei aula totalmente expositiva, sem dar uma chance para os alunos, pelo menos aqueles interessados, sempre procurei usar algum recurso audiovisual, tudo,(...) mas a gente sabe que numa exposição, a fala é um veículo determinante." [E1]

Durante a entrevista, E3 relatou alguns aspectos relativos à organização de suas aulas. Suas respostas trouxeram características de sua atuação docente, primeiro

quando se abordou a questão da inversão de papéis (aluno-professor) e novamente quando o tema era o entendimento sobre conhecimento.

“Coisas que eu procuro não repetir na minha atuação, é ficar muito no tradicional, principalmente quando você vai trabalhar com ensino básico, não ficar atrelado ao livro didático, trabalhar outras coisas, levar outras coisas, levar outras questões para a sala de aula, tentar fazer uma coisa mais dinâmica, porque o meu ensino foi assim, então o modelo que eu tive foi assim, então o modelo que eu tive de professores e de aula eu tento não repetir porque foi bastante complicado.(...)” [E3]

Neste trecho, surge a questão da intenção de ser um professor diferente daquele que teve durante sua graduação, o desejo de ser inovadora e não apenas repetir padrões. E a seguir, talvez que uma comprovação de que já são efetivas as mudanças de postura questionadas:

“Ah, para sistematizar a gente tenta organizar algumas pessoas responsáveis pela síntese do texto que vai ser trabalhado na aula, e cada um dos outros colegas tem que trazer algumas questões sobre o texto além de fazer também a sua própria síntese escrita. E a dinâmica da aula, segue assim, primeiro momento os alunos, aqui da UFSC, é o que eu estou falando, os alunos responsáveis fazem essa síntese, são duplas ou trios e vão colocando questões, alguns dos outros colegas vão respondendo essas questões, colocando novas questões para a gente discutir e vai se gerando todo um processo de discussão em sala de aula em cima desse texto, e o meu papel estar guiando a discussão”.[E3]

Essas possibilidades de trabalho são importantes para que os futuros professores estejam justamente exercitando sua maneira de apresentar e propor a discussão dos assuntos pertinentes, tanto pelas leituras, como pela escrita, e também debate em grupos. Tais estratégias desenvolvem a reflexão, a elaboração e o pensar com criticidade, pelas ações e interações vividas.

Houve ainda um terceiro momento, quase ao término da entrevista, quando foi perguntado a E3 se teria algum outro tipo de recurso que utiliza, em termos tecnológicos, e ela respondeu:

“Sim, em alguns momentos a gente faz uso de data show, retro projetor, filmes, (...), eu trabalho alguns filmes com eles também, tanto na Biologia quanto na Pedagogia, alguns outros instrumentos e outras metodologias”.[E3]

Pensando na voz com recurso didático, inicialmente a estrutura das aulas caberia ao bloco 3, porém após a realização das entrevistas e sua “leitura” percebeu-

se que contribuiria para a visualização da noção da natureza do conhecimento do entrevistado, complementando as análises e as interpretações.

c. O QUE EU MUDARIA NA LICENCIATURA

Tendo uma noção dos conceitos que esses professores têm sobre o conhecimento com o qual lidam diariamente, compreendendo alguns detalhes de sua prática, conhecendo algo sobre a estrutura de suas aulas, na amostra coletada, foi possível perceber um fazer docente diferenciado, dentro da perspectiva de construção de conhecimentos.

Oportunizar que falassem sobre o que fariam de diferente nos cursos de Licenciatura, propiciou confirmar essa constatação (de um fazer docente diferenciado), ao mesmo tempo em que permitiu a percepção de que estes professores já iniciaram o processo de mudança (mesmo que em pequena proporção) para colocar em prática suas idéias.

“(...) mas a gente tem uma luta, já de pelo menos trinta anos, não só de denuncia, mas de proposição, em tornar esse conhecimento, que é sempre vivo, é desafiante torná-lo mais humano, mais acessível, principalmente para aqueles que não fazem as carreiras, para os que fazem também.(...)” [E1]

“Então, o que precisa hoje estar sendo trabalhado, é que o professor consiga abordar conteúdos disciplinares que tem a ver com o cotidiano, fazer com que o aluno a partir daquilo, ele consiga entender o cotidiano, ou até o contrário, a partir do cotidiano, ele entender então, fazer todo um trabalho até chegar aos conteúdos disciplinares. O professor fazer esse elo, entre o cotidiano do aluno e a abordagem de conteúdos disciplinares, que é algo assim, bastante complicado para o professor, porque o professor não tem essa formação. Ele estudou quantos anos, desde o prezinho até chegar a terminar uma graduação, e na verdade ele não viu a química dessa forma, do cotidiano para o teórico, ele vê o contrário, ele vê o teórico todo, o conteúdo,(...)” [E2]

Essa proposta de E2 para o curso de Licenciatura é atualmente o foco principal de seu trabalho, uma vez que tem um ambiente montado para visitação, onde o conhecimento de sua área é apresentado através de um tema do cotidiano. Outra ação praticada por essa professora é com relação ao trabalhar com projetos, abordando temas sociais (ver item 5.2.2 a):

“Está tudo ligado com o curso que você faz aqui, com a alfabetização científica e tecnológica do aluno. Hoje o professor, hoje não, já faz tempo que o professor é cobrado, por exemplo, de química, ele não chegue lá na sala e dê a aula no ensino tradicional, aquela coisa cheia de regrinhas, tabelas,(...) quando o professor ainda vai atrás, ele ainda dá uns exemplos do cotidiano, ele enriquece a aula dele com exemplos do cotidiano, então o licenciando, (...) ele

precisa trabalhar se ele quer cativar o aluno, se ele quer realmente que o aluno se interesse pela aula, ele precisa então fazer esse elo, buscar isso, se ele não teve a formação tem que partir de agora e fazer, fazer esse elo, sair do cotidiano do aluno, e fazer com que o aluno trabalhe então os conteúdos. E essa busca a gente tem que fazer. Não sei. Tem vários caminhos, várias propostas.” [E2]

Um outro aspecto que foi citado por E3 e E4, em relação à Licenciatura, é a necessidade de um contato antecipado com a estrutura escolar, e não apenas ao final do curso no período de estágio curricular. No caso específico de E3, sua sugestão deve ser baseada em sua própria experiência (relatada no item 5.2.1 b).

“(…) conhecer uma escola o quê que é uma escola, como ela funciona, o quê é que você faz quais os instrumentos que você tem para trabalhar (...). Então, precisava inverter a lógica ao invés de você ter um monte de conhecimento teórico puro e depois ter os conhecimentos práticos da formação profissional, você precisava conhecer o lugar que é o seu objetivo final de trabalho, conhecer uma escola, saber como é que ela é, e aí ir estudando a teoria que vai responder às questões que você tem quando você se depara com a realidade, porque daí a teoria vai fazer sentido, tanto a matemática quanto as pedagogia toda, e tanto os instrumentos então mesmo dessa história da voz, (...).porque daí a teoria toda fazia mais sentido, era uma coisa interessante, mas nunca vi um curso de licenciatura que fizesse isso, por incrível que pareça, nem de pedagogia, por mais incrível ainda que pareça.” [E4]

“Com certeza, o contato das pessoas que estão na licenciatura, muito antes com a escola, que essa já é proposta que está sendo feita agora, pelo governo, pelas legislações mais atuais e que isso não se dê só no final do curso, e mais discussões de cunho mais epistemológicos, sobre a natureza do conhecimento, sobre educação, processos de ensino-aprendizagem, que não sejam só, as pessoas acabam tendo que ir para escola e acham que pesquisar em educação ou alguma coisa em educação, é coisa só de metodologias. É levar uma metodologia nova para a sala de aula, como eu vou trabalhar tal conteúdo com meu aluno. Mas não é só isso, (...)” [E3]

Além da experiência de estágio extracurricular, E3 sugere mais discussões epistemológicas, e novamente em seu relato fica visível ser essa uma intenção já posta em prática, e que faz diferença para a formação dos futuros docentes.

“(…) e eu fico várias semanas trabalhando textos, leituras, que tentem mudar um pouco a concepção de senso comum que se tem de ciências, principalmente por que é bem comum isso de achar que foi construído, que na data tal, tal pessoa descobriu tal coisa, e é isso que é passado para as pessoas e isso acaba ficando. Então eu tento desconstruir um pouco isso e mostrar uma visão um pouco mais crítica com relação à construção do conhecimento e eu acho que eu consigo fazer assim minimamente.(...)” [E3]

E3, E4 e também E2 explicam, durante suas entrevistas, como acontece a decisão dos alunos entre serem Bacharéis e/ou Licenciados. E então, apontam que um problema significativo é que muitos daqueles que estão por terminar ou se formam no

Bacharelado, retornam e apenas cumprem algumas disciplinas, para terem também o título de Licenciatura. Ou seja, não há ainda uma estrutura curricular totalmente voltada aos aspectos ligados à educação e que, de certa forma exijam esse entendimento educacional por parte dos licenciandos. Veja a opinião de E4:

“A primeira coisa que falta, é o curso de matemática de licenciatura descobrir que ele é um curso de matemática de licenciatura,(...) tem uma visão de que você está formando um matemático que pode dar aula, e não um professor de matemática, quer dizer, o foco do trabalho é que o cara tenha bastante conhecimento matemático e uma idéia de como é que é uma sala de aula,(...) “ [E4]

E a posição de E3:

“(...) e muitos cursos de licenciatura como o meu, são bacharelados disfarçados, então, da minha turma de graduação que é Licenciatura em Ciências Biológicas, dos trinta e um colegas que se formaram comigo, vinte e tanto foram para o mestrado, e só eu fui para a educação, todos foram fazer pesquisa em áreas específicas então isso eu sei que não é um problema só do meu curso eu vejo isso nos outros cursos de licenciatura da UFSC também. Então, isso é uma coisa que as pessoas que acabam caminhando depois para essa área, percebem que isso não é propagado. Muitas pessoas saem do curso de graduação sem saber que existe pesquisa em educação, e depois acabam dando aula, e o problema é que eles acabam encarando a formação e a questão da profissionalização mesmo, não se vendo como profissionais, a licenciatura é só uma coisa a mais e se eles não conseguirem emprego como biólogo, como químico, físico, eles podem ir para a escola e dar aula. Então eles não vêem uma necessidade formativa, esse profissional qualquer um pode ser professor, isso é um problema bem sério, que deveria ser muito mais discutido e acho que ajudaria muito mais as pessoas que estão nos cursos a se enxergarem como professores e professoras”.[E3]

Por outro lado, E2 comenta que já existe proposta de mudança, e uma cobrança por parte do Ministério da Educação e Cultura, nesse sentido. (ver capítulo 1).

“(...) é uma cobrança que o MEC tem para todos os cursos, uma reformulação dos cursos, e dos cursos de licenciatura dando ênfase para isso, então que o licenciando seja formado para dar aula desde o início do curso, nas fases iniciais”.[E2]

E4 aponta o fator motivação como uma necessidade urgente. Poderia se dizer que, além de levar o aluno a compreender o porquê desse ou daquele conhecimento, esse seria um aspecto no qual também a voz oferece suas contribuições (ver no próximo item 5.2.3).

“(...) você tem que mostrar para ele sempre o porque dele aprender aquele conhecimento, porque não é porque você vai amanhã na feira fazer compras só, é porque você precisa perceber as relações do mundo e para entender, para ver jornal, para não sei o quê, você tem que ter esses conhecimentos, e isso não tem e além disso você tem que motivar o cara, você tem que perceber a questão psicológica, como é que ele está se colocando ali, você tem que motivar ele de várias formas, tem que utilizar de brincadeiras, de coerção, de várias coisas diferentes para poder conseguir uma produção. Então isso é uma coisa que a gente não trabalha, trabalha muito superficialmente, no curso de matemática (...) precisava que o curso inteiro estivesse discutindo esses dois aspectos, o conhecimento em si e o conhecimento se relacionando com o aluno, e você mediante isso, então é isso que falta eu acho (...)” [E4]

Mas e então, gostou das sugestões quanto as Licenciaturas? Teria algo a acrescentar? De que maneira você motiva seus alunos ou o que lhe motiva a aprender?

5.2.3 Percepções do professor sobre a voz (Bloco 3)

Este bloco se propôs a registrar as percepções do professor de maneira mais específica, quanto ao uso da voz e sua relação com o processo ensino-aprendizagem. Os dados foram distribuídos em cinco quadros-resumo (08 a 12).

No Quadro 08 (célula a) estão reunidos os dados comentados pelos professores em relação ao que consideram como funções para a voz; a utilização dos recursos vocais; a interferência das emoções, dos ambientes e condições de trabalho inadequadas para produção vocal; e ao papel da voz na organização, manejo, comunicação e interação na sala de aula.

a. FUNÇÕES DA VOZ NO PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM

Quadro 08 - Percepções sobre a voz [1]

C.	Categoria de análise /Entrevistados	E1	E2	E3	E4	
a	FUNÇÕES DA VOZ NO PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM	1. Ato meramente laríngeo	-	- tem que cuidar da parte física do aparelho respiratório	- nunca havia pensado no assunto, é muito naturalizado;	-
		2. Mediadora das relações sociais	- fala tem sua função social; (regionalismos / padrão)	-	- permite interações; - é comunicação (fala)	- permite interações; - é comunicação (fala)
		3. Reveladora de afetividade	-recursos vocais (ênfase, qualidade vocal) - relação com emoções; - vícios de fala causam impactos negativos	- recursos vocais (entonação); - relação com emoções; - aluno percebe se professor está nervoso, estressado;	- recursos vocais (entonação); - relação com emoções; (voz trêmula)	- recursos vocais (altura vocal); - relação com emoções; (ansiedade)
		4. Coadjuvante na disciplina	- atrai atenção, concentração/ dispersão;	- chamar atenção do aluno; -passa segurança, respeito (disciplina);	- tem relação com a organização da sala de aula (manejo, disciplina); - chamar atenção do aluno;	- tem relação com a organização da sala de aula (manejo, disciplina);
		5. Instrumento de trabalho/ ensino	- instrumento dado, não se questiona;	- deveria ser incluída como mais um instrumento de ensino	- é o principal instrumento do professor;	- é um dos instrumentos para o trabalho (há outros instrumentos);
		6. Delatora do ambiente e das condições de trabalho	- excesso de alunos; - ambiente inadequado; - não uso de microfone; - aula faixa e expositiva;	- presença de ruído interno atrapalha;	-	-
		7. Indicadora da concepção de ciência/ natureza do conhecimento	- autoridade, submissão, inferioridade, exercício de poder, manipulação;	- motivação;	- ironia, provocação	-

No desenvolvimento teórico desse estudo (Capítulo 2) foram descritas as funções para a voz sendo que na análise, ficou evidente a circulação das mesmas nos depoimentos dos professores.

Quanto ao fato da voz ter sua caracterização principal como um ato mecânico da laringe, pela passagem de ar e vibração das pregas vocais, apenas E3 manifestou-se, afirmando que o uso vocal é algo muito naturalizado entre as pessoas. E2 também comentou, de maneira mais indireta.

“ (...) A gente não pára para pensar porque é uma coisa tão naturalizada que você usa esse instrumento para se comunicar como o mundo desde a hora que você começa a falar lá com; que é criança e você não para muito para pensar na importância que isso tem (...).” [E3]

“(...). Então são duas coisas muito importantes, uma é cuidar da parte física do aparelho, respiração, como é que isso tudo funciona apresentando desgaste futuro, e outra é a importância da voz mesmo na hora, quando ele está dando a aula dele”. [E2]

Em relação ao papel da voz como mediadora das relações sociais, E1 menciona a questão do trabalho e a preparação vocal para o exercício de certas profissões:

“(...) existe uma função social da fala, há aqueles que podem ser locutores e aqueles que não podem, então, por exemplo, os microfones são destinados, os profissionais da fala além de ter uma voz considerada bonita, eles têm treinamento para falar (...).” [E1]

Enquanto que E3 e E4 referem-se ao fato de que a voz é comunicação e associam a fala, como algo que liga as pessoas, ou seja, que favorece interações, no caso específico, as pedagógicas. Sobre o assunto E2 não opina.

“(...). Mas a voz é principal instrumento do professor, é a comunicação que ele vai ter com o aluno o tempo inteiro. O professor está o tempo inteiro falando, usando esse instrumento em sala de aula, então é fundamental, é o principal de todos eles.” [E3]

“(...) você vai interagir com seus alunos e você vai interagir por meio da fala, principalmente nas aulas aqui da UFSC, que as aulas giram em torno de discussões sobre determinados textos, sobre questões que os alunos levam para a sala de aula, (...).” [E3]

“(...) e você se relaciona se comunicando, em geral a gente se comunica com a voz a menos que esteja usando alguma outra coisa então é isso que estava falando assim, como você vai se comunicar (...) quer dizer, você tem que estar sempre convencendo (...) a forma como você usa sua voz, e daí não só o conteúdo.” [E4]

No caso específico de E3, é interessante sua colocação no sentido de que já ao preencher o questionário (Etapa1), referiu nunca ter parado para pensar no assunto.

Causa a impressão de que ao falar sobre, e refletir a respeito, ampliou sua percepção sobre o assunto, quanto à questão das interações.

Por sua vez, E4 comenta também sobre o papel da voz pela comunicação, pelo uso da voz na relação com o aluno, apontando para o fato de perceber sua responsabilidade de convencê-lo a aprender. Ela pondera sobre a voz nessa situação, lembrando que o convencimento passa também pela afetividade e pelas emoções.

Assim sendo, considerando a voz como reveladora de afetividade, houve unanimidade a respeito do fato de que há uma relação direta desta com as emoções. Neste sentido, todos os entrevistados mencionam aspectos relativos aos parâmetros vocais: E1, E2 e E3 destacam detalhes referentes à entonação como parte essencial dessa função. E4 remete-se à questão da altura.

“(...) Mas os que se consideram normais, como o meu caso, a grande maioria que escolheu a carreira acho que usa desse recurso pobremente, poderia se aproveitar melhor dele na hora de uma ênfase, até de um falsete, porque afinal um pouquinho de humor também faz bem, sobretudo nas aulas expositivas e não fazemos isso. É tudo muito intuitivo, na base do chute, na base do acho que, dessa maneira da certo.” [E1]

“(...) tem muito aluno que se você for começar a perceber, ele fala, ah, deixei o professor nervoso, então o quê que ele percebe, que de repente o professor ficou com a voz mais trêmula, se ela está nervoso... e... igual você falou, tem ruído né, eu, por exemplo, eu acho que com o passar dos anos, eu não suporto aluno conversando na sala, (...)”.[E2]

“(...) se você chegar numa sala de aula, estressado, cheio de problemas, e chegar ali tudo, você vai ter uma entonação na voz diferente, isso aí vai repercutir no aluno direto. Então uma coisa que como professor assim, tem que cuidar muito é não misturar”.[E2]

“(...), mas a pessoa falando sempre naquele mesmo tom, de repente a aula dele foi super preparada e tudo, mas não cativa o aluno, não desperta no aluno aquela vontade de ouvir o professor falar. Então a entonação, em certos momentos é muito importante e é fundamental na aula do professor. Ou qualquer pessoa que vai dar uma palestra, ninguém vai ficar lá ouvindo uma pessoa falando morrendo no quadro. (...)” [E2]

“A entonação que você fala vai provocando uma reação no seu aluno e também uma emoção, ele vai estar se relacionando com aquilo de uma forma diferente, então se eu der uma aula usando sempre o mesmo tom de voz, acho que eles logo vão dormir, mas eu tento, mesmo que de modo inconsciente. (...)” [E3]

“(...) Porque tem os argumentos que você usa mais a forma sua postura, o seu corpo, a altura da sua voz, é, são fundamentais para fazer isso”.[E4]

E1 inclui-se como tendo uma voz normal, porém no questionário registrou sentir a voz com alteração, sua percepção sobre a própria voz é conflituosa e é provável, que tal aspecto não chegue a dificultar efetivamente seu trabalho. Também menciona

exemplos relacionados aos recursos vocais, e acrescenta um detalhe interessante sobre o cacoete do professor.

Refere-se aos vocábulos utilizados repetidamente, em geral para iniciar ou finalizar frases, tais como: *né, ta, daí, vejamos, na verdade*, entre outros. Esses vícios de fala, além de distraírem o aluno (que fica às vezes contando quantas vezes o professor vai dizê-los) causam impactos negativos aos ouvintes de um modo geral.

“(...) nós somos mais vítimas de gozação dos alunos, o cacoete que o professor tem ao falar, se a voz sai muito da média, para o grave ou para o agudo, ou se enfim, a pessoa não beira há um defeito de fala muito nasalada, por exemplo, e no caso de uma professora não apresentar um som muito agudo, eu acho que nós somos relativamente tolerados pelos alunos”. [E1]

Considero importante ressaltar, que todos os entrevistados, inclusive a própria pesquisadora, apresentaram esse comportamento, alguns mais fortemente como E4, E2 e E1.

Ainda com a finalidade de abordar a questão da relação entre emoções e voz, E3 comenta e auto-avalia momentos em que percebe sua voz trêmula, por estar mais nervosa, e E4 também reflete sobre sua ação e a uso da voz, quando esta muito ansiosa.

“(...) quando eu estou nervosa, em algum momento que você está mais tenso assim, que você tem que apresentar um seminário em alguma disciplina, e tal, e você percebe que a voz fica mais trêmula, ou mais fraca, você não tem muito controle disso. E eu tenho um problema, que quando eu fico nervosa, eu começo a engolir palavras, eu começo, a minha articulação para falar não é tão boa como quando eu estou calma. Isso em alguns momentos. Para dar aula é diferente porque daí como em sala de aula você assume um papel meio que de autoridade, você é o professor, então é um pouco diferente. Eu já percebo que quando eu estou trabalhando com os alunos eu tenho um tom um pouco mais elevado do que a minha voz normalmente. E, além disso, em outros momentos, quando eu estou animada para fazer alguma coisa, empolgada com alguma coisa, eu começo a falar alto, mais isso é coisa de italiano também. Começo a falar com a mão e a falar super alto”. [E3]

“(...) eu descobri quando eu comecei a dar aula para quem vai dar aula que daí eu comecei a perceber que as pessoas não sabem como usar e como hoje em dia a gente fica pedindo para o cara ser carpinteiro sem saber usar o serrote, assim. Ele toca esse trabalho na vida dele e ninguém nunca trata com ele como é que precisava trabalhar. Então essa para mim é uma questão que eu não tinha me dado conta, e quando eu me dei conta, com os meus alunos, eu me dei conta que eu não tinha trabalhado isso comigo também, e na realidade, até hoje eu ainda não fiz,(...) eu transmito muito ansiedade quando falo, isso é uma coisa que eu escrevi no questionário, e sinto que isso deixa minha aula toda ansiosa, muito agitada, que eu já vi pessoas que tem uma fala tranqüila (...) que é tranqüila sem ser monótona, (...) que é tranqüila e acaba passando essa tranqüilidade que os alunos ficam mais, acabam produzindo melhor, além disso eu já descobri que eu tenho problemas nas pregas e sei que a causa fundamental disso, sem dúvida nenhuma é o meu trabalho. Não só o meu trabalho como professora, porque eu também dedico muito tempo da minha vida fazendo política, que também o instrumento de

trabalho número um é a voz (...). Mas então também, eu gasto eu gasto muito a minha voz e até hoje não tenho uma; eu acho que tenho uma projeção de voz boa, é uma voz forte e tudo, mas justamente por isso eu abusei dela a vida inteira. E ela está reclamando porque ela está cada dia mais rouca, me doendo mais, enfim..." [E4]

"(...) uma tranqüilidade na voz, que eu queria aprender a fazer e até hoje não consegui, porque eu estava lhe falando, é muita ansiedade, eu não imagino que com a ansiedade que eu tenho, eu não posso dar aula para criança até uma certa idade, porque essa ansiedade toda, se já é um pré adolescente, ele já lida]melhor com isso, ele já esta mais centrado, ele mesmo controla as próprias emoções, então aquilo interfere nele mais não da mesma forma, mas eu se tivesse, imagina um bando de crianças de cinco anos na minha frente eu não sei o que ia acontecer porque essa coisa de eu falar muito, falar rápido, ... é falar muito, muito rápido e sempre, não sei dizer, é ansiedade e não tenho outro nome para dar, eu imagino que isso em crianças de cinco anos seria um desastre absoluto (...)" [E4]

As participantes evidenciam, com esses depoimentos, que falar sobre voz pode sim, como se previa para este trabalho, levar à auto-avaliação. Infelizmente não poderia dizer que, no caso de ambas, essa reflexão culmine em uma modificação da ação, porém, percebo que a proposta e sugestão de Dragone (2001) quanto ao ouvir o professor, pela e sobre sua voz, longe dos consultórios, pode ser um caminho inovador e de êxito, quando houver uma continuação e acompanhamento orientador para se chegar às mudanças de postura. É necessário 'falar sobre', para que o tema venha ao consciente.

Antes de realizar a pesquisa, considerava que a relação disciplina e voz seria o mais óbvio de todos os temas, para os professores. Contudo, embora isto tenha emergido durante as escutas, não surgiu prontamente como o esperado. Então, sobre o fato de a voz ser coadjuvante na disciplina, organização e manejo na sala de aula, este tema foi abordado mais especificamente por E4.

"(...) até porque já aconteceu daí eu como professora, de aluno (estagiário) estar lá na frente: - Gente vamos prestar atenção! E tinha 35 alunos de 5ª série na frente dela, nem o segundo ouviu, nem (...) aquela que estava na frente da professora, nem ela parava de fazer o que estava fazendo e daí de eu ter que levantar e dizer: - Por favor, prestem atenção! E aí todo mundo parava assim de uma vez, e aí a aluna ficava muito impressionada pensava: - Nossa, quando eu crescer quero ser que nem ela... mas nem era isso, era uma coisa de que no mínimo você tem que fazer a sua voz ser ouvida por 35 alunos de 10 anos, e os 35 alunos de 10 anos produzem um barulho, Nossa Senhora!" [E4]

Além disso, E1, E2 e também E3 trouxeram à tona a questão de que a voz é relevante no momento de chamar atenção do aluno para sua aula, ou como forma de quebrar a monotonia que, segundo eles por vezes se instala no desenvolvimento da aula. E2 ainda acrescentou, na argumentação sobre essa função, que pela voz passa-

se segurança ao abordar os conteúdos e determina-se o respeito do aluno em relação ao seu professor.

“(…) Eventualmente um professor ou professora com uma voz muito destacadamente boa pode, sabendo utilizá-la com a ênfase, timbre, a quebra de monotonia pode ter mais sucesso”.[E1]

“Então eu sei o que isso é importante e o que isso pode contribuir para você manter uma média de atenção e concentração dos alunos, ou de dispersão não é? (…)” [E1]

“Olha, eu acho que a forma como você fala, qualquer, chama a atenção do aluno, a entonação que você dá para sua voz ali, pode o aluno sentir assim de diferentes formas,(…) “ [E2]

“(…) por exemplo, eu acho que com o passar dos anos, eu não suporto aluno conversando na sala, eu posso, o aluno pode perguntar trinta vezes a mesma coisa, por isso que eu falei que eu sou calma aparentemente, que eu respondo, dou outro exemplo, tento fazer tudo que eu posso, não sou dez, mas eu tenho que fazer. Mas agora, se tem um grupinho de alunos conversando me tira do sério, então você pode na hora de chamar a atenção, o aluno ele percebe muito assim, se ele te atingiu, ou sabe... aluno é como filho, sabe muito bem, então assim, se o aluno fez alguma coisa, que te incomodou, de repente eu acho que só pela voz ele percebe, eu sinto que, com os anos de sala (…)” [E2]

“(…) ponto, então quando você chama atenção, a segurança com que você fala, se você chega para o aluno e falar para ele, sai da sala ou... quando você ... eu acho que a forma como você fala, tem muito a ver com o que o aluno vai... o respeito que o aluno tem pelo professor.” [E2]

“(…) assim, ver a importância do professor usando a voz, para aquele professor que fala, chega na sala e fala num tom, tudo num mesmo tom, do começo ao final da aula, não tem aluno que não durma.(.)”[E2]

“(…) você não pára muito para pensar na importância que isso tem (a voz), e dentro da sala de aula a importância que isso tem na relação entre professor e aluno, aluno e aluno, na organização da sala de aula, na relação que vai se estabelecer disso com o conhecimento na dinâmica mesmo, das aulas”.[E3]

No quesito sobre a voz ser um instrumento de trabalho do professor, ligado também ao processo educativo, todos os participantes concordaram divergindo apenas por detalhes, na sua argumentação: E1 afirma ser algo não questionado, E2 sugere que se acrescente esse recurso aos demais instrumentos de ensino, já E3 enfatiza ser o principal deles, enquanto E4 reforça ser a voz um dos muitos instrumentos viáveis.

“(…) a gente considera isso com um dado e não questiona o uso da voz. (…)” [E1]

“(…) e agora, você coloca a voz como mais um instrumento, como eles trabalham com isso eles tem que listar e trabalhar na sala com os vários instrumentos de ensino e as estratégias de ensino também”.[E2]

“(…) não basta você ter uma voz de locutor de rádio que você... lógico que tem que ter toda a preparação da aula, a voz seria um dos instrumentos que você está colocando ali, (…)” [E2]

“(...). Mas a voz é principal instrumento do professor, é a comunicação que ele vai ter com o aluno o tempo inteiro. O professor está o tempo inteiro falando, usando esse instrumento em sala de aula, então é fundamental, é o principal de todos eles.” [E3]

“A minha concepção sobre a importância da voz na aula e tal, apesar de achar que é importante, que é fundamental, é o principal instrumento, é de senso comum. Eu nunca parei para pensar muito sobre isso.” [E3]

(...) porque não é só a voz, a voz é um dos instrumentos que a gente tem para trabalhar e usa mal (...)” [E4]

“(...) se você tem um instrumento de trabalho você tem que usar ele, e o professor, a professora dá para dizer por que a maioria de nós somos mulheres, tem o que de instrumento de trabalho? O seu próprio corpo na verdade, e aí não só a voz, o corpo inteiro, porque a gente da aula com as mãos mais principalmente com a boca e com o que diz e sei lá eu, quadro e giz, computador, alguma outra coisa, livros, livro, livro e um pouco mais de livro se puder, mas a gente não tem muito, o instrumento de trabalho é a relação entre as pessoas e você se relaciona se comunicando, em geral a gente se comunica com a voz (...)” [E4]

Ao falar sobre o assunto E3 comenta nunca ter parado para pensar sobre a voz em sua atuação, concordando ser relevante. No mesmo sentido, E1 refere o não questionamento da voz como tal, pelo seu uso automatizado. E2 ainda pondera coerentemente, sobre a questão de a voz sozinha, não garantir o sucesso profissional.

Entre todos os entrevistados, E4 foi a única a perceber a voz como um recurso importante entre os demais, pela experiência de ter vivenciado sua voz falhar (ela apresenta problemas vocais). Foi a entrevistada que mais se aproximou da concepção de que, assim como o livro, o giz, o quadro e a voz também é um instrumento a serviço do ensino.

Nas falas de E1, E2 e E4, foram citados alguns fatores que remetem à análise das condições de trabalho. Com relação ao ambiente, por exemplo, foram mencionados os seguintes problemas: falar numa sala acusticamente ruim com excesso de alunos (E1, E4), de sessenta até cem no mesmo espaço físico, sem ter um microfone à disposição (E1), executar uma aula fixa na forma expositiva e manter a voz (E1), e ainda ter que competir com a presença de ruídos internos (E2). Acrescentaria ainda os ruídos externos, que dependendo do local, são muitos.

“(...) Como eu não trabalhei só em universidade pública, eu tenho um passado onde numa escola de engenharia as minhas turmas regulares nunca eram inferiores a quarenta alunos, às vezes era de oitenta, às vezes mais de cem, às vezes de auditório, sem microfonia.” [E1]

“ (...) acho que quem já deu aula faixa para mais de cem alunos sabe como é importante segurar a voz, e claro que não são digamos cem minutos de fala corrida, nunca dei aula totalmente expositiva, sem dar uma chance para os alunos, pelo menos aqueles interessados, sempre procurei usar algum recurso audiovisual, tudo, mas a gente sabe que numa exposição, a fala é um veículo determinante.” [E1]

Ter essa consciência, de que esses aspectos têm de fato relação com a voz é um passo importante para buscar soluções/alternativas, e também para reivindicar junto às instituições melhores condições de trabalho. Esta é uma questão que remete a garantir aos professores, qualidade de vida e condições mais dignas de trabalho. O professor deveria ter treinamento e orientação, realizar exames admissionais, periódicos e em certos casos demissionais, para conhecer sua situação vocal e reivindicar seus direitos enquanto cidadão.

Uma outra função, discutida no corpo desse trabalho, percebida nas falas dos entrevistados, foi com relação à voz poder ser indicadora da concepção de ciência e/ ou da natureza do conhecimento. Nesse sentido, E1 correlaciona o uso vocal a questões de autoridade, submissão, inferioridade, exercício de poder e manipulação; E2 aborda a motivação como outro aspecto, enquanto E3 remete-se a possibilidade de usar a voz para ironizar e provocar os alunos.

“Autoridade. Submissão. Inferioridade. Ou ao contrário, coronelato, a gente sabe como o coronel histórico usa esse recurso. Então seguramente a voz tem uma correlação forte como o exercício do poder. E no campo da justiça assim como no campo das opressões em geral, de um sujeito sobre outro, eu acredito que se ela não é estudada, ela deve ser estudada, como um instrumento de poder”.[E1]

“(…). Não há dúvida de que é indicador de êxito em várias carreiras e bem utilizada por aqueles que inclusive estão sempre pretendendo fazer algum tipo de manipulação, tipo o político (...).[E1]

“(…). Agora, pensando nisso, que eu nunca tinha parado para pensar, talvez a gente está dando uma aula e tenta mudar um pouco, fazer uma pergunta de um jeito um pouco mais com uma entonação de voz diferente, lançar umas questões assim com tom de ironia, até para provocar mesmo os alunos”.[E3]

“(…) não defendo nenhuma teoria nem nada, mas na verdade o treinamento que a gente faz, que eu faço com os alunos antes de começar, tem a ver, eu falo: olha gente vamos ficar no mínimo alegre para quando vem visita, esse alegre é contar mesmo o que eles estão falando ali motivados, mostrar motivação naquilo que eles estão falando. Tem a ver tudo com a voz”.[E2]

Aqui devem ser levados em conta: primeiro, os parâmetros vocais, pela sua utilização, uma vez que, como descrito no Capítulo 2 deste estudo, certos comportamentos vocais (entonação para interrogação, falar forte/gritar, conversa em tons agudos - humor, respiração tranqüila – pausas/silêncios, articulação adequada em

velocidade coerente, entre outros) poderiam evidenciar aspectos da prática do professor.

E segundo, a possibilidade de perceber, na utilização desses parâmetros, indícios de um ensino construtivista, pensando-se em posturas como, por exemplo: falar e saber escutar, oferecendo turnos de fala para o aluno, através, por exemplo, de uma entonação interrogativa seguida de pausa; ou ironizar uma afirmação com tom provocativo, para gerar conflito e discussão; demonstrar autoridade sem autoritarismo, acolhendo e valorizando as contribuições dos alunos, mesmo quando equivocados, sem mostrar superioridade por deter mais conhecimentos, é importante falar mais brando, num tom suave, com variação de entonação.

Aqui se relaciona também o quesito da afetividade, caracterizado por passar, através da voz, alegria, entusiasmo, cativando o aluno, prendendo sua atenção e motivando para o aprendizado, pois esses são pontos imprescindíveis para o sucesso escolar.

Ou ainda, no sentido da disciplina, manter a ordem e o respeito nas interações pedagógicas, evitando ser demasiadamente incisivo ou impositivo, propondo-se negociação ou outras medidas como silenciar, diante da agitação/conversa excessiva ou fazer um barulho forte para chamar atenção, sem gritar. A cultura do medo não constrói, não favorece a auto-estima, nem mesmo o estabelecimento de uma relação de segurança e confiança, especialmente do aluno em relação ao professor.

b. APROXIMAÇÕES ENTRE VOZ, PROFESSOR E CONHECIMENTO

Quadro 09 – Percepções sobre a voz [2]

C	Categoria de análise /Entrevistados	E1	E2	E3	E4
b	APROXIMAÇÕES ENTRE VOZ, PROFESSOR E CONHECIMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - reconhece que se tivesse ou buscasse informações, sua trajetória profissional poderia ser outra; - desvantagem para voz fora da média; 	<ul style="list-style-type: none"> - quando se ouve alguém se leva em conta um conjunto de situações, inclusive aspectos da voz; - pode-se aperfeiçoar o uso da voz para falar em público, não só para dar aula; - não basta só ter a voz boa/ só o conteúdo não basta; 	<ul style="list-style-type: none"> - interação com alunos e com o conhecimento (diálogo em sala de aula); - discutir durante a formação dos licenciandos - considerar também a voz dos alunos; - reavalia a atuação de professores que já teve; - interpretação dos ouvintes – compreensão dos conhecimentos 	<ul style="list-style-type: none"> - comunicação é parte do processo educacional; - construção de conceitos via interação e pelo uso da voz; - mesmo usando recursos audiovisuais ainda assim se usa a voz para explicações; - analogia sobre cuidado com a voz; - convencer o aluno, não basta só conteúdo e argumentos;

Ao serem questionados diretamente sobre a possibilidade de relacionar voz-professor-conhecimento confirmou-se a hipótese de que essa seja uma possibilidade real para direcionar gradativamente a atuação fonoaudiológica, nas interações pedagógicas.

Os trechos selecionados fornecem uma pequena amostra de que é viável e necessário estabelecer aproximações entre voz, professor e conhecimento, no sentido de buscar aperfeiçoar-se e aprimorarem-se essas conexões, quando o assunto remete ao processo ensino-aprendizagem, principalmente quanto ao êxito escolar.

Duas observações interessantes sobre os dados das quatro entrevistas, devem ser comentadas:

Primeiro, que houve dificuldade no entendimento do que se queria com a pergunta feita, (que o professor tentasse ponderar naquele momento sobre a tríade voz-professor-conhecimento). Apenas E2 e E4 responderam sem hesitar. Para E1 e E3, foi necessário reestruturar a pergunta e mencionar exemplos para facilitar a compreensão do questionamento.

O segundo aspecto curioso foi que todos fizeram apontamentos sobre essa categoria, mas cada entrevistado abordou um aspecto diferente, ao construir e verbalizar essas conexões. E1, por exemplo, em seu depoimento, reconheceu dois pontos importantes: que uma voz fora da média leva desvantagem e que poderia, ele próprio, ter buscado outras informações sobre a voz, as quais segundo ele poderiam, eventualmente, modificar sua carreira.

“(…), mas eu vejo que quem tinha uma voz, uma fala muito fora do esperado para a média dos ouvintes, leva desvantagem.” [E1]

“(…) Se eu tivesse tido acesso a uma cartilha que fosse, no início da carreira, ou com está aqui no seu questionário, se eu tivesse me interessado e buscado nas bibliotecas, minha trajetória poderia ter sido outra”. [E1]

Assim sendo, cabe lembrar o que já foi referido em outro momento deste estudo, quanto aos aspectos negativos de uma voz fora da média, para o ouvinte, que pode dispersar, não conseguir se concentrar, sentir sonolência, ficar irritado, entre outros comportamentos, seguramente não desejáveis por parte do professor. Aqui um detalhe

complementar é a percepção do professor sobre sua voz, se ele gosta ou não dela, pois, às vezes, o professor nem se dá conta de que sua voz está interferindo negativamente na aprendizagem do aluno, e então, não procurará ajuda espontaneamente.

Em muitas instituições, os professores são avaliados pelo aluno, que responde, por exemplo, um extenso questionário sobre o desempenho do docente naquele semestre. Este item, a voz do professor, deveria estar sempre incluído, no mínimo para reflexão e no máximo para a proposição de programas de saúde vocal para os professores. Algumas universidades³² já incluíram o tema voz na programação da educação continuada, abordando-se o viés ligado às questões de saúde/doença. Assim também o fazem algumas prefeituras³³, que oferecem esse tipo de informação/formação para seus prestadores de serviço, inclusive solicitando exames admissionais.

E2 comenta ainda que há um conjunto de situações implicadas durante o desenvolvimento de uma aula, que a voz sem conhecimento não é viável e vice-versa, e entre esses quesitos o professor pode trabalhar para conciliar mais voz e conhecimento.

“Olha, eu acho assim, que quando há, que uma pessoa que sabe dar entonação certa, no momento certo, da voz, chamando atenção para pontos durante a aula dele, ele mostra uma segurança no conhecimento que ele tem sobre o assunto. Por que assim, a gente ouvindo alguém falar, você fala, aquela pessoa falou bem, mais você levou em conta um conjunto de situações, levou em conta lógico o conhecimento, ele não vai falar lá nada, por isso que eu falei pode ter uma voz de locutor que não convence. De repente só no bom dia e depois acabou, né. Então tem todo um comprometimento, mas eu acho que isso aí, não é porque o professor não tem esse dom, já ter isso de falar, ele pode é trabalhar com isso, e preparar a aula dele em função de atingir isso, de fazer essa, conciliar a voz que é o instrumento, saber usar esse instrumento valioso que ele tem ali. Então se eu tenho a voz tudo no mesmo tom, esquece por que eu não vou nunca poder falar em público, por que não é só dar aula.” [E2]

“(…) mas se você quer ser um profissional, diferentes áreas, e quer ser um profissional, que passou do nível técnico, você tem que saber colocar suas idéias em algum momento, numa reunião, então tudo isso, se você vai numa reunião e fala num tom baixinho, só o conteúdo não basta.” [E2]

³² Aqui no Estado, é o caso, por exemplo, da UNIVALI e da Estácio de Sá – SC onde já se incluem discussões sobre a voz, sobretudo, é necessário ponderar que essas instituições têm no rol dos cursos oferecidos, o de Fonoaudiologia.

³³ No Estado, posso referir especificamente o trabalho da Prefeitura de São José, que capacita, orienta e oferece atendimento aos professores da rede municipal quanto a sua voz.

E2 também registra que o professor não pode pensar só no espaço de sala de aula. Argumenta que haverá outros momentos em que ele deverá aperfeiçoar sua produção vocal, para alcançar êxito.

Entrando numa outra questão, E3 considera a aproximação voz-professor-conhecimento pelas interações pedagógicas, em especial pelo diálogo entre professor e aluno, afirmando ser a voz um instrumento esquecido em muitas circunstâncias. Expressa preocupação em interagir com o conhecimento e de envolver o aluno nisso, usando-se a voz naturalmente, sem o devido valor.

“(...) é o modo como ele vai estar se relacionando com os alunos, interagindo com os alunos, interagindo com o conhecimento. Então, não só, não é uma coisa diretiva, professor-aluno, é um meio de estar tentando produzir realmente um diálogo em sala de aula com aluno-professor-conhecimento. Então eu acho que na formação do licenciando seria muito importante a gente ter pelo menos algumas discussões sobre o papel que voz representa nesse processo todo porque a gente ignora isso, a gente fala da importância de interagir com os alunos, interagir com o conhecimento, utilizar vários instrumentos para estar trabalhando isso em sala de aula, e não percebe que um dos principais instrumentos que é a voz do professor, a voz dos alunos também não é considerada nesse processo, a gente passa batido disso e... Nossa, seria muito importante! Eu acho que se muitos professores que eu tive tivessem pensado sobre isso, as aulas seriam muito mais interessantes.” [E3]

A voz contribui naturalmente, sem dúvida. Em muitos casos, porém, se houvesse uma maior consciência por parte do professor a respeito da possibilidade de aperfeiçoar suas funções vocais, haveria abertura para novas ações.

E3, ao falar, entusiasmava-se processando as informações que lhe vinham à mente e percebeu que também a voz do aluno é ponto para discussão, pois ele também precisa ser ouvido. Como ele percebe as questões da voz do professor e suas implicações na aprendizagem! E nesse pensamento, ainda acrescentou que a interpretação do aluno, ouvinte do professor por excelência, é importante para verificar-se o entendimento do mesmo sobre os conhecimentos trabalhados, avaliando sua aprendizagem. Isso é viável ao se oportunizar vez à voz do aluno na sala de aula, nas interações pedagógicas.

“(...). Além da questão da voz, também entra a questão da interpretação, como a pessoa está compreendendo esse conhecimento, compreendendo que é a relação dos alunos com isso, é todo uma rede de conhecimentos envolvidos nessa interação.” [E3]

Numa área correlata às interações, E4 associou a relação da tríade em questão com a comunicação, referindo-se àquela que ocorre na sala de aula, entre professor e aluno, numa relação, a principio, de construção de conhecimentos.

“(...) eu acho que a relação principal é a história da comunicação, parte considerável do processo ensino-aprendizagem é a comunicação, eu até, depois de muito tempo, inclusive renegando isso, hoje eu já acho que transmitir conhecimento é a função principal da escola, da escola formal, transmitir, quer dizer, o carinho não vai precisar reinventar a roda todas às vezes, ele precisa, ele vai reconstruir o conhecimento dentro dele, ele não vai ter que passar pelos mesmos processos que a humanidade passou para construir aquele conhecimento, ele vai ter que passar pelo processo dele para ter acesso e às vezes é uma coisa só de assimilar uma informação, e às vezes não, freqüentemente não, mas de fato, comunicar, transmitir uma série de informações que ele vai juntar e aí o professor mediar essas informações e essas relações, para o cara conseguir construir conceitos que são mais complexos e tal, ele vai fazer isso, quase sempre usando a voz, é (?) na realidade sempre usando a voz, porque mesmo que tenha o computador, mesmo que tenha o quadro, e mesmo que tenha qualquer outra coisa, você fala junto, você explica junto. (...). Então eu acho que a gente tem, então, esses dois aspectos: primeiro você tem que saber o que você está usando, para motivar o educando, o aprendiz a querer aprender e a usar a sua conversa, sua discussão, dar sua postura para isso, e por outro lado, você tem que cuidar do seu instrumento de trabalho para poder continuar trabalhando, se você quiser continuar trabalhando, Mas em geral, a gente quer continuar fazendo aquilo.” [E4]

Ao encerrar sua manifestação, E4 pondera, referindo-se à necessidade de enquanto professor, saber o que se está usando e cuidar do que se tem, valorizando esse instrumento para continuar trabalhando. Confirmando-se assim a necessidade de ter acesso a informações e orientações a respeito da voz, não somente pela relação saúde/doença, mas pelo viés da sua participação relevante no processo ensino-aprendizagem.

c. RELATO DE EXEMPLOS RELACIONADOS À VOZ

Quadro 10 - Percepções sobre a voz [3]

C.	Categoria de análise/ Entrevistados	E1	E2	E3	E4
c	RELATO DE EXEMPLOS RELACIONADOS À VOZ	- voz recurso extraordinário, professor e locutor; - políticos se favorecem	- falar e escrever no quadro	-	-percepção dos professores do filho; - contratação de professores; - casos do estágio;

As informações contidas neste quadro são relevantes no sentido de que, mesmo sem conhecimentos específicos sobre a voz, os professores entrevistados indicaram casos próximos a eles, ou que acompanharam na rotina social, pelos meios de comunicação ou pelas experiências profissionais, relacionados às funções da voz nas interações sociais e /ou pedagógicas.

E1, em dois momentos, referiu-se a outros profissionais da voz, como locutores, atores e políticos, bem como sua percepção quanto ao papel da voz nesses contextos. E2 narra situações sobre uma professora, que o marcou, por adotar uma postura que julgava e ainda julga inadequada.

“(…).Eventualmente quem tem uma voz muito boa e bonita, eu me lembro de um professor colega que lecionava nessa escola de engenharia, ele chegou a convidado para ser locutor na rádio bandeirantes, para você ter uma idéia de como a voz dele era bonita. Ele não era o mais charmoso não era o mais brilhante dentre nós, mas ele tinha isso como um recurso extraordinário.” [E1]

“(…). O ex-presidente Reagan com aquela voz aveludada, charmosa, além do porte físico. Não há dúvida.” [E1]

“(…) eu tive uma professora na graduação, que ela falava, ela pode ter o conhecimento que tiver que ter, mas era horrível, ela tinha um caderno que ela falava escrevendo no quadro. Eu nunca entendi o que ela falou, e ela dava aula o tempo todinho daquele jeito, virada para o quadro e ela era professora. E já era professora há muito tempo; então é uma coisa, um extremo assim”. [E2]

Atualmente, e especialmente na perspectiva da construção de conhecimentos, já não se pode conceber um professor que esteja voltado para o quadro escrevendo e falando, sem olhar e interagir efetivamente com seus alunos.

Nesse aspecto, das aproximações, E3 não se pronunciou efetivamente. Porém, E4 relatou percepções importantes sobre um professor de seu filho, a respeito do padrão vocal que gostaria de ter:

“(…) eu conheço uma professora, e ela dava aula para o meu filho maior, ela dava aula na educação infantil, e agora esta dando aula na educação infantil, e agora esta dando aula na 2ª série, e uma coisa que eu acho fantástico nela, é isso assim, ela passa uma firmeza e ao mesmo tempo uma tranquilidade na voz, que eu queria aprender a fazer e até hoje não consegui, (...)” [E4]

Ainda abordando a questão do que transmitimos pela voz, E4 complementa:

“(…) eu já trabalhei numa escola que eu era coordenadora da educação infantil, eu jamais poderia ser professora, mas coordenadora dava certo, porque eu tinha, tenho uma visão

teórica e tal, e daí na hora de contratar eu pensava nisso, a pessoa tem que ter um tom de voz, não pode ser, tem uma professora na mesma escola que tem uma voz super irritante assim, e eu fico imaginando que aquilo deve deixar os alunos muito transtornados, (...)" [E4]

Conforme registrado logo abaixo, a mesma entrevistada (E4), narrou duas situações importantes no sentido de que a voz deva receber um pouco mais de atenção na profissão professor, inclusive na formação de futuros profissionais. Problemas como estes precisam de soluções, pois, sobretudo, geram no sujeito frustração, tensão e aumentando o estresse, e piorando ainda mais a situação.

"(...). Tem que ter a capacidade de comunicar, eu já vi aluno, aluno do ensino superior, daí no caso estagiário, o cara vai lá dar aula, e chega lá e a voz dele não sai e aí é impossível, ele pode ter preparado a melhor aula, com a melhor concepção pedagógica, com a melhor idéia, se ele não conseguir se comunicar o mínimo, (...) já vi aluno que não falava nada, que a voz simplesmente não saía, não chegava na primeira carteira, quanto mais na última, e aí como é que vai dar aula, não dava aula, não tem jeito. E às vezes forçava um monte à voz, esse mesmo, que daí nos primeiros dias ele falava no tom normal, era tão baixo que não chegava, e aí depois, a partir de um certo ponto, forçava tanto a voz que aquela voz forçada, ficava uma coisa gritada, meio... Que é diferente você falar alto e você falar gritado, e aí aquele gritado, a aula passava de uma apatia para uma sei lá, para uma histeria, sei lá, exagerando um pouco, (...)" [E4]

"(...) quando eu fiz o estágio, o meu colega que fez estágio na equipe junto comigo, ele não conseguia também se comunicar, (...) no caso dele não era porque era baixa, é que a voz dele não dava para entender direito porque era muito fechada, assim, não sei dizer bem o que era, e daí ele falava, ele parecia, sabe a pessoa que fala e parece que tem um ovo na boca, então engole um pouco a palavra e aí as crianças não entendiam, e você ficava, eu ficava às vezes querendo ajudar (...)" [E4]

Para complementar esta discussão, na célula "e" estão descritas e registradas algumas reflexões, alternativas e sugestões dos entrevistados para alcançar sucesso e novas habilidades vocais e educacionais.

d. É POSSIVEL DAR AULA SEM A VOZ?

Quadro 11- Percepções sobre a voz [4]

C.	Categoria de análise /Entrevistados	E1	E2	E3	E4
d	É POSSIVEL DAR AULA SEM A VOZ?	<ul style="list-style-type: none"> - não imagina, nunca pensou; - refere alterações e sugere alternativas; - percebeu mudança de seu padrão ao longo dos anos 	<ul style="list-style-type: none"> - já vivenciou 	<ul style="list-style-type: none"> - não imagina 	<ul style="list-style-type: none"> - não imagina; - não aceita soluções encontradas por outros professores;

Essa pergunta foi incluída na entrevista com o objetivo de conscientizar os professores de que, sem a voz, o exercício da docência fica comprometido. Todos foram taxativos, afirmando não conseguirem nem mesmo imaginar, nem querer pensar no assunto.

“Não. Inimaginável. Não nunca pensei nisso”.[E1]

“Uma tosse, uma alteração rápida do ritmo respiratório. Um gole de água. Posso ter passado por algum aperto, mas inclusive acho que ela vai se tornando mais rouca porque há níveis de solicitação indevidos, ou até pelo exercício não formalmente educado da voz. Mas eu nunca passei por essa, assim. Nesse limite não. Por hora, até hoje pelo menos”.[E1]

“Olha eu já fiquei rouca, rouca assim de não falar nada, sumiu tudo, toda a voz, e eu fui para a sala; é horrível, eu acho que não consigo, olha se eu perder a voz”. [E2]

“(…) Eu não consigo me imaginar dando aula sem usar a voz, não seria uma aula para mim se eu não utilizar esse instrumento, é o tempo inteiro”.[E3]

“(…) eu fiquei me imaginando, o que eu faria se algum dia, sei lá, por algum motivo eu ficasse sem voz e tivesse que dar uma aula. Eu sinceramente não sei, porque para mim é impossível imaginar “. [E3]

“Ah não! Nenhuma chance! É uma coisa que eu até vi assim, eu já tive professores, e sempre achei eles horríveis. Professor que pega entrega um texto, uma lista de exercícios e diz: - Façam e me entreguem em quinze minutos. E... Mas, então assim, eu não consigo me imaginar, eu não dou aula sentada, quanto mais muda. Nenhuma chance!” [E4]

“(…), mas eu não consigo imaginar assim, como é que a gente faz para ensinar alguma coisa que não seja usando a voz, qualquer coisa inclusive porque eu aprendo enquanto falo, (...)” [E4]

E2 foi a única entrevistada que já havia vivido essa situação. E1 e E4 comentam algumas medidas emergentes quando percebem que sua voz está alterada ou “sumindo”. E1 menciona a questão da hidratação. E4 refere o que alguns professores adotam como alternativa para substituir a falta da voz: propor trabalhos em grupo, pesquisas na internet e/ou biblioteca entre outras.

Aqui um apontamento para minha própria reflexão: essas medidas sugeridas por E4 são condutas emergenciais, muitas vezes sugeridas pelos fonoaudiólogos, para os professores em tratamento durante a “crise vocal”. A intenção é poupar a voz desse profissional. É importante frisar que falar sussurrado ou cochichar devem ser

comportamentos evitados nessas circunstâncias, pois exigem um esforço vocal além do normal.

Neste caso, é preciso reavaliar a prática fonoaudiológica. Mais uma vez fica evidente a importância de ouvir os professores, suas opiniões e particularidades.

e. REFLEXÕES E SUGESTÕES SOBRE VOZ

Quadro 12 - Percepções sobre a voz [5]

C	Categoria de análise /Entrevistados	E1	E2	E3	E4
e	REFLEXÕES SUGESTÕES E SOBRE VOZ	<ul style="list-style-type: none"> - usa-se a voz pobremente; - este trabalho poderá esclarecer minimamente a falta de conhecimento; - acesso a material com prós e contras, limites e possibilidades é bem vindo para professores e futuros professores; 	<ul style="list-style-type: none"> - é importante cuidar da parte física e durante as aulas; - ouvir palestra sobre o assunto para valorizar também esse recurso ao preparar as aulas; - para os que têm o dom da palavra é mais simples, para os demais é necessário treinar para dar aula, para reuniões, para defesa da tese; 	<ul style="list-style-type: none"> - argumenta sobre a velocidade de fala; - voz x saberes docentes - nunca teve discussão sobre o papel da voz na formação, normalmente as pessoas não têm; - é relevante o modo como você usa sua voz no desenvolvimento da aula; 	<ul style="list-style-type: none"> - entendeu em sua vivência prática que as pessoas não sabem usar, inclusive ela; - deveria mais não procurou até hoje tratamento e orientações; - reconhece que há excesso de uso vocal e prejuízos; - é tema essencial para futuros professores; - é fundamental ter um tom de voz minimamente audível para exercer a profissão; - curso de matemática não exercita o uso da voz (falar); - oferecer possibilidade de treinamento para os que têm mais dificuldade;

Na realidade não havia intenção inicial de colher sugestões sobre a voz e a formação de professores. Porém, frente aos dados coletados, observou-se que todos os entrevistados haviam feito inferências significativas de como inserir a voz nas discussões educacionais. Algumas mais viáveis, como sugeriram E1 e E2, respectivamente: como preparar uma cartilha com prós e contras, ou mesmo divulgar este trabalho, e trabalhar com palestras informativas e de orientação. Inclusive E2 mencionou a palestra em dois momentos distintos, reforçando esta visão.

“(...) a grande maioria que escolheu a carreira acho que usa desse recurso pobremente, (...)”.
[E1]

“(...). Então eu penso que o seu trabalho, ao lado de muita contribuição de colegas da área pode ajudar a esclarecer minimamente a ignorância nossa, um certo desprezo a uma característica nossa que é usada como determinante na profissão e não damos a devida

atenção. Eu penso que qualquer material que venha a ser produzido e que considere os prós e contras, os limites e as possibilidades do uso da voz, e da fala, da entonação e também de uma certa forma passar esses exemplos para quem está ouvindo, para os alunos que estão em formação, é muito bem vindo”. [E1]

“(...) eu acho que se conseguisse num trabalho desse, em algum momento chega um ponto de preparar uma palestra de conscientização dos licenciandos, eu acho que seria uma contribuição muito interessante, eu não sei se no teu trabalho, você como fonoaudióloga, né... a preocupação com os futuros licenciandos, das diferentes áreas, a preocupação de tentar trabalhar com eles um pouco a importância da voz,(...)”[E2]

“É porque se o aluno tivesse... os meus alunos por exemplo, que são os licenciandos em química e eles pudessem ouvir uma palestra dessas de alguém que tenha a formação que você tem, na área de fonoaudiologia ali, ele pudesse realmente valorizar quando ele fosse preparar a aula, ele lembrar que esses momentos são muito importantes. (...)”[E2]

Além dessa sugestão, E2 acrescentou reflexões interessantes, sugerindo que houvesse então um treinamento vocal para os que não tem o dom da palavra, não só prendendo-se às questões de dar aula, mas também se referindo a outros contextos educacionais que exigem do professor o “falar” bem.

“Então se a pessoa não tem o dom da palavra, por que têm pessoas que saem falando e não precisam preparar o discurso, ele já monta aquilo e já faz parte da pessoa, mas são poucas pessoas que tem esse dom, se ele não tem, ele pode preparar, se preparar, e pode saber como preparar uma aula, como preparar uma reunião, que é tudo que a gente trabalha, na disciplina, por exemplo, numa disciplina dessas, e como se prepara, por que você pode não ir para a aula, mas numa reunião você tem que expor, você tem que saber preparar, usar os instrumentos que está disponível ali para ele, ou ele usa um cartaz, ou ele usa um data show, ele usa um retroprojetor e usa a voz dele também, que está ali agora...”[E2]

Nesse mesmo sentido, E4 direcionou a responsabilidade para o próprio curso, que não avalia a entrada de futuros profissionais quanto ao aspecto vocal (e/ou de fala). Em seu depoimento, afirma considerar que na sua formação, no caso Matemática, o assunto é ainda mais preocupante:

“(...).Então, se você não consegue falar num tom que todo mundo ouça, você não consegue dar aula nenhuma, não tem aula e aí isso também assim, o curso tinha que dar conta disso ou de dizer: - Bom, amigo, então você tem que procurar outra coisa para fazer, porque isso aqui não dá! Ou de preferência, é claro, dar todos os instrumentos para ele fazer o que tiver que fazer, um curso enfim, sei lá. Mas perceber isso logo de cara, porque isso não muda, eu acho até que tem gente que no curso de Matemática, piora isso ao longo do tempo, porque é um curso que não tem apresentação de trabalho, não tem, é só aula, exercício, prova, então você fica fechado, que as pessoas se relacionam pouco, as pessoas conversam pouco e acho que vai piorando no caso do curso de Matemática. Outros cursos eu acho que não piora, mas se tinha, era que melhorar, tinha que dar um jeito de dar os instrumentos para o sujeito trabalhar isso e conseguir transmitir a mensagem dele e não dá, e ao contrario, acho nesse caso até

piore, então, precisava e no caso de treino, de uma pessoa que tenha uma constituição física ou alguma coisa que impedisse, bom tem que convencer ele de que ele tem que procurar alguma outra coisa para fazer da vida, porque não tem condição. É como você pedir para um cego ser piloto de Fórmula 1, não dá, não tem condições, por mais legal que seja o cego, e melhor senso de percepção que ele tenha, não tem jeito.” [E4]

Novamente E4 auto-avalia sua produção vocal, demonstrando plena consciência de que têm problemas vocais a serem resolvidos. Afinal, ela não imagina dar aula sem a voz e não admitiria algumas das soluções para essa situação dentro da sala de aula. (ver Quadro 11).

“(...) Você tem que ter a voz e além disso, você tem que aprender a continuar a ter seu instrumento de trabalho, que é uma coisa que eu, por exemplo, sei que estou fazendo errado, que daqui a pouco eu acho que vou estar sem ele, porque, ou pelo menos tenho certeza que eu já comprometi um monte dele. Então assim, como é que você vai fazer, bom... Você trabalha produzindo softwares e aí você vive batendo no seu computador, e arrancando peças... você não usa ele direito, daqui a pouco você não vai ter como trabalhar, você vai parar de produzir software (...)” [E4]

Num outro sentido, também fica evidenciado que os professores em questão, especialmente E3, necessitam de esclarecimentos e de ter acesso a conhecimentos específicos sobre a voz, pois desconhecem aspectos anátomo-fisiológicos (E4) e as questões relativas aos parâmetros vocais, dados que poderiam facilitar seu uso.

Como já foi descrito neste estudo (no Capítulo 3) e, acompanhando as sugestões de um modo geral quanto à elaboração de cartilhas, *ou de “qualquer material que venha a ser produzido (...) com prós e contras...”* (E1), organização de palestras para os futuros professores (E2) e treinamento (E2, E4), E3 em seu depoimento confirma essa necessidade que também é apontada na literatura pesquisada:

“(...). Com relação a essas questões do quê que é grave, o quê que é agudo. Às vezes a gente não tem bem essa definição. Ou aqueles outros adjetivos que foram usados aqui para falar da voz. E também tem coisas que são mais relativas, como essa coisa que você coloca aqui, que eu apontei da velocidade, não é uma coisa estática, é difícil responder, se eu acho que a minha voz tem uma velocidade específica ou não, porque depende do momento que eu estou vivenciando”. [E3]

Na entrevista de E3, há outra contribuição interessante, que precisaria ser investigada, e que abriria mais um espaço para a voz entre o fazer docente.

“Então, uma das leituras que eu tive há pouquinho tempo atrás, era sobre os saberes docentes, um livro que fala sobre isso, que são aqueles saberes que o professor só vai ter quando ele estiver trabalhando em sala de aula, que na formação inicial não são tratados, não são considerados, ou não sei o que acontece, mas que no momento em que ele está praticando em sala de aula, atuando como profissional, ele vai se dar conta que tem algumas coisas que ele não foi ensinado lá na licenciatura, que ele não aprendeu, eu acho que o papel da voz é um deles, faz parte dos saberes docentes, só depois que a pessoa estiver trabalhando, atuando em sala de aula, é que ele vai se dar conta e perceber como é importante esse instrumento”.
[E3]

De modo geral, a escuta interativa alcançou seu objetivo de conhecer as percepções do professor, inclusive superando as expectativas da pesquisadora.

Capítulo 6

A voz precisa ter sua vez...

É certo que, quando estamos na posição de ouvintes, damos preferência a certas habilidades comunicativas demonstradas pelo nosso interlocutor. Dependendo do conteúdo de sua mensagem, da forma como utiliza as palavras, as pausas, às entonações, na medida em que põe vida naquilo que quer dizer, atrai (ou não) seus ouvintes.

A voz é essencial para envolver afetivamente aquele que a ouve. Você já percebeu isso? Quando a socialização dos saberes, é científica e emocional (Pietrocola, 2001) o aprendizado tem a chance de tornar-se significativo para o aluno, que mais facilmente se apropriará de novos conhecimentos. Você coloca emoção e coração naquilo que ensina? Permite-se o direito de aprender a todo e qualquer momento? Propõe aulas menos expositivas, mais participativas, dialogadas? Gera algum tipo de prazer em aprender ao seu aluno? Pense nisso...

É pelas interações, sejam elas sociais ou essencialmente pedagógicas, que o conhecimento vai sendo “transmitido” e ao mesmo tempo construído, e nesse sentido mais significativamente pela presença da afetividade, da motivação, do prazer em ensinar/aprender que contagia. A voz é parte desse contexto por si só, como um instrumento “inato” que socialmente aprendemos a utilizar a nosso favor, para expressar nossos pensamentos, aprendizados e sentimentos. Como instrumento de trabalho, quando reconhecido como tal pode oferecer mais contribuições.

Também pela voz eu posso, cativar, convencer, chamar e/ou prender a atenção, motivar as pessoas, aos alunos, outros professores. Na perspectiva da Educação Científica e Tecnológica, essas características e funções trazidas pela voz do professor, sobretudo, contribuem substancialmente para a formação de alunos-futuros professores-cidadãos, mais críticos, reflexivos e comprometidos com as questões sociais, ambientais, sócio-histórico-culturais e educacionais.

É inevitável que a escola acompanhe o desenvolvimento de sua sociedade, não somente hoje, mas olhando para o ontem, com direcionamento para o futuro, tentando

trazer à tona, discussões sobre muitos aspectos, entre eles também a comunicação oral, pela voz. Parar para conversar sobre o assunto, ouvindo o que o professor tem a dizer, e com essa pesquisa confirmou-se que ele tem muito a dizer, amplia também a percepção dele, com relação ao fato de que a voz é um instrumento relevante para sua prática.

Essa dissertação pode ser o início de um despertar para a consciência e tomada de atitude. É necessário evitar o uso automático da voz, buscando conhecê-la, compreendendo seu funcionamento, para quem sabe assim, aprimorá-la no sentido de favorecer as situações de ensino-aprendizagem.

É imprescindível referir que possivelmente, o material coletado nas escutas, contenha mais conteúdos a serem explorados e discutidos, além daqueles que minhas análises puderam captar nos depoimentos. Além disso, para cada leitor, tanto as minhas inferências quanto aqueles excertos não comentados, ficam sujeitos às suas próprias interpretações.

Independente disso considero que as análises obtidas poderão auxiliar na percepção da intencionalidade de construção de conhecimento por parte do professor, pelos ajustes vocais, refletindo-se também no aluno.

Dialogar sobre a voz possibilitou, no presente trabalho, refletir sobre o papel da produção vocal no contexto do ensino, permitindo situações de auto-avaliação para o professor seja essa, sobre ele próprio, sobre seus colegas de profissão ou mesmo sobre os futuros professores que se encontram sob sua responsabilidade, no período de formação.

Outro aspecto importante, verificado neste estudo, diz respeito às funções que a voz pode assumir nos espaços sociais/pedagógicos. Mesmo embasados por conhecimentos de senso comum e/ou pela própria experiência, os professores em seus depoimentos, ainda que com certa dificuldade, confirmam a presença dessas funções pela voz na sala de aula.

Discutir essas funções pode proporcionar uma visão mais ampla do que esse instrumento de trabalho/de comunicação interpessoal/de interação-social tem a oferecer à medida que é assim visto, especialmente na perspectiva educacional.

A voz, através dos recursos e ajustes disponíveis, deslocando-se do “natural” para o “construído”, pode então auxiliar certas transformações na prática docente, em especial para aqueles que pouco dominam esse recurso didático (no sentido de instrumento de trabalho/ensino).

Além disso, a voz ou os ajustes vocais, pode favorecer o processo ensino-aprendizagem, minimizando algumas dificuldades entre a relação professor-aluno, uma vez que, no momento atual da educação, o aluno quer sentir-se desafiado, motivado e descobridor, e não simples depositário de informações sem sentido.

Inicialmente havia a preocupação de que falar sobre a voz cabia à educação, e não à Educação Científica e Tecnológica, o que não é uma verdade. Em vários trechos deste trabalho e até mesmo nos depoimentos dos professores participantes, estão postos argumentos nesse sentido.

Também havia incertezas pairando sobre a questão de que falar sobre a voz, era um assunto mais pertinente para tratar com a Pedagogia e com a Psicologia. Quero ressaltar que este trabalho é sobre professores, sejam eles da Educação Infantil ou da graduação ou mesmo da pós-graduação. Para este estudo, direcionou-se o foco para aqueles ligados às Licenciaturas de Física, Biologia, Química e Matemática. Como profissionais da voz, dentro de um prisma de coletividade, se pode constatar que todos precisam ser ouvidos e esclarecidos sobre aspectos relativos à produção vocal.

Lembrando aqui, que se queremos mudanças na educação, devemos assumir mudanças na formação dos futuros professores, que serão por sua vez co-responsáveis na formação de novos profissionais em geral, participantes diretos na vida em sociedade.

Não gostaria de deixar a impressão de que a voz é “salvadora” ou “milagrosa” para resolver problemas que perduram ao longo dos anos nas discussões educacionais. Quero apenas enfatizar que a voz pode ser um novo ponto de partida para enriquecer e valorizar tanto os debates pedagógicos, como os aspectos do processo ensino-aprendizagem.

Entre os professores participantes foi unânime considerar inimaginável dar uma aula sem a voz. Também se constatou que todos possuem conhecimentos prévios e de senso comum, exemplos próximos, experiências pessoais e restrição nas informações sobre toda a potencialidade da voz nas questões de ensino-aprendizagem. Ainda

ponderaram em relação à voz como um instrumento de ensino, e ofereceram contribuições significativas quanto às aproximações entre voz-professor-conhecimento e para a compreensão da voz através das interações (pedagógicas).

Mais adiante é importante procurar pesquisar e avaliar, na prática, se as conexões sugeridas são reais na atuação prática da sala de aula. Isso seria possível ao se observar e filmar a utilização dos parâmetros vocais durante as aulas de professores previamente entrevistados, tanto pelo uso vocal quanto pela adoção efetiva de posturas construtivistas.

Assim, muitos depoimentos “idealistas”, “perfeitos” e aparentemente “verdadeiros” poderiam ou não, serem confirmados.

Outra questão futura seria ouvir depoimentos de alunos desses professores, para saber a impressão auditiva desses sobre seus docentes, para confrontar com as impressões pessoais do próprio professor, ou para identificar se há, de fato, interferência de seu padrão vocal na aprendizagem. Ou ainda, registrar e avaliar as interações pedagógicas propriamente ditas, durante situações escolares.

Avançar nas pesquisas e continuar evidenciando a importância da voz no processo ensino-aprendizagem, levar o professor a parar e pensar sobre mais esse instrumento didático-tecnológico a serviço da educação são brechas de comunicabilidade (Dragone, 2000) que foram abertas a partir dessa dissertação, aproximando a Educação (Científica e Tecnológica ou simplesmente Educação) e a Fonoaudiologia, que devem ser acessadas e divulgadas para tornarem-se ações reais, concretas, pois, sem dúvida está posto o desafio: “A VOZ PRECISA TER SUA VEZ!”

Referências

- ANDRADA E SILVA, M. A de. Saúde Vocal. In: PINHO, S. M. R. Fundamentos em Fonoaudiologia: tratando os distúrbios da voz. Guanabara Koogan, RJ: 1998
- BAZZO, W.A.; PEREIRA, L.T.V. e LINSINGEN, I (eds.) Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade). Cadernos de Ibero-América. OEI, 2003
- BAZZO, W. A. A pertinência de abordagens CTS na educação tecnológica. Revista Ibero-americana de Educación. Enseñanza de la tecnología. Número 28, Enero-abril, OEI, 2002 . Disponível em www.campus-oei.org acessado em 29/05/2005.
- BEHLAU, M. e PONTES, P. Avaliação Global da Voz. 2ª ed. EPPM, SP:1992
- _____. Higiene vocal: informações básicas. Lovise, SP:1993
- _____. Avaliação e Tratamento das Disfonias. Lovise, SP:1995
- BEHLAU, M. Vozes Preferidas: considerações sobre opções vocais nas profissões. In: Revista Fono Atual. Ano 4, nº 16, 2º trimestre – Pancast, SP:2001 (10-14)
- BEHLAU, M., DRAGONE, M. L., FERREIRA, A. E. e PELA, S. Higiene Vocal Infantil: informações básicas. Lovise, SP:1997
- BECKER, Fernando. A epistemologia do professor: o cotidiano da escola. 2ª ed. Vozes, RJ: 1993
- BIZZO, N. Ciências: fácil ou difícil? Àtica, SP:2000.
- BLOCH, Pedro. Sua voz e sua fala – 44 artigos de divulgação. Bloch Editores, RJ:1979
- BRANDI, E. Educação da voz falada: a terapêutica da conduta vocal. 4ª ed. Atheneu, SP: 2002

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Lingüística. 6ª ed. Scipione, SP: 1993

CARVALHO, I. M. Introdução a Psicologia das relações humanas. 15ªed. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

CHIEPPE, D. C. A Fonoaudiologia na Formação do Professor: Estudo sobre a Expressividade em Sala de Aula. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC) - SP, 2004, 104 p.

CHUN, Regina Y. S. A voz na interação verbal: como a interação transforma a voz. Tese de Doutorado em Lingüística Aplicada e Estruturas da Linguagem. PUC-SP: 2000.

COELHO, Livia Dias. Procedimentos de Ensino: um movimento entre a teoria e a prática de ensino. Champagnat, Curitiba: 1997.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. Cortez, SP: 2002

DIMENSTEIN, Gilberto e ALVES, Rubem. Fomos Maus Alunos. Papirus, SP: 2003.

DRAGONE, M^a. L. O. S. Voz do professor: interfaces e valor como instrumento de trabalho. Dissertação de Mestrado em Educação Escolar. Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Araraquara, SP: 2000.

_____. Novos caminhos para os estudos sobre a voz do professor. In: Revista Fonoaudiologia Brasil – Conselho Federal de Fonoaudiologia. v1, n1, p.43-50, set. 2001.

DREOSSI, R. C. F e SANTOS, T. Momensohn O Ruído e sua interferência sobre estudantes em uma sala de aula: revisão de literatura. Pró-Fono Revista de Atualização Científica, Barueri (SP). V. 17, n2, p. 251-258, maio-ago, 2005

ELSEA, J. G. . La primera impresión: una estrategia para comunicarse major. Barcelona: Grijalbo, 1989.

ESCOTET, M. A. Aprender para el Futuro. Madrid: Alianza, 1992.

FERREIRA, Leslie P., OLIVEIRA, I. B., QUINTEIRO, E. A e MORATO, EM. Voz profissional: o profissional da voz. Pró – Fono, SP: 1998

FERREIRA, Leslie P. (org).Um pouco de nós sobre voz. 4ª ed. Pró-Fono Departamento Editorial, Carapicuíba: 1995.

_____. A voz do professor: uma proposta de saúde vocal. In: Girotto, C. R. M. (org). Perspectivas Atuais da Fonoaudiologia na Escola, Plexus, SP: 1999.

_____. Uma pesquisa, uma proposta, um livro: três histórias que se cruzaram. In: FERREIRA, Leslie P., OLIVEIRA, I. B., QUINTEIRO, E. A e MORATO, EM. Voz profissional: o profissional da voz. Pró – Fono, SP: 1998

FRANCATO, Adriana, JÚNIOR, Jonas N., PELA Sandra M. e BEHLAU, Mara. Programa de Aquecimento e desaquecimento vocal. In: MARCHESAN, I. e ZORZI, J. Tópicos em Fonoaudiologia. Pancast, SP: 1996.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Paz e terra, SP: 1996.

_____. La naturaleza política de la educación. Madrid: Paidós-Ministerio de Educación y Ciência, 1990

FREIRE, R. M. e BISTÃO, C. C. A Disfonia Funcional numa Abordagem Interacionista: descrição de um caso. In: FERREIRA, L.P (Org.) Trabalhando a Voz. Summus, São Paulo: 1988 (93-98)

GHEDIN, E. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (orgs). Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 2ªed. SP: Cortez, 2002.

GIANNINI, Susana Pimentel Pinto. Histórias que fazem sentidos: as sobre determinações das alterações vocais do professor. Dissertação de Mestrado. PUC – SP: 2003

HERMES, E.G.C. e NAKAO, M. Educação Vocal na Formação do Docente. In: Revista Fonoaudiologia Brasil – Conselho Federal de Fonoaudiologia. v 2, nº 3, p.48-59, jun. 2003 .

HÜNTER, Sinara dos Santos. e cols. A voz como instrumento de trabalho: uma abordagem para professores universitários. In: BORBA, A M. e FERRI, C.(org.). Formação continuada para docentes do ensino superior: discutindo novas possibilidades. Pró-reitoria de ensino.UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí), SC. Ano 2, nº 03, p. 143 –170, abr. 2003.

LIMA, Maria Emília C. de C. Aprender ciências: um mundo de materiais. Editora UFMG, BH, 1999.

LIMA, Maria do S. L. e GOMES, Marineide de O. Redimensionando o papel dos profissionais da educação: algumas considerações. In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (orgs). Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 2ªed. SP: Cortez, 2002.

LÜDKE, M. E ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. Temas básicos de educação e ensino. EPU, SP: 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. Atlas, SP: 2003

MEDRADO, Reny B. S. Locução Publicitária: análise perceptivo-auditiva e acústica dos recursos vocais. Dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia. PUC-SP: 2002.

OLIVEIRA, Marta K. Vygotsky -aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico. 4ª ed. SP: Scipione, 2000.

PENTEADO, R.Z. Escolas Promotoras de Saúde: implicações para a ação fonoaudiológica. Revista Fonoaudiologia Brasil – Conselho Federal de Fonoaudiologia junho 2002, 28-36.

PERROTA, Claudia; MÄRTZ, Laura Wey; e MANSINI, Lúcia. Histórias de contar e de escrever: a linguagem do cotidiano. Summus, SP:1995

PIETROCOLA, Mauricio (org.) Ensino de Física: conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integradora. Editora da UFSC, SC: 2001

PINHO, S. M. R. Fundamentos em Fonoaudiologia: tratando os distúrbios da voz. Guanabara Koogan, RJ: 1998

_____. Manual de Higiene Vocal para profissionais da voz. 3ª ed. Pró-Fono Departamento Editorial, Carapicuíba: 2002.

PORTO, CELMO C. Semiologia médica. 4ª ed. Guanabara Koogan, RJ; 2001.

POSTMAN, N. Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. (Trad. Reynaldo Guarany) SP: Nobel, 1994.

PRETTE, Almir del e PRETTE, Zilda A.P. del. Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo. 2ª ed. RJ: Vozes: 2001.

REGO, Teresa C. R. A origem da singularidade humana na visão dos educadores. In: OLIVEIRA, M. K, de. Implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural. Caderno CEDES (Centro de Estudos de Educação e Sociedade) 35. Papyrus, SP: 1995

REYZÁBAL, Maria V. A Comunicação oral e sua didática. EDUSC, SP:1999

RODRIGUES, S., AZEVEDO, R. E BEHLAU, M. Considerações sobre Voz Profissional Falada. In: MARCHESAN, I. e ZORZI, J. Tópicos em Fonoaudiologia. Pancast, SP:1996

ROGERSON, J. e DODD, G. Is There an Effect of Dysphonic Teacher' Voices on Children's Processing of Spoken Language? Journal of Voice, v.19, nº1, 2005, p.47-60.

ROLIM, Mª R. P. Análise perceptivo-auditiva das vozes dos professores: um estudo da videoconferência no laboratório de ensino à distância. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção. UFSC, Florianópolis:2001.

SANTIAGO, Frederico C. Encenam Voz e Corpo. Dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia. PUC – SP: 2001.

SAMPAIO, Marisa N. & LEITE LÍgia S. Alfabetização tecnológica do professor. 3ª ed. RJ: Vozes: 1999.

SCHWARZ, K. e CIELO, C. A. A Voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul. Revista Brasileira de Fonoaudiologia – Conselho Federal de Fonoaudiologia. 10 (2): 83-90, 2005.

SERVILHA, Emilse Aparecida Merlin. A voz do Professor: indicador para a compreensão da dialogia no processo ensino-aprendizagem. Tese de Doutorado em Ciências (Psicologia). PUC - Campinas: 2000

_____. Estresse em Professores Universitários na Área de Fonoaudiologia. Revista de Ciências Médicas. PUC – Campinas. Centro de Ciências da Vida. Campinas, SP: v 14, n 1, jan/fev 2005

SIMÃO, A. L. F. e CHUN, R. Y. S. Do movimento a voz surge naturalmente. In: LACERDA, C. E PANHOCA, I. (orgs.) Tempo de Fonoaudiologia. Cabral Editora Universitária, SP: 1997 (61-83)

SOUZA, C. A, BASTOS, F. P. e ANGOTTI, J. A. P. “As mídias e suas possibilidades: desafios para o novo educador. Atas eletrônicas do II ENPEC. Valinhos, SP:1999.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação. Atlas, SP: 1987.

TOUGH, J. El lenguaje oral em la escuela. Madrid: Visor, 1987

TURA, M. L. R. Reflexões em torno do “professor-palhaço”. In: Revista de Educação da AEC - Associação de Educação Católica do Brasil. Disciplina e Liberdade. v. 26, nº 103, abr/jun. – Brasília: AEC, 1997. (pp. 79 – 90)

UNESCO. Declaração de Santo Domingo. CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE CIÊNCIA. Santo Domingo, 1999. Disponível em <http://www.unesco.org.br/publicacoes> acessado em 11/01/2006.

VASCONCELLOS, C. dos S. Construção do conhecimento em sala de aula. Libertad, SP: 1994

_____. Para onde vai o professor? resgate do professor como sujeito de transformação. Libertad, SP: 1995

VIOLA, I. C. Estudo descritivo das crenças populares no tratamento de alterações vocais em profissionais da voz. In: FERREIRA, L. P. (org.) Dissertando sobre a voz. Carapicuíba, SP: Pró-Fono, 1998 (Série Interfaces, v.2)

VILLANI, Alberto, PACCA, Jesuína e FREITAS, Denise. Formação de professores no Brasil: tarefa impossível? Ata eletrônica do VII EPEF – Encontro de Pesquisa em Ensino de Física. Florianópolis, março 2000.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 1ª ed. Martins Fontes, SP: 1984

YURA, L. H.; MIRANDA, S. M.; MARGALL, S.A.C. Comparação da Produção Gráfica de Crianças a partir da Emissão Vocal de Professores com e sem Alterações da Voz. In Atualização em Voz, Linguagem, Audição e Motricidade Oral. Coleção Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Frôntis, São Paulo:1999 (95-114).

WINNER, L. La ballena y el reactor. Gedisa, Barcelona:1987.

WOODS, P. Aspectos sociais da criatividade do professor. In: NÓVOA, A. (org) Profissão Professor. Portugal: Porto Editora, 1995.

ZIEMER, R. Mitologia pessoal e padrões de comunicação. Coleção Distúrbios da Comunicação, n 6: 1-5, 1993

Anexos

1. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica

Estou ciente de estar participando desta pesquisa, realizada pela fonoaudióloga Janice Westphal Román Nappi – acadêmica do Curso de Mestrado em Educação Científica e Tecnológica/UFSC, cujo título é: “A voz como instrumento de ensino”. É de meu conhecimento, que os dados coletados serão analisados apenas em caráter científico, com total sigilo de minha identidade.

FORMULÁRIO PARA ESCUTA DIRECIONADA PRIMEIRA ETAPA

Formulário N°: **Data:** ___/___/2005
Horário De Início: **Horário De Término:**

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

IDADE: ____ ANOS. GÊNERO: (M) (F) GRADUAÇÃO EM: _____

PERÍODO: _____ LOCAL DA GRADUAÇÃO (Instituição): _____

CURSO(S) DE POS –GRADUAÇÃO (nível/local/período) _____

ATUA COMO DOCENTE HÁ _____ ANOS. É PROFESSOR NA(S) ÁREA(S) DE: _____

LECIONA A(S) DISCIPLINA/CURSO (S) DE: _____

LOCAL (S) ONDE ATUA COMO DOCENTE (especifique instituição e horas/aula): _____

JORNADA SEMANAL TOTAL, COMO DOCENTE: _____ HS/AULA.

APROXIMADAMENTE POR QUANTAS HORAS USA A VOZ PROFISSIONALMENTE? _____ (dia/semana)

2. CARACTERIZANDO SUA VOZ:

VOCÊ GOSTA DA SUA VOZ? () SIM () NÃO. Por quê? _____

NA SUA PERCEPÇÃO, SUA VOZ É: () SOPROSA () ÁSPERA () PASTOSA () ROUCA () TENSA
() MONÓTONA () NASALISADA () INFANTILIZADA () FEMINILIZADA () MASCULINIZADA
() ESTRIDENTE () GUTURAL () FALCETE () OUTRA _____

O QUE ACHA DE SUA VOZ ATUAL? () NORMAL () ALTERADA. Caso sua percepção seja relativa à alteração, na sua avaliação, qual o grau? () DISCRETO () MODERADO () SEVERO () EXTREMO

SUA VOZ MUDOU APÓS ALGUM FATO ESPECÍFICO? () SIM () NÃO. Caso sua resposta tenha sido positiva: O que trouxe essa mudança à sua voz? _____

Sua voz ficou () MAIS GROSSA () MAIS FINA () MAIS FRACA () MAIS ROUCA.

Tal fato, () OCORREU APENAS UMA VEZ () EVENTUALMENTE ACONTECE () SEMPRE ACONTECE
DURANTE/ APÓS O USO VOCAL PROFISSIONAL PERCEBE SITUAÇÕES COMO:

- () ARDÊNCIA () TOSSE SECA () ROUQUIDÃO
() PERDA DA VOZ () FALTA DE FÔLEGO () DOR DE GARGANTA
() CANSAÇO AO FALAR () FAZ ESFORÇO () FALTA DE VOLUME E PROJEÇÃO
() VOZ FALHA () ESTRESSE () ROUQUIDÃO TEMPORÁRIA
() FRUSTRAÇÃO () DOR NO PESCOÇO/NUCA/OMBROS
() FRUSTRAÇÃO () FALTA DE SALIVA/ BOCA SECA
() PIGARREAR/ “RASPAR” A GARGANTA
() RUÍDO COMPETITIVO (ventilador/quadra de esporte/crianças gritando, carros ,...)
() OUTROS : _____

QUANTO AOS SEUS HÁBITOS DE VIDA DIÁRIA:

INDIQUE A QUANTIDADE DE ÁGUA INGERIDA/DIA: () POUCO () IDEAL OU ____ LITROS.

Além desta, que outra (s) bebida (s) ingere com maior frequência? _____

FUMA? () SIM, ____ cigarros/dia () NÃO. VIVE EM AMBIENTE COM FUMANTES? () SIM () NÃO

TRABALHA EM AMBIENTE COM AR CONDICIONADO? () SIM () NÃO

APRESENTA ALGUM DISTÚRBO HORMONAL? () SIM () NÃO () DESCONHECE

PRÁTICA EXERCÍCIO FÍSICO? () SIM () NÃO. Qual? _____

APRESENTA PROBLEMA MÉDICO CRÔNICO? () SIM () NÃO. Apresenta: () faringite () rinite

() refluxo gastroesofágico () ou outro. Qual(s)? _____

EM GERAL, VOCÊ É: () CALMO () EXTROVERTIDO () EXPLOSIVO () TENSO () INTROVERTIDO

ACREDITA QUE SUAS EMOÇÕES REPERCUTEM SOBRE SUA VOZ? () SIM () NÃO .

Relate um exemplo: _____

AVIDA FAMILIAR É: () TENSA/ CONFLITOS FAMILIARES () TRANQUILA

NA ROTINA DIÁRIA HÁ: () SOBRECARGA DE TAREFAS () DIVISÃO DE RESPONSABILIDADES

VIDA SOCIAL/ ATIVIDADE DE LAZER: () PRESENTE () AUSENTE. O que faz nas horas vagas? _____

AO FAZER USO DE APARELHOS ELETRÔNICOS (TV, SOM...), o VOLUME É: () ALTO () NORMAL () BAIXO

SOBRE SEU COMPORTAMENTO VOCAL:

QUANTO À INTENSIDADE VOCAL:

() ELEVADA - FALA ALTO () REDUZIDA – FALA MAIS FRACO () ADEQUADA

QUANTO À ALTURA VOCAL:

() VOZ GRAVE () MUITO GRAVE () VOZ MEDIANA () VOZ AGUDA () MUITO AGUDA

EM RELAÇÃO À VELOCIDADE DE FALA:

() FALA RÁPIDO () MUITO RÁPIDO () FALA DEVAGAR () MUITO DEVAGAR () ADEQUADAMENTE

A ARTICULAÇÃO DOS SONS DA FALA É: () IMPRECISA () TRAVADA () ADEQUADA

QUANTO À SONORIZAÇÃO INICIAL: () BRUSCA - fala inicialmente de modo brusco

() ASPIRADO - há escape de ar antes de começar a falar () NÃO PRESTOU ATENÇÃO

INFORMAÇÕES PESSOAIS:

TEVE (TEM) ALGUM PROBLEMA VOCAL? () SIM () NÃO. Qual? _____

Em algum momento, afastou – se do trabalho por problemas vocais? () SIM () NÃO. Quantas vezes? _____

FEZ (FAZ) ALGUM TRATAMENTO? () SIM () NÃO. Qual? _____

VOCÊ ACHA QUE TEM CONHECIMENTO SUFICIENTE PARA UTILIZAR SUA VOZ PROFISSIONALMENTE? () SIM () NÃO. Por quê? _____

VOCÊ SE MANTÉM ATUALIZADO SOBRE ESTE ASSUNTO? () SIM () NÃO. De que maneira:

() LEITURAS () INTERNET () PALESTRAS () AULAS () CONVERSA COM OUTROS COLEGAS

DE PROFISSÃO () FAMILIARES () OBSERVANDO OUTROS PROFESSORES () NÃO SE PREOCUPA

() OUTROS MEIOS. Qual(s)? _____

NA SUA OPINIÃO, ESTE ASSUNTO É RELEVANTE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR? () SIM () NÃO.

Por quê? _____

Gostaria de registrar alguma informação extra? () SIM () NÃO. Qual? _____

Sua participação sem dúvida enriquecerá meu trabalho, obrigado!!

Janice



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica

Estou ciente de estar participando desta pesquisa, realizada pela fonoaudióloga Janice Westphal Román Nappi – acadêmica do Curso de Mestrado em Educação Científica e Tecnológica/UFSC, cujo título é: “A voz como instrumento de ensino”. É de meu conhecimento, que os dados coletados serão analisados apenas em caráter científico, com total sigilo de minha identidade.

FORMULÁRIO PARA ESCUTA INTERATIVA SEGUNDA ETAPA

Formulário N°: **Data:** ___/___/2005
Horário De Início: **Horário De Término:**

1) **HISTÓRIAS DE VIDA** - Como você chegou a professor, como essa profissão aconteceu na sua vida? Você gosta de sua profissão? Se espelha em alguém para exercer sua atividade? Hoje, tendo passado pela experiência de aluno e atuando como professor, o que acrescentaria na formação inicial do docente/licenciando? O que você admira/não gosta em um professor?

2) **NOÇÃO DA NATUREZA DO CONHECIMENTO** - Como professores, detemos certos conhecimentos, que devemos passar aos alunos... Mas afinal o que é esse conhecimento? Como você caracterizaria a natureza do conhecimento que trabalha em suas aulas? Você visualiza a natureza do conhecimento que seus alunos – futuros professores, irão trabalhar em suas próprias aulas? Será que a voz também teria importância nesse processo? Qual sua opinião, já chegou a pensar nisso?

3) **VOZ COMO RECURSO DIDÁTICO, FUNÇÃO (S) NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM** - Pensando em seu trabalho com esse conhecimento, como é a organização e estrutura das suas aulas? Nessas situações você costuma utilizar algum recurso pedagógico ou tecnológico? Você (não) mencionou a voz como um recurso... Na sua prática como percebe a utilização da voz em sala de aula? Em algum momento ela é essencial? Qual(s)? Conseguiria estabelecer alguma relação entre o uso da voz, o trabalho com conhecimento, e o professor? Para você um interfere e influencia o outro/no outro?

* Você se imagina dando aula sem usar a voz? Isso já aconteceu? como? quando? pq? ...relate.

Agradeço mais uma vez sua colaboração! Espero que faça bom uso desse Kit Vocal!
Janice

2. TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Como aluna de mestrado, estou desenvolvendo a pesquisa A voz como instrumento de ensino, sob orientação dos Profs. Drs. Walter Bazzo e Vivian Leyser. Minha pesquisa tem por objetivo identificar e analisar as características e o papel da voz no contexto do ensino. Para tal finalidade, planejo ouvir as opiniões de docentes do Ensino Superior da UFSC, que atuem como formadores de futuros professores nas áreas de atuação do PPGECT. Na análise desses depoimentos, procurarei ressaltar aspectos que evidenciem a importância da voz nas interações com o conhecimento científico e os alunos, em sala de aula.

Gostaria de contar com a sua colaboração, de forma voluntária, para fornecer dados para um questionário, bem como participar de uma entrevista semi-estruturada individual, que será gravada.

Caso deseje aceitar esse convite e fazer parte desse estudo, por gentileza assine ao final deste documento, que está em duas vias (uma delas é sua).

A aceitação em participar de minha pesquisa implica somente em disponibilizar cerca de uma hora de seu tempo, a ser marcada em data e local de sua conveniência.

Ressalto que tanto os conteúdos do questionário, como da sua entrevista, serão mantidos de forma a preservar sua identidade pessoal. Você também tem o direito de retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, bastando comunicar-me sua decisão.

Agradeço desde já sua colaboração para o desenvolvimento da minha pesquisa, e fico à disposição pra qualquer outro esclarecimento que seja necessário.

Meus telefones para contato são: 247 – 1055 (com.) e 8418- 9090 (cel.)

Cordialmente.

Janice Westphal Román Nappi

De acordo.

Florianópolis, setembro de 2005.

Prof. Walter Antonio Bazzo

Prof. Vivian Leyser



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do projeto “A voz como instrumento de ensino”, fornecendo dados para um questionário e concedendo uma entrevista.

Declaro que fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Janice W. Román Nappi sobre os objetivos da pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Florianópolis, ____ de _____ de 2005.

Assinatura: _____

Telefone para contato: _____

E-mail: _____

3. TRANSCRIÇÕES NA ÍNTEGRA DAS ESCUTAS INTERATIVAS

As informações foram reunidas no cd, em forma de arquivos do Word.

4. Material fornecido por escrito